

CAMILA ALKMIM BIANCO

**A RELAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE O HOMEM E SEU
CACHORRO DE ESTIMAÇÃO : UMA ABORDAGEM
JUNGUIANA**

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2012

CAMILA ALKMIM BIANCO

**A RELAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE O HOMEM E SEU
CACHORRO DE ESTIMAÇÃO : UMA ABORDAGEM
JUNGUIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ciências
Humanas e da Saúde, curso de
Psicologia, como exigência parcial
para a graduação no curso, protocolo
261/2011, sob orientação da Prof.
Dra. Noely Montes Moraes.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2012

RESUMO

BIANCO, Camila Alkmim. A relação simbólica entre o homem e seu cachorro de estimação: uma abordagem junguiana, São Paulo, 2012. Orientadora: Profa. Dra. Noely Montes Moraes. Trabalho de Conclusão de Curso, PUCSP, 2012.

Este trabalho buscou estudar, com base no constructo da psicologia analítica, as representações dos cães de estimação mediante a relação destes com seus proprietários. Os animais de estimação são compreendidos como uma referência externa a sentimentos internos, auxiliares na produção de identidades, além do fato de admitirem, comumente, um papel de apego e de afeto, exercendo inúmeros papéis seja para o indivíduo, para o círculo familiar ou para um contexto social amplificado. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de uma entrevista semi-dirigida a 10 participantes maiores de 18 anos proprietários de cães. A análise destas foi realizada mediante o método da amplificação simbólica e da análise de conteúdo. Os relatos nas entrevistas, abordados mediante uma perspectiva simbólica, foram agrupados em categorias cuja análise apontou que a relação entre o homem e seu cão de estimação constela projeções e vivências importantes. O entendimento destas vivências permite uma apropriação, conscientização e integração de conteúdos necessários e inerentes às relações na contemporaneidade.

Palavras-chave: psicologia analítica, cães de estimação, relações interpessoais, símbolo, projeção.



À Kika: meu refúgio, meu lar, meu lugar,
meu consolo, meu conforto, minha esperança,
meu alívio, minha força motriz e muito mais.
Mais do que o que fiz dela, o que ela fez de mim.
Minha inesgotável gratidão e meu eterno amor.

AGRADECIMENTOS

À minha cachorra Kika, inspiração para este trabalho.

À minha família, por me oferecerem subsídios do que sou e do que possivelmente serei, por estarem sempre presentes e me permitirem ter a vivência tão gratificante que foi a de ter um animal de estimação tão especial como a Kika.

À Professora Luísa de Oliveira, que me iniciou na Psicologia Analítica, me acompanhou e orientou tão proximamente nos primeiros rascunhos da elaboração do projeto desta pesquisa.

À Professora Dra. Liliana Liviano Wahba, que me iniciou no âmbito da pesquisa científica e a quem sou muito grata por tanta contribuição, teórica e prática. Também agradeço pela leitura do projeto inicial desta pesquisa e pelo auxílio no aperfeiçoamento do mesmo.

À Professora Dra. Noely Montes Moraes, sempre bastante disponível, que acompanhou e orientou o aprimoramento e desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Dra. Eloisa Marques Damasco Penna, a quem tenho grande apreço, contribuiu e contribui para a expansão de meu conhecimento, tanto na teoria quanto na prática, na Psicologia Analítica.

Aos meus amigos Barbara, Giulia, Guilherme, Layla, Marcel, e a todos que tiveram a oportunidade de me conhecer em companhia da Kika e que me acompanharam e apoiaram no momento de sua perda. A todos aqueles que optaram e optam por me preservar, de alguma forma, em suas vidas.

Aos participantes desta pesquisa, que tão ternamente se disponibilizaram e colaboraram compartilhando suas vivências com seus cães de estimação.

Ao curso de Psicologia da PUC-SP e às pessoas com quem tive a oportunidade de conviver nesse espaço ao longo desses 5 anos.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	p. 06
1.1	Revisão bibliográfica.....	p. 07
2	Delimitação e problematização do tema.....	p. 12
3	Objetivos.....	p. 15
4	As relações afetivas na contemporaneidade.....	p. 16
5	O papel da projeção no desenvolvimento da personalidade.....	p. 22
5.1	O símbolo, o arquétipo, o complexo e o inconsciente.....	p. 25
6	Mitos e símbolos envolvendo o cão.....	p. 28
7	Método e quadro teórico.....	p. 33
7.1	Procedimento de coleta de dados.....	p. 33
8	Análise das entrevistas.....	p. 36
8.1	Quadro de categorias.....	p. 36
8.2	Amplificação simbólica.....	p. 62
9	Discussão.....	p. 69
10	Conclusão.....	p. 72
	Referências.....	p. 74
	Anexos.....	p. 77

1 INTRODUÇÃO

Os animais ocupam um lugar de destaque na vida humana desde os primórdios, tendo uma complexa participação na vida do homem primitivo, em seu sentido primordial e ocasionando intensas transformações na consciência deste. No folclore popular, encontramos referência a tempos em que as pessoas e os animais não se distinguiam, assumindo uns as formas dos outros (BERZINS, 2000; PASTORE, 2009). Segundo Saraiva (2003) os homínídeos demonstraram-se cada vez mais capazes de elaborar representações nas relações entre as coisas e entre indivíduos, constituindo os chamados *polílitos*. Estes consistem nos conjuntos organizados, de objetos ou indivíduos, de forma a compor uma nova unidade funcional. Esta última se assemelha à ideia de símbolo.

(...) a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de construir símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo. E essa capacidade ainda continua a ter uma importância psíquica vital. Dependemos, muito mais do que imaginamos, das mensagens trazidas por esses símbolos, e tanto as nossas atitudes quanto o nosso comportamento são profundamente influenciados por elas. (HENDERSON, 2008, p. 138)

Na pré-história, segundo Berzins (2000), os animais eram vistos tanto como forças do bem, que eram veneradas, quanto como forças do mal, que eram temidas. Cousineau (2003) relata que Campbell, neste sentido, difunde a ideia de que os animais eram vistos como a manifestação de poderes divinos. Nos textos medievais, por sua vez, há a referência aos animais como sendo, principalmente, símbolos do trabalho, de comida e de paródia ao comportamento humano (JÚNIOR, 2008).

O início da relação de respeito aos animais, segundo Desmond Morris (apud BERZINS, 2000), ocorreu há cerca de 20 mil anos. Dos caçadores até os egípcios pré-históricos, os animais desempenhavam papéis de totens, símbolos ou seres sagrados. Esta concepção foi dissolvida quando o homem passou a entender a raça humana acima de todas as outras raças, o que indica o início do antropocentrismo, pensamento que se perpetuou até o século XVIII e início do século XIX. Mediante o progresso das ciências, este paradigma hierárquico pôde ser relativizado e concluiu-se que a Terra e as demais espécies não estavam à serviço da humanidade. Neste sentido, o animal deve ser entendido como parte do homem e base para o desenvolvimento da psique (RAMOS et. al., 2005).

A imagem animal habitualmente simboliza a natureza primitiva e instintiva do homem. Mesmo os homens civilizados não desconhecem a violência dos seus impulsos instintivos e a sua impotência ante as emoções involuntárias que irrompem do inconsciente. Essa é uma realidade ainda mais evidente nos homens primitivos, que estão menos bem equipados para suportar as tempestades emocionais e cuja consciência é menos desenvolvida (JAFFÉ, 2008, p. 318).

1.1 Revisão bibliográfica

Segundo Berzins (2000), no início do século XVIII os animais eram encontrados por toda a parte e considerados, de certa forma, como indivíduos. Alguns chegavam a estabelecer contato íntimo com o dono e recebiam nomes classificados e entendidos como humanos. Era comum o animal receber nomes que engrandeciam qualidades humanas como Bondade, Graciosa, etc. Também era comum presenciar os donos em conversas com seus animais enquanto estes recebiam a alimentação ou acompanhavam seus donos em seus trabalhos.

Os cães sempre foram privilegiados na interação com o homem. Existiam muitos deles nas propriedades dos tempos modernos e eram entendidos como cães de utilidade quando exerciam funções, destacando-se como principal a de guarda de propriedade. Além disto, os cães chegavam a puxar pequenas carroças, trenós, acompanhavam tropeiros, agricultores e açougueiros. Havia ainda os ditos cães de estimação que mereciam afeto e uma condição mais elevada de vida. Deste modo, havia distinção social dos cães assim como havia entre seus donos (BERZINS, 2000).

Os mastins e mestiços eram lascivos, incestuosos, imundos e truculentos, e o vira-latas de açougueiro rosnante, raivoso, rabugento e soturno. Mas o cão de caça, em contraste, era nobre, sagaz, generoso, inteligente, fiel e obediente (THOMAS apud BERZINS, 2000).

Mediante as mudanças na estrutura familiar houve a geração de uma ampliação da quantidade de pessoas que vivem apenas com seu(s) animal(is) de estimação. A ligação entre o homem e os animais vem se tornando mais estreita à medida que há o aumento dos benefícios, físicos e emocionais, resultantes desta relação. Deste modo, os animais de estimação, principalmente os cães, vêm sendo cada vez mais considerados como membros da família. Essa consideração articula-se também com a preocupação de bem estar dos animais e uma sinergia entre o respeito a esses

seres como critério de civilidade e de sentimentos elevados (DAL-FARRA, 2003; GARDEMANN, NETA, PARANZINI & TRAPP, 2009).

Transitando por entre novos significados de animais de companhia produzidos em novos cenários culturais, a presença de cães de diferentes raças em locais públicos não apenas leva à construção de novas leis e de novos produtos frente à profusão de representações de animais, mas também cria novas práticas sociais e se inscreve na produção de identidades. (DAL-FARRA, 2003, p. 02)

Garber (apud BARRETO, 2002) afirma que vivemos a década do cão uma vez que este animal se faz presente na internet, nos supermercados, na literatura e na alta costura (canina). Aponta que existe, cada vez mais, uma estreita relação entre seres humanos e cães: anúncios, filmes, reportagens e todos solenizam o melhor amigo do homem e suas qualidades.

Cachorros, costumamos declarar, oferecem amor incondicional, enquanto amantes e amados humanos, são na maioria das vezes, humanas demais em suas incoerências, fragilidades e teimosias. [...] O cão se torna o repositório daquelas propriedades humanas paradigmáticas que clinicamente deixamos de encontrar nas pessoas (GARBER apud BARRETO, 2002)

Os gatos demoraram um tempo maior, em relação ao cão, para ascender na escala de afeto humano. Segundo Berzins (2000), na Idade Média eles eram criados apenas para combater ratos e camundongos, sendo vistos, por muitas vezes, como causadores e responsáveis por alergias e problemas respiratórios. No século XVIII os gatos passaram a ser reconhecidos como animais de estimação, oficializando sua posição como criatura a ser mimada e afagada por seu companheirismo.

Os animais de estimação proporcionavam companhia aos solitários, alívio aos fatigados e compensação aos que não tinham filhos, eles manifestavam aquelas virtudes que os humanos com tanta frequência mostravam não ter e serviam de modelo para os empregados domésticos (BERZINS, 2000, p. 59).

Keith Thomas (apud BERZINS, 2000) pondera distinções entre os animais de estimação e os demais animais. Os animais de estimação, diferentemente dos demais animais, possuíam permissão para entrar na casa, recebiam um nome pessoal e individualizado, e não eram utilizados como alimento devido à estreita relação estabelecida com a sociedade humana.

Estudos demonstram os possíveis benefícios advindos da relação homem-animal, podendo ser classificados como sociais, físicos e psíquicos. Os animais

auxiliam no convívio social, propiciam conforto, companhia e amor incondicional exercendo um papel de suma importância especialmente na vida de idosos e de pessoas emocionalmente fragilizadas (BERZINS, 2000; EMMISON & SMITH apud DAL-FARRA, 2006; KAUFMAN & KAUFMAN apud GARDEMANN, NETA, PARANZINI & TRAPP, 2009; LEFEBVRE et al. apud GARDEMANN, NETA, PARANZINI & TRAPP, 2009; TABOADA, JOHNSON & BRACKENRIDGE apud GARDEMANN, NETA, PARANZINI & TRAPP, 2009).

Foram realizadas pesquisas, nos Estados Unidos da América e na Europa, que apontam para alguns benefícios advindos da relação homem-animal, tais como a redução do tempo de recuperação das doenças quando sofreram, por exemplo, uma cardiopatia isquêmica. Nestas situações a presença do animal resultou na redução da ansiedade, diminuição da depressão, uma vez que os animais incentivam atividades físicas (realização de cuidados diários com o animal).

Quedan (apud BERZINS, 2000) afirmou que os animais, principalmente os cães, favorecem uma interação melhor dos seus donos com outras pessoas, facilitando a conquista de novas amizades, destacando-se o efeito positivo sobre a comunicação geral, tanto no que tange às comunicações propriamente com outros indivíduos como no que tange à comunicação do dono com seu próprio animal que tende a ser adotado como cúmplice uma vez que não possui linguagem humana e, neste sentido, mantém sigilo do que lhe foi contado.

A Dra. Hannelone Fuchs (apud BERZINS, 2000) reuniu vários benefícios que o animal de estimação proporciona ao homem, dentre eles: proporcionar alívio para situação tensa, proporcionar disponibilidade ininterrupta de afeto, estar sempre à disposição do homem, proporcionar a percepção de amor e afeto incondicional, fazer o homem rir, ser companhia constante, dar a sensação de amizade incondicional, suprimir a carência de afeto da pessoa, dar proteção e segurança, etc.

A criança e o homem primitivo, entendido no sentido primordial em que a psique humana original encontra-se indiferenciada havendo o predomínio do inconsciente e de uma consciência frágil (NEUMANN, 1999), vivenciam os animais diretamente, não havendo, portanto, uma distinção entre indivíduo e animal com o qual ele se identifica. Incorporando a qualidade de um animal, o indivíduo a assimila, o que converte o animal em um meio de acesso aos instintos e de ampliação da consciência (RAMOS et. al., 2005).

A profusão de símbolos animais na religião e na arte de todos os tempos não acentua apenas a importância do símbolo: mostra também o quanto é vital para o homem integrar em sua vida o conteúdo psíquico do símbolo, isto é, o instinto. O animal em si não é bom nem mau; é parte da natureza e não pode desejar nada que a ela não pertença. Em outras palavras, ele obedece a seus instintos. Esses por vezes nos parecem misteriosos, mas guardam correlação com a vida humana: o fundamento da natureza humana é o instinto. Mas no homem, o *ser animal* (que é a sua psique instintual) pode tornar-se perigoso se não for reconhecido e integrado na vida do indivíduo (JAFFÉ, 2008, p. 321).

Neste sentido, pode se entender a mensagem característica de um determinado animal como uma referência externa a um sentimento interno e, portanto, a relação do homem com o mundo animal como reflexo da relação entre sua consciência e seus instintos. O animal, de modo geral, expressa a hierarquia dos instintos, o infra-humano instintivo e aspectos psíquicos inconscientes como a agressividade e a voracidade. Há o predomínio dos impulsos, da atividade, do movimento interior e exterior, da consciência sensorial do sujeito e do sentido comunitário de coesão e condução do grupo, fatores essenciais e determinantes ao desenvolvimento da cultura humana (NEUMANN, 1999; RAMOS et. al., 2005).

De um ponto de vista psicológico, a relação do homem com seu animal de estimação propicia uma complexa rede de vivências, em especial, de ordem projetiva. Segundo Stein (2006), na segunda etapa do desenvolvimento da consciência, posterior à *participation mystique* em que há uma identificação entre a consciência do indivíduo e o seu mundo circundante, as projeções tornam-se mais localizadas, surgindo distinções mais claras entre eu e o outro. Progressivamente esta diferenciação entre o si-mesmo (interior) e o outro (exterior) aumenta e aprimora-se, possibilitando uma projeção mais centrada.

Alguns objetos no mundo são agora claramente mais importantes e interessantes do que outros porque contêm projeções e são recipientes de investimento libidinal. Mãe, brinquedos favoritos, objetos brilhantes em movimento, animais de estimação, pai, outras pessoas, tornam-se especiais, são escolhidos e distinguidos. Assim, à medida que o desenvolvimento consciente prossegue, ocorre a diferenciação e a projeção passa a fixar-se em figuras específicas. E uma vez que as projeções recaem sobre o desconhecido, o mundo está repleto de oportunidades para continuar o processo de projeção ao longo de uma vida inteira (STEIN, 2006, p. 161).

Jung (1986) postula que o processo de desenvolvimento que é peculiar à psique consiste na integração de conteúdos que podem se tornar conscientes, o que é equivalente a conceber o indivíduo psíquico como uma totalidade. Este processo traz conseqüências notáveis para a consciência uma vez que esta se confronta com os conteúdos inconscientes. Desta maneira, quando os conteúdos inconscientes do

indivíduo tornam-se conscientes, passam a ser assimilados pela personalidade do eu e provocam uma transformação desta última.

Principalmente o símbolo do animal aponta, como já dissemos, para o extra-humano, para o suprapessoal; pois os conteúdos do inconsciente coletivo são, não só os resíduos de modos arcaicos das funções especificamente humanas, como também os resíduos das funções da sucessão de antepassados animais do homem, cuja duração foi infinitamente maior do que a época relativamente curta do existir especificamente humano (JUNG, 2008a, § 159, p. 89).

É possível afirmar a importância simbólica, emocional e psíquica que os animais, em especial os domésticos, exercem em relação ao ser humano. Jung (2008b, p. 126) afirma que a psicologia é a única ciência que precisa levar em conta o fator do *valor* (isto é, o sentimento), pois é ele o elemento de ligação entre as ocorrências físicas e a vida. Sendo a relação homem-animal de estimação revestida de tanto valor e importância desde o início da história da humanidade e, particularmente, nos tempos atuais, torna-se relevante considerar esta relação sob o enfoque psicológico.

2 DELIMITAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA

Neumann (1999) tece a hipótese da Grande Deusa (ou Grande Mãe) como tendo sido venerada como a Senhora dos Animais na época matriarcal dos povos desde a Índia até o Mediterrâneo. A consciência moderna atual, no entanto, compreende a diversidade e as diferenças entre homens, animais, plantas e o mundo inorgânico de um modo distinto em relação à época das sociedades entendidas como matriarcais.

Atualmente o modelo comumente difundido nas sociedades é o patriarcal que, segundo Penna (2003), favorece a inferiorização do feminino a ser, então, dominado e desfrutado. O patriarcal, da mesma maneira que o matriarcal, pode assumir uma forma animal, contudo o mito da divindade masculina (herói masculino) surge predominantemente em oposição ao animal com o qual ele luta e vence, enquanto que a Grande Deusa, entendida como Senhora dos Animais, os domina, porém não se embate com os mesmos (NEUMANN, 1999).

A Senhora dos Animais está próxima da natureza humana selvagem e primitiva, dos instintos e pulsões selvagens, tendo uma imagem na psique humana que manifesta a inconsciente ordem da natureza. O animal, portanto, pode ser compreendido como símbolo do estágio da vida que engloba a predominância dos impulsos, das atividades, do movimento interior e exterior, da consciência sensorial do indivíduo, do sentido comunitário de coesão e condução do grupo que favorecem a fundamentação de toda a cultura (NEUMANN, 1999).

A criação de animais de estimação, segundo Almeida (2009), é um atributo universal nas sociedades humanas, estando presente, atualmente, na metade das famílias ocidentais. Deste modo, a relação entre homens e animais é complexa, iniciando-se nos primórdios da história com a domesticação dos animais e conservada até hoje por sentimentos um tanto quanto peculiares (FARACO apud ALMEIDA, 2009). Os animais de estimação, além do fato de admitirem, comumente, um papel de apego e de afeto, exercem inúmeros papéis seja para o indivíduo, para o círculo familiar ou para um contexto social amplificado.

Psicólogos detectam que cada vez mais o animal de estimação é tratado como se fosse um membro da família, cuja morte provoca a mesma comoção reservada aos humanos... O animal de estimação seria o amigo ou parente ideal: dá afeto incondicional e não questiona as ordens recebidas (DIMENSTEIN apud BERZINS, 2000)

É possível que o contato com os animais auxilie o homem em seu autoconhecimento, no estabelecimento de sua identidade e na descoberta de seus próprios impulsos e realidades animais. Segundo Odendall (apud ALMEIDA, 2009), os animais podem representar a única ligação do homem com um mundo legítimo e autêntico, sem mediocridades e hipocrisias.

A história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) e até mesmo formas abstratas (os números, o triângulo, o quadrado, o círculo). (JAFFÉ, 2008, p. 312)

A relação homem-animal está presente na maioria das culturas (CHEVALIER & GHEERBRANT apud PASTORE, 2009), e se atribui a eles um vasto simbolismo moral, instintivo e das emoções por meio de metáforas, analogias ou intuições psíquicas. Segundo Pastore (2009), a simbologia dos animais é, portanto, universal e transcultural. A abundância de símbolos animais presentes em representações religiosas e artísticas, por exemplo, não acentua apenas a importância do símbolo como também o quanto é vital para o homem a integração, em sua vida, do conteúdo psíquico do símbolo, isto é, a revelação de comportamentos mais básicos instintivos. O homem é o único que exerce controle, por livre arbítrio, de seu próprio instinto, porém também é o único capaz de reprimi-lo, desvirtuá-lo e feri-lo (JAFFÉ, 2008).

Os animais, segundo Cirlot (1984), compreendidos como imagens arquetípicas¹, representam camadas profundas do inconsciente e do instinto, sendo símbolos dos princípios e das forças cósmicas, materiais ou espirituais. Os cães, especificamente, recebem atribuições simbólicas comumente relacionadas à fidelidade, ao aspecto de guardião, ao herói civilizador, ao ancestral mítico, ao símbolo de potência sexual, podendo-se entender o cão como a face diurna de um símbolo. O cão, ainda, pode representar o acompanhante do morto em sua viagem noturna pelo mar associado ao símbolo materno enquanto relação mãe-natureza (tanto no que tange ao profano quanto ao sagrado).

Esse interesse que o homem sempre sentiu pelo animal, considerando-o como materialização de seus próprios complexos psíquicos e simbólicos, é hoje em dia muito

¹ Note-se que arquétipo, segundo Jung (2008c), é um elemento primordial e estrutural da psique humana, tratando-se da possibilidade herdada de ideias e sendo, em si mesmo, irrepresentável. Seus efeitos são discerníveis nas imagens e motivos arquetípicos.

sensível na popularidade dos animais domésticos, sobretudo nos animais de estimação que são adotados mais do que simplesmente criados. (CIRLOT, 1984, p.58)

Partindo-se, portanto, do pressuposto de que os seres humanos desenvolvem vínculos afetivos não exclusivamente com outros seres humanos, mas também com os animais, decidiu-se investigar a relação entre homem e animal de estimação, como englobando um conjunto de fenômenos psíquicos. Neste projeto, especificamente, serão escolhidos os proprietários de cachorros em função do interesse da autora, sem seguir qualquer outra determinação.

São esses seres humanos, nossos contemporâneos, os produtores dos símbolos que cabe a nós, psicólogos, investigar. Para explicar esses símbolos e o significado deles, é vital estabelecermos se as suas representações acham-se ligadas a experiências puramente pessoais ou se foram particularmente escolhidas pelo sonho de uma reserva de conhecimentos gerais conscientes (JUNG, 2008b, p. 121).

O cão de estimação, compreendido como símbolo, pode evocar distintas significações com caráter pessoal e coletivo, podendo assumir conteúdos do próprio indivíduo (projetados pelo indivíduo) proprietário do animal. É de fundamental importância e valor prático compreender a conscientização das relações afetivas, o papel do instinto na vida humana, os conteúdos e fenômenos psíquicos comumente contidos na relação entre o homem e seu cão de estimação na contemporaneidade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Compreender aspectos psíquicos constelados pela relação entre homem e animal de estimação, especificamente cães, tendo como cenários os padrões de afetividade trazidos pela contemporaneidade.

3.2 Objetivos específicos

3.2.1 Compreender a articulação entre o contexto contemporâneo, especialmente dos relacionamentos, e a presença cada vez maior do cão na vida das pessoas.

3.2.2 Estudar as projeções, fantasias, símbolos e significações pessoais, relacionadas às coletivas, que os cães de estimação podem assumir na relação com o seu dono.

4 AS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONTEMPORANEIDADE

O amor é um dos mais poderosos motores das coisas humanas e o princípio de aceitação ao próximo caracteriza-se como o ato de origem da humanidade. A modernidade líquida característica à contemporaneidade, no entanto, apresenta alterações profundas no modo de vivenciar as experiências humanas fundamentais, traz consigo uma propensão à rapidez, a imprevisibilidade nas mudanças relativas à vida e acelera a mudança de papéis, de tramas e de ambientes no cenário urbano, propiciando uma sensação constante de insegurança opressiva. Atualmente difunde-se na tendência cultural a intolerância no contato com o desgaste e com o envelhecimento, a ênfase na individualização, e as visões de relacionamentos oscilam entre a oposição que abarca sonho e pesadelo. A precariedade, a instabilidade e a vulnerabilidade são as características mais difundidas nas condições de vida contemporânea (ARATANGY apud GUARNIERI, LOUREIRO, MENIN & MORAES, 2012; BAUMAN, 2001; BAUMAN, 2004; JUNG, 2005).

Lipovestky (apud GUARNIERI, LOUREIRO, MENIN & MORAES, 2012) define a época atual como hipermodernidade. Esta é permeada por paradoxos como a aceleração do tempo e a necessidade de redescoberta do mesmo; preocupação com a qualidade de vida e o excessivo cuidado com o corpo físico. O homem hipermoderno é igualmente prudente, afetivo e relacional, porém é neste paradigma que as relações reais de proximidade e intimidade tendem a serem substituídas pelos relacionamentos virtuais. As diversas formas de espera e lentidão passam a ser, portanto, desvalorizadas e o indivíduo assume o domínio técnico sobre o tempo e espaço, porém suas forças interiores declinam-se. A hipermodernidade é fértil na medida em que compreendemos sua multiplicidade como fator favorecedor no auxílio a novas descobertas e no desenvolvimento de nossas potencialidades. Em contraponto, a mesma multiplicidade pode ser a fonte de um maior número de frustrações.

A cultura pós moderna é descentrada e heteróclita, materialista e psi, pornô e discreta, inovadora e retro, consumista e ecologista, sofisticada e espontânea, espetacular e criativa; e o futuro não terá, sem dúvida, que decidir em favor de uma destas tendências, mas, pelo contrário, desenvolverá as lógicas duais, a co-presença flexível das antinomias (LIPOVETSKY, 1983, p. 12 e 13).

Segundo Bauman (2004), o ser humano se encontra entre a fé na regularidade do mundo e na previsibilidade dos eventos, indispensável para a saúde mental, e a

realização de tentativas intermináveis de articular a falta de garantias (posição, títulos, sobrevivência), a incerteza (continuidade de vida e estabilidade futura) e a insegurança (do corpo, do eu e de suas extensões: comunidade, posses, etc.). Lipovetsky (1983) acrescenta que atualmente há a vivência do vazio, compreendido como desorientação de referenciais estruturantes que não advém do fato destes últimos não existirem, mas de terem se tornado flutuantes e excessivamente numerosos.

Jung (2005) difunde que o sentimento de amor, por exemplo, demanda uma profundidade e fidelidade. Além disto, visa ligações duradouras e responsáveis que envolvem sacrifícios (sacrifica-se a ilusão das intermináveis possibilidades), o que não é contemporaneamente valorizado. Em contraposição à compreensão de amor feita por Jung, há o narcisismo que, segundo Guarnieri, Loureiro, Menin & Moraes (2012), se faz presente na atualidade. Este consiste em uma inflação egóica que impede a consciência de reconhecer a alteridade, ou seja, compromete o colocar-se no lugar do outro na relação interpessoal.

Segundo Guarnieri, Loureiro, Menin & Moraes (2012), o mito de Narciso exemplifica o modo como comumente o homem tem se relacionado na contemporaneidade. Narciso era um jovem muito belo e encantador; recusava constantemente as moças e rapazes que se interessavam por ele, uma vez que não tinha interesse por nenhum deles. Esta é a exata descrição de não-vinculação do perfil narcisista que se recusa a se relacionar. Em certo momento, uma jovem rejeitada por Narciso se dirigiu aos céus e suplicou: "Pois que possa ele amar a si mesmo e não obter aquilo que ama!" Assim, Narciso apaixona-se pela própria imagem refletida em um lago e passa toda a sua vida contemplando-a, sem alimento ou descanso. Então, Narciso adoece e morre, à beira da fonte, mas em lugar de seu corpo é encontrada uma flor.

Cada geração gosta de encontrar sua identidade em uma grande figura mitológica ou lendária, que reinterpreta em função dos problemas do momento: [...] Hoje em dia é Narciso que, aos olhos de considerável número de pesquisadores [...] simboliza os tempos atuais. (LIPOVETSKY apud GUARNIERI, LOUREIRO, MENIN & MORAES, 2012, p. 06)

A lógica narcísica soma-se, assim, ao sistema globalizado e capitalista que ao mesmo tempo em que compreende certa ampliação das relações em termos de tempo e espaço, as compromete em sua essencialidade. O desenvolvimento de novas tecnologias e das indústrias culturais e de comunicação, segundo Lipovetsky

& Serroy (2011), tornou possível um consumo excessivo de imagens e, ao mesmo tempo, a multiplicação dos canais, das informações e das trocas ao ilimitado. A partir das inovações tecnológicas que modificam as modalidades de relacionamento, o homem adota as relações virtuais como norteadoras de um modelo que orienta todos os demais relacionamentos. Estes devem ser consumidos instantaneamente uma vez que são descartáveis e

[...] os laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo (BAUMAN, 2001, p. 187).

Ao investir em uma relação o homem automaticamente espera um lucro e, acima de tudo, a segurança em diversos sentidos, a proximidade, a companhia, o apoio, o consolo e a gratificação. As pessoas buscam relacionar-se a fim de escapar à aflição da fragilidade; contudo, investir em relacionamentos é e tende a continuar sendo fonte de insegurança além de tornar a fragilidade humana ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes. Busca-se

[...] o relacionamento na expectativa de mitigar a insegurança que infestou sua solidão; mas o tratamento só fez expandir os sintomas, e agora você talvez se sinta mais inseguro do que antes, ainda que essa nova e agravada insegurança provenha de outras paragens (BAUMAN, 2004, p. 30)

A relação familiar também é sujeita às mesmas mudanças. Os filhos, por exemplo, eram compreendidos em outras épocas como bons investimentos, como pontes entre a mortalidade e a imortalidade e, como tal, eram saudados. Atualmente o filho, assim como as demais relações, é objeto de consumo emocional. Esta ideia difundida na mentalidade contemporânea objetifica todas as relações possíveis entre humanos que acabam por servir a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor como os objetos de consumo. No entanto, ter filhos significa aceitar a dependência divisora da lealdade por um tempo indefinido aceitando o compromisso amplo e irrevogável; este tipo de obrigação se choca diretamente com a essência política de vida do líquido mundo moderno que a enxerga como opressiva, relaciona o engajamento permanente à dependência incapacitante, e a maior parte das pessoas é, inclusive, orientada a evitar (BAUMAN, 2004).

A sociedade contemporânea, assim, demonstra pouca disposição no enfrentamento de sacrifícios e de situações desagradáveis, tendendo a descartar a relação tão logo se percebe que ela não atende ao ideal desejado. Com a tolerância

à frustração comprometida na hipermodernidade, há o desfavorecimento de um aprendizado de autoconhecimento tanto quanto da capacidade criativa humana.

Quando as formas culturais não mais confirmam os valores outrora atribuídos aos relacionamentos amorosos, a narrativa subjetiva se desorienta e vai em busca de novos apoios coletivos. Este movimento dialético cria e atualiza os mitos estruturantes de cada época. (GUARNIERI, LOUREIRO, MENIN & MORAES, 2012, p. 04).

Jung (1986; 2005) coloca que a constante intenção humana de melhorar seus relacionamentos abrange essencialmente a condição de que as pessoas envolvidas atendam às expectativas do indivíduo, ou seja, sejam portadores solícitos de suas projeções. No entanto, diante da impossibilidade desta condição, Rios (apud GUARNIERI, LOUREIRO, MENIN & MORAES, 2012) acrescenta que na ausência de referências culturais que legitimem a experiência com o outro como distinto e desejável, o ego adota a si mesmo como objeto de amor e de sustentação de sua identidade. Somado a isto, a necessidade contemporânea de produzir sentidos para a existência tornou-se o maior fardo psíquico uma vez que o homem foi impossibilitado de atribuir-se de poderes divinos para explicar o fracasso ou sucesso de sua vida. O autor acrescenta que

a cultura contemporânea, também chamada cultura narcísica, reproduz conceitos e práticas que não sustentam a alteridade e, constantemente, devolvem o sujeito para o miolo de si mesmo quando este procura referências fora de si, na experiência coletiva (RIOS apud GUARNIERI, LOUREIRO, MENIN & MORAES, 2012, p. 05).

Jung (2005) postula que estar em relação com o outro é uma necessidade arquetípica, a natureza humana busca o encontro, e sem as relações afetivas a individuação não é possível. Por individuação entende-se o processo de tornar-se si mesmo; inclui os fatores universais que são manifestados de forma individual além de abarcar um aspecto interno e subjetivo de integração e outro relativo ao processo de relacionamentos objetivos igualmente indispensáveis.

Segundo Bauman (2004), a contemporaneidade difunde os produtos de consumo que tendem a compor uma fonte de desejo, a serem descartáveis e permitem uma relação breve e banal como a valorizada e indicada na sociedade líquida contemporânea. O desejo é, em sua essência, um impulso de destruição e, embora de forma distorcida, de auto-destruição uma vez que contaminado pela vontade de morrer. O amor, em contrapartida, é compreendido como uma expansão do doar-se ao objeto amado, abrir-se ao destino, admitir a liberdade do ser, assumir a responsabilidade, destacar o outro de *“todo mundo”* colocar-se à disposição;

[...] é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto de cuidado [...] Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que está lá fora [...] E assim, o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a simplesmente guardar, cercar, encarcerar. (BAUMAN, 2004, p. 24)

Em contraponto, Bauman (2001; 2004) relata que atualmente está sendo difundida a convicção de que o amor pode ser adquirido, que o domínio desta habilidade está alicerçado à prática e que, assim, a questão amorosa passa a ser entendida como uma série de episódios curtos, intensos e impactantes. Ainda retrata que a vida consumista favorece a leveza e a velocidade e, com elas, a variedade e a novidade que promovem e facilitam. Deste modo, o que mede sucesso na vida do *homo consumens* é a rotatividade das aquisições que devem fornecer satisfação imediata e instantânea no momento de sua compra. Mediante o avanço das tecnologias e as ideologias presentes, há o encurtamento progressivo da distância entre o impulso e sua satisfação que fazem com que a passagem de uma relação para a outra seja menos trabalhosa.

Guarnieri, Loureiro, Menin & Moraes (2012) ainda acrescentam que, se antigamente o ato de suportar algo penoso era significado como virtude, atualmente é compreendido como acomodação e covardia. O indivíduo, portanto, que não extrai o máximo de prazer de sua vida é visto como incompetente.

A proximidade não exige mais contigüidade física; e a contigüidade física não determina mais a proximidade [...] O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. (BAUMAN, 2004, p. 81 e 82).

A relação mais fundamental na proximidade virtual é, neste sentido, a separação entre a comunicação e o relacionamento. Este modelo repercute nas demais relações humanas que adquirem neste mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras inconstantes, o objetivo de reduzir riscos e evitar a perda de opções. Os lares familiares na contemporaneidade, por exemplo, são centro de lazer multiuso em que os elementos da família podem viver separadamente lado a lado (BAUMAN, 2004).

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu valor monetário [...] A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor (BAUMAN, 2004, p. 96).

Contudo, segundo Bauman (2004), o ser humano mantém essencialmente o estado "ou a esperança" de ser amado, de ser reconhecido como amável e, como tal, receber a prova desse reconhecimento. Em contraponto, a descartabilidade, fluidez, fragilidade e transitoriedade de relações vigentes predominantemente na contemporaneidade enfraquecem os laços humanos. A confiança no outro foi condenada à frustração e pela dolorosa e insuportável percepção de impotência humana, pela densa vida urbana relacionada à incerteza dos relacionamentos pouco coordenados e eternamente mutáveis, o sujeito se vê tentado a buscar abrigo constantemente. O animal de estimação surge no cotidiano das pessoas, portanto, no contrafluxo das tendências relativas às relações entre humanos, e é investido dessa função de preencher a falta do homem contemporâneo sem os inconvenientes trazidos pela singularidade do outro ser humano sempre a colocar em choque a narrativa narcísica/grandiosa de um ego inflado e frágil.

O mesmo autor discorre ainda acerca da distorção que ocorre, no discurso popular, entre a cultura e a natureza, que também influem diretamente nos modelos de relações humanas difundidos na contemporaneidade. A cultura se apresenta cada vez mais como a parte herdada da identidade, a parte imutável, enquanto os traços e atributos naturais, geneticamente transmitidos, são cada vez mais considerados sujeitos à manipulação humana. É no sentido da carência afetiva humana e da retomada de valores inconscientes e instintuais infra-humanos, possivelmente, que o homem tem se aproximado intensamente de outras manifestações de afeto, sentimentos e sensações com as demais espécies, principalmente com os animais de estimação.

5 O PAPEL DA PROJEÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

O termo *projeção* deriva de Sigmund Freud, que o compreende como um fenômeno de defesa primária de origem muito arcaica em que ocorre o deslocamento e a localização da origem de um desprazer no exterior. Jung, no entanto, o interpreta de uma maneira diferenciada do autor referido. Para ele o termo projeção remete a um fenômeno psicológico verificável no cotidiano de todo indivíduo e é como uma transferência inconsciente, ou seja, imperceptível e involuntária de um episódio psíquico e subjetivo para um objeto exterior. O indivíduo pode projetar algo que não existe ou que existe muito pouco no objeto, no entanto, Jung ressalta que é raro projetar algum conteúdo que não possua certo *ganchinho* com o objeto na qual a projeção se apóia. Há, em cada projeção, um *emissor* e um *receptor* (LAPLANCHE & PONTALIS, 2008; VON FRANZ, 1997a).

Mesmo quando a projeção corresponde a uma qualidade realmente presente no objeto, o conteúdo projetado não se acha menos presente no sujeito, onde forma parte da *imago* do objeto. Esta *imago* é uma grandeza psicológica distinta da percepção do objeto. Consiste numa imagem existente à margem de todas as percepções mas sustentada por estas. A vitalidade independente (autonomia relativa) desta imagem permanece inconsciente enquanto coincidir exatamente com a vida real do objeto. É por isto que a autonomia da imagem não é reconhecida pela consciência, mas se projeta inconscientemente no objeto, isto é, contamina-se com a autonomia do objeto. (JUNG, 1986, § 521, p. 211)

A supervalorização do objeto, contudo, compõe uma das circunstâncias particularmente capazes de comprometer o desenvolvimento do sujeito. Segundo Jung (1986), um objeto que é intensivamente acentuado orienta a consciência subjetiva para o mesmo e decepiona qualquer tentativa de diferenciação individual que deveria iniciar com a separação da imagem no confronto com o objeto. Em contraponto, a imagem que atribui uma significação excessiva aos objetos, deve ser reconhecida, segundo Von Franz (1997), como fator interno e permitir, assim, a devolução do valor ou de uma massa de energia que é necessária para o desenvolvimento do próprio sujeito uma vez que “[...] se numa projeção uma parte da própria personalidade é transferida para um objeto exterior, isso significa então, uma perda da alma” (p. 36).

Lévy-Bruhl, antropólogo francês, apesar de ultrapassado em relação à corrente do evolucionismo cultural, cunhou o termo *participation mystique*. Jung derivou este conceito, compreendendo-o como um fenômeno psíquico dos mais comuns, e o

adotou para expressar a identidade arcaica do sujeito e objeto. Esse tipo de identidade é predominante em crianças e nos primitivos (em seu sentido primordial) e consiste na mistura confusa entre o inconsciente e o mundo exterior. No momento em que a falta do conteúdo projetado afeta a adaptação, a identidade busca trazer o conteúdo projetado de volta para si. É essa a identidade que fundamenta o fenômeno da projeção e prossegue no subconsciente do homem civilizado, que continua sendo um homem arcaico no sentido primordial e nas camadas mais profundas e funcionais de sua psique; além disso, todo sujeito civilizado se liga ao meio ambiente por todo um sistema de projeções inconscientes (BIANCO & PEREIRA, 2011; JUNG, 1986; JUNG, 1993; VON FRANZ, 1997a).

De fato, o primitivo não é nem mais lógico nem mais ilógico do que nós. O que é diferente são os pressupostos de que parte. É isso que o distingue de nós. [...] Em si, seu funcionamento mental não difere basicamente do nosso. Como já disse, a diferença está simplesmente nos pressupostos (JUNG, 1993, § 107, p. 56).

Não é apropriado, portanto, considerar esta camada mais primitiva, que é constituída da *participation mystique*, como insignificante, uma vez que é a base do fenômeno da projeção. Esta pode ser compreendida como patológica e como uma defesa contra a ansiedade tanto quanto como um fato normal e natural, significando a expulsão de um conteúdo subjetivo para um objeto que consiste em uma tentativa de expressão do inconsciente. É um processo de desassimilação na medida em que o conteúdo subjetivo se aliena do sujeito e, por assim dizer, encarna-se no objeto. De certo modo, este fenômeno é o meio pelo qual os conteúdos do mundo interno, tais como a anima/us¹ e a sombra², se tornam disponíveis à consciência do ego (JUNG, 1986; JUNG, 1997; PLAUT, SAMUELS, & SHORTER, 1988; SHARP, 1991).

Segundo Von Franz (1997, p. 83) ãA rigor, nunca se fazem projeções ã elas *acontecem*, elas são encontradas. Na incerteza de algo exterior, sem reconhecê-lo como tal, encontro o meu próprio interior ou psique. A mesma autora e Plaut, Samuels & Shorter (1988) salientam que Jung distinguiu dois tipos de projeção: a passiva e a ativa. A primeira é automática e não intencional, é relativa à empatia

¹ Note-se que *animus* corresponde à figura interior de masculino contida na mulher e a *anima* a figura interior de feminino contida no homem. São desiguais no modo de manifestação, porém ambas são imagens arquetípicas, componentes psíquicos subliminares à consciência, e funcionam a partir da psique inconsciente.

² Entende-se por *sombra* algo que a pessoa ã não tem desejo de ser ã o lado negativo da personalidade, qualidades desagradáveis, sem valor. É uma parte viva da personalidade e um arquétipo, portanto marcado pelo afeto, e possui alguma autonomia ao introduzir-se na consciência.

inconsciente, faz parte do princípio psíquico de Eros (amor) e forma a base de todos os relacionamentos sociais. A ativa, ao contrário, faz parte da esfera do Logos (razão) uma vez que está relacionada ao conhecimento ou ao juízo através do qual nos separamos do outro que é, em si, desconhecido. Na prática, os dois tipos podem naturalmente se interpenetrar.

Plaut, Samuels & Shorter (1988) ressaltam que a introjeção (tentativa de internalizar e assimilar a experiência/objeto) consiste no oposto à projeção. Jung (1986) difunde que esta última também tem efeitos positivos uma vez que estabelece pontes agradáveis e úteis ligando o sujeito com o mundo. Além disso, Sharp (1991) acrescenta que as projeções facilitam as relações interpessoais e que podemos nos apropriar de algo sobre nós quando percebemos que o que achamos sobre alguém é, na verdade, um conteúdo nosso.

O que é designado por integração na moderna psicologia, segundo Von Franz (1997) é, deste modo, um fenômeno considerável e em muitos aspectos intrincados no qual um conteúdo psíquico até então inconsciente passa a fazer parte da constituição do Eu consciente (oposto do que ocorre na projeção, com a dissociação da identidade com o objeto) e é, então, compreendido como parte integrante da própria personalidade. Com isso, o conteúdo ao mesmo tempo se modifica sensivelmente em seus efeitos. Segundo Plaut, Samuels & Shorter (1988), a integração é um subprocesso que sugere o princípio fundamental para a individuação³ e implica em um sentimento de totalidade⁴ resultante da articulação dos vários aspectos da personalidade.

Para que a integração ou recuperação daquilo que é projetado ocorra, Jung sugeriu, segundo Plaut, Samuels & Shorter (1988), que esse processo fosse dividido, por conformidade de apreensão, em cinco fases: (1) a pessoa se convence de que o que enxerga na outra é uma realidade objetiva; (2) inicia-se um processo de reconhecimento gradativo mediante uma diferenciação entre o outro como *“realmente é”* e a imagem projetada (sonhos e eventos facilitam essa conscientização); (3) realiza-se alguma espécie de avaliação ou julgamento sobre a discrepância; (4) conclui-se que o que se percebia era errôneo ou ilusório e (5)

³ Processo de diferenciação psicológica pelo qual uma pessoa torna-se si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas ou da psicologia coletiva. Tem por finalidade o desenvolvimento da personalidade individual.

⁴ Note-se que totalidade remete ao estado no qual a consciência e o inconsciente trabalham juntos em harmonia, é a expressão mais plena de todos os aspectos da personalidade.

emprega-se uma busca consciente das fontes e da origem da projeção, incluindo determinantes pessoais como também coletivos da mesma.

Não é de se admirar, portanto, que um homem precise de um longo processo de amadurecimento e de uma boa dose de autoconhecimento até alcançar uma identidade do Eu relativamente constante e uma capacidade de se auto-avaliar de maneira moderada e refletida. É que atribuir um conteúdo psíquico da imaginação de uma outra pessoa ao seu próprio ser, ou rejeitá-lo como projeção, não é só um assunto do pensamento crítico, mas também uma decisão que envolve os sentimentos; por essa razão, não se pode jamais querer resolvê-la unicamente através do intelecto (VON FRANZ, 1997a, p. 31).

Desta forma, o conhecimento realiza-se em última instância quando as reações do psiquismo afluem do inconsciente e encontram uma ordem que seja compatível ao comportamento das coisas metapsíquicas (reais interiores ou exteriores). Caso a ordem descoberta não mais seja compatível ao comportamento das coisas, ela é reconhecida então como projeção. Anteriormente a isto, no entanto, ela nos parece puramente um conhecimento correto. A retirada de uma projeção incita uma pressão psíquica, porém, em contraponto, permite uma ampliação libertadora da personalidade. A este respeito, Jung (2008d) ressalta que a individuação é a propulsora de qualquer avanço. É de suma importância que o sujeito expanda sua visão e abra seus caminhos, em terrenos até então não desbravados, após ter se conscientizado de sua própria individualização. Para tal, ele deve primeiro retornar aos fatos fundamentais de seu próprio ser e tomar consciência de sua diferenciação (§ 111, p. 67).

5.1 O símbolo, o arquétipo, o complexo e o inconsciente

Segundo Plaut, Samuels & Shorter (1988), Jung utiliza-se do termo *inconsciente* para descrever tanto os conteúdos mentais que são inacessíveis ao ego quanto para demarcar uma instância psíquica com suas propriedades (caráter, leis e funções) próprias. Desta forma, Jung divide o inconsciente em sua dimensão pessoal e coletiva: a primeira é constituída por material adquirido durante a vida individual e a segunda derivada da estrutura cerebral herdada (JUNG, 1986, §342, p. 95), com características universais.

O inconsciente pessoal compõe uma camada mais superficial da psique e se encontra contiguamente ao consciente. Os conteúdos que o constitui não possuem

carga energética suficiente para emergir na consciência e também podem ser relativos a percepções subliminares (lembranças perdidas, reprimidas, evocações dolorosas, entre outros). O inconsciente coletivo, por sua vez, é compreendido por Jung como transpsíquico, ou seja, por vezes ãespíritoò e por vezes ãmatériaò. Constitui a camada mais profunda da psique, é composto pela soma de estruturas arquetípicas e compõe um esquema herdado de funcionamento que é expresso mediante as formas arquetípicas estruturantes (BIANCO & PEREIRA, 2011; VON FRANZ, 1997a).

O inconsciente coletivo ã até onde nos é possível julgar - parece ser constituído de algo semelhante a temas ou imagens de natureza mitológica, e, por esta razão, os mitos dos povos são os verdadeiros expoentes do inconsciente coletivo. Toda a mitologia seria uma espécie de projeção do inconsciente coletivo (JUNG, 1986, § 325, p. 90).

Os complexos possuem uma autonomia e são pessoais, localizando-se, portanto, no inconsciente pessoal, e são construídos a partir da história do indivíduo e somados também aos complexos familiares e sociais. O conceito de complexo pode ser definido como um grupo de ideias ou imagens associadas carregadas de sentimento, sendo incompatível com a atitude habitual da consciência. A priori há uma peça arquetípica que passa a compor um complexo quando associações e ideias de conteúdo afetivo (experiências pessoais) passam a orbitar o arquétipo, ganhando um caráter perturbador e produtor de ansiedade. Então, a imagem arquetípica e a da vivência pessoal se associam e se congelam em uma estrutura dotada de grande quantidade de energia psíquica acumulada e praticamente permanente (GRINBERG, 2003; STEIN, 2006).

Os arquétipos compõem o núcleo dos complexos e, segundo Von Franz (1997) são estruturas inatas e implícitas, que produzem constantemente pensamentos, imagens, sentimentos e emoções semelhantes no ser humano, paralelamente aos instintos e aos impulsos para a ação. Podem ser compreendidos, também, como condições inconscientes coletivamente existentes ou disposições natas que atuam como reguladores e estimuladores da imaginação criativa.

Jung supôs que um arquétipo em estado de repouso não seria projetado. Ele não teria nenhuma forma determinável com exatidão, sendo algo impossível de determinar formalmente, ãcom a possibilidade, porém, de aparecer em determinadas formas em virtude da projeçãoò. A projeção serve, conseqüentemente, à auto-revelação do arquétipo sob uma forma visível. Isso depende da ativação, isto é, da ãcargaò energética de um arquétipo (VON FRANZ, 1997a, p. 99).

Os arquétipos, em si mesmos, são irrepresentáveis. Seus efeitos, porém, são discerníveis nas imagens, nos motivos arquetípicos, expressos em símbolos. O termo símbolo é derivado do grego *symbolon*, um sinal de reconhecimento, de acordo com Kast (1997). Segundo Von Franz (1997) e Bianco & Pereira (2011), Jung diferencia o conceito de símbolo do conceito de signo. Este último é compreendido como uma marca de algo que designa o já universalmente conhecido de natureza concreta ou psíquica. Já o símbolo surge espontaneamente, é o terceiro elemento da união entre consciente e inconsciente, é a expressão sensivelmente perceptível de uma experiência interior e reúne os opostos.

O surgimento de projeções, segundo Von Franz (1997), surge da provocação realizada por arquétipos e complexos do inconsciente. Uma dissolução completa da projeção não ocorre se conteúdos ainda significativos, porém inconscientes, estiverem ligados ao portador da projeção, uma vez que nesses casos é impossível esgotar todo o conteúdo da imagem projetada. Isso ocorre, especialmente, com os conteúdos arquetípicos. Estes não podem ser integrados pela consciência do Eu e, dessa forma, pode ocorrer o deslocamento de projeções em que o conteúdo inconsciente é compreendido como parte do sujeito e distinto do objeto, porém o seu aspecto ainda desconhecido ressurgirá projetado, após um período de latência no inconsciente, sobre outro objeto ou outro meio. Jung afirma, contudo, que apenas a circunspeção, a conscientização e o autoconhecimento são capazes de abolir as projeções de conteúdos inconscientes.

Para o tema de estudo proposto nesta pesquisa, é possível pensar que os animais de estimação possam também ser objeto de projeção por parte de seus donos. A própria escolha do animal já pode ser reveladora dos sentimentos e expectativas a que o animal deva corresponder. Certamente, quem escolhe um pitbull tem expectativas diferentes de quem escolhe um maltês, por exemplo.

Mesmo sabendo que alguns comportamentos do animal sejam estereotipados, próprios da espécie e da raça, os donos atribuem intenções e sentimentos particulares a eles. Observar a relação do dono com seu cão, identificando atribuições de lugar e função, vai delineando um quadro das projeções atuantes nessa relação.

6 MITOS E SÍMBOLOS ENVOLVENDO O CÃO

Os mitos são manifestações psíquicas coletivas espontâneas e involuntárias, histórias de encontros arquetípicos, que representam a essência da alma e exprimem uma verdade do espírito na forma de história ou modelo em sua linguagem peculiar; estão presentes como questão perene e em nossas representações, mesmo considerando a dessacralização contínua da contemporaneidade referente às mesmas. O pensamento mítico opera por analogias e alegorias, pela percepção da semelhança que leva a um simbolismo que transporta sentidos, é uma metáfora para as atividades do arquétipo. No entanto, não se deve transformar o mito em signo e entendê-lo como rótulo para padrões de comportamento psíquico, esvaziando sua expressão, mas sim procurar compreendê-lo a partir de uma perspectiva simbólica, portanto dinâmica, que permita a ele uma função de ativador da descoberta de possibilidades. O mito é uma imagem não pessoal que possibilita um espaço psíquico para a expressão individual (ARANHA, 2006; CIRLOT, 1984; ROSÁRIO, 2007).

Segundo Rosário (2007), o mito pode ser compreendido como uma linguagem não-linear que constitui uma possibilidade de conciliação com os aspectos caóticos da realidade, com as contradições que se manifestam co-existindo no mundo e contrariando os princípios elementares da lógica. Para ela "No mito co-existem ser e não-ser, verdade e erro, e todos os fatos essenciais do espírito" (p. 06) e em sua expressão é possível acessar a diversidade de entendimentos das diferentes culturas uma vez que através dele pode-se ter acesso ao conjunto de valores e aspirações de um grupo ou de uma época. Estes valores determinam-se na medida em que o mito expressa o modo de ser e expressar de uma cultura, remetendo a categorias fundamentais do modo de ser do homem no mundo.

Whitmont (2002) propõe que a psicologia do século XX, preocupada com a análise profunda, juntamente à física do século XX, começaram a orientar a atenção do homem para o uso de símbolos como uma possibilidade útil de entendimento e uso dos domínios não-rationais e intuitivos de seu funcionamento. A base de funcionamento e constituição do humano compõe-se, assim, da intuição, da emoção, da capacidade de perceber e de criar por meio de símbolos tanto quanto da percepção através de órgãos do sentido e do pensamento. O símbolo é assim compreendido como expressão de uma experiência espontânea que aponta para

além de si mesma na direção de um significado não transmitido por um meio racional devido à limitação intrínseca deste; é a melhor descrição de um fato relativamente desconhecido, porém existente, e expressa algo supra-humano e apenas parcialmente concebível.

(...) a estruturação das nossas mentes nos faz vivenciar a existência na forma dualística de um mundo de objetos *de forma* que somos capazes de organizar, e de impulsos *de dentro* que achamos difícil de dominar. Mas em ambas as dimensões percebemos através das imagens. As mesmas imagens que se apresentam a nós como representativas do mundo exterior são subseqüentemente usadas pela psique para exprimir nosso mundo interior (WHITMONT, 2002, p. 27).

Deste modo, segundo Whitmont (2002), Jung não difunde que a interpretação de símbolos pretende dizer que uma situação humana é de uma determinada maneira, mas que essas imagens descrevem a própria situação sob a forma de analogias. As imagens surgem como portadoras de mensagens faltantes em consequência das opiniões unilaterais características à consciência. Portanto, as imagens surgem como produtos na reação constante de defesa de um sistema psíquico autorregulador.

(...) ao aceitar as imagens que se apresentam como representações *como se* adequadas e ao aceitar que elas são representações adequadas, apesar de insuficientes, de uma realidade que tem existência e que transcende o que podemos pensar, adquirimos a capacidade de compreender uma dimensão diferente de existência e de funcionamento. Trata-se de uma dimensão que certamente não é menos (e talvez seja mais) real que o nosso mundo conhecido de objetos classificáveis e diretamente observáveis (WITHMONT, 2002, p. 31).

As imagens transmitem certo conhecimento, não através do intelecto, mas através de seu efeito sobre o sentimento e a intuição, servindo de intermediário a outro tipo de conhecimento que não o intelectual. O intelecto é útil somente se adaptado a lidar tanto com fatos diretamente observáveis quanto com modelos de realidade sujeitos a alterações de acordo com as exigências da realidade psíquica sempre mutante, renunciando a um realismo que concebe apenas as coisas cognoscíveis (WHITMONT, 2002).

A simbologia dos animais, especificamente, é de suma importância, devido suas qualidades, atividades, formas, cores e a própria relação que estabelece com o homem desde os primórdios. Como determinação mais generalizada os animais expressam a hierarquia dos instintos, as camadas profundas do inconsciente e do instinto; correspondem ao infra-humano instintivo e aos aspectos inconscientes,

simbolizando os princípios e forças cósmicas, materiais ou espirituais (CIRLOT, 1984; CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007; NEUMANN, 1999).

Esse interesse que o homem sempre sentiu pelo animal, considerando-o como materialização de seus próprios complexos psíquicos e simbólicos, é hoje em dia muito sensível na popularidade dos animais domésticos, sobretudo dos animais ãde estimaçãoã que são adotados, mais do que simplesmente criados (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007, p. 58).

Segundo Fontana (1994), os antigos egípcios acreditavam que certos animais incorporam forças criativas e deuses, que formam e sustentam a vida. Ideias semelhantes ocorriam nas tradições xamânicas na Ásia, Europa e nas Américas. Os animais eram vistos como fonte de sabedoria e poder uma vez que se entendia que eles possuíam o conhecimento dos segredos da natureza de uma maneira diferenciada em relação ao homem que possui o intelecto e a razão. Assim, os animais poderiam servir como guias para outros mundos, como profetas e iniciadores da sabedoria oculta.

Os animais, que tão freqüentemente intervêm nos sonhos e nas artes, formam identificações parciais com o homem; aspectos, imagens de sua natureza complexa; espelhos de suas pulsões profundas, de seus instintos domesticados ou selvagens. Cada um deles corresponde a uma parte de nós mesmos, integrada ou por ser integrada na unidade harmônica da pessoa (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007, p. 59).

Levando em conta que o lobo pertence à mesma família do cão (os canídeos), é possível levantarmos alguns de seus simbolismos a fim de complementar e, posteriormente, introduzir o simbolismo do cão. Os lobos são animais selvagens que vivem em bandos e estabelecem intensos laços familiares, além de participar diretamente da criação de seus filhotes e cuidar da alimentação dos enfermos do grupo. Os vínculos sociais entre os lobos são muito profundos e eles costumam se comunicar com o uivo e com as expressões corporais, como, por exemplo, a posição da cauda. Usualmente representam a coragem e assumem o papel de guardiões entre os egípcios e os romanos (CIRLOT, 1984; RAMOS et. al., 2005).

Segundo Ramos et. al. (2005) ãEm alguns mitos das civilizações antigas, o lobo aparece como símbolo do princípio materno, ora representado em seu aspecto negativo e devorador, ora positivo e provedorã (p. 149), apresentando, assim, o aspecto nutridor da Grande Mãe da natureza, compassiva e acolhedora a seus filhos desprotegidos, nutrindo-os com energia básica e revitalizadora, como também seu aspecto contrário. Antigamente acreditava-se que o leite da loba conferia ao herói

qualidades guerreiras semelhantes às de sua espécie. Historicamente há os heróis amamentados por uma loba, como Tura (fundador da Turquia), Siegfried (herói germânico) e os irmãos Rômulo e Remo (fundadores de Roma). Há também a história de Mogli (de Kipling) que é adotado por lobos e depois retorna à sociedade humana.

Em contrapartida, devem-se considerar as diversas lendas que retratam o lobo sob o aspecto destrutivo e devorador da mãe, tendo como principal exemplo a lenda da *Chapeuzinho Vermelho*. Na mitologia nórdica também há o surgimento de um lobo monstruoso (Fenris) que aparece como um símbolo do princípio do mal. Além de seu aspecto materno, o lobo também surge, em alguns sonhos já relatados, como símbolo paterno, retratando o medo ao pai como negativo, agressivo e devorador. No entanto, o aspecto de promoção do renascimento e surgimento de um ego mais fortalecido também pode ser associado ao símbolo do lobo. Pode-se compreender *Chapeuzinho Vermelho* com a leitura de que o lobo *salva* sua filha ao retirá-la do estado simbiótico inicial com a figura materna (CIRLOT, 1984; RAMOS et. al., 2005).

O poder do lobo está ligado a uma força criativa que expressa na materialização, construindo um espaço que é a base na qual a vida pode desenvolver-se. (...) Na psique individual, essa força, quando bem assimilada, fornece a base para o enfrentamento dos conflitos cotidianos (RAMOS et. al, 2005, p. 154).

Os deuses-lobo nas culturas greco-romana e egípcia são relacionados à morte, à luz e à proteção. Na mitologia greco-romana, o lobo era um dos animais mais consagrados a Apolo, que transformava-se em lobo. A irmã de Apolo, Ártemis (conhecida como Diana pelos romanos), é a deusa da caça e quando transformada numa loba encontra seu irmão. A mitologia egípcia, por sua vez, conta que Osíris, deus supremo do mundo dos mortos e da fertilidade, ressuscitou sob a forma de um lobo para ajudar Ísis e seu filho Horos a combater Set, seu irmão perverso (RAMOS et. al., 2005).

Segundo Ramos et. al. (2005), na mitologia grega encontram-se relações estabelecidas entre o lobo e Zeus. Além dos mitos especificados, há a lenda de São Francisco referente à pacificação e domesticação de um lobo selvagem. No Brasil, as histórias de lobisomem (homem que perde suas qualidades morais e éticas e transforma-se em lobo) trazidas pelos europeus são amplamente conhecidas e

estão associadas à ligação com o diabo, o resultado de uma vida pecaminosa e o aparecimento nas noites de lua cheia. O fenômeno do lobisomem está associado principalmente ao arquétipo da Grande Mãe e aos instintos da sexualidade e da agressividade.

Nesta perspectiva, o cão pode ser compreendido como o opositivo ao lobo (este carrega o lado sombrio e ameaçador), uma vez que está ligado positivamente ao homem. Na maioria das culturas o cão é um símbolo para a lealdade, vigilância, coragem, habilidade na caça, masculinidade, sol, vento e fogo. Além disso, são associados na tradição celta à cura. O simbolismo fundamental do cão é a de psicopompo, guia do homem na morte após ter sido seu companheiro em vida. Assim, o cão é compreendido também como intercessor entre este mundo e o outro. Pode-se notar esta função nos mitos de Anúbis (deus egípcio com a cabeça de chacal associado com a mumificação e a vida após a morte), Cérbero (cão de três cabeças, na mitologia grega, que guardava o reino subterrâneo dos mortos), Thot, Hécate (deusa grega que em noites de lua cheia aparecia com sua matilha de cachorros fantasma) e Hermes (este último também possui qualidades medicinais) (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007; FONTANA, 1994; RAMOS et. al., 2005).

Fiéis na vida, os cães foram sacrificados e muitas vezes enterrados com seus mestres: os egípcios e os gregos acreditavam que eles compartilhavam a mesma pós-vida com os humanos (FONTANA, 1994, p. 84).

Em contrapartida, segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), seu lado sombrio está relacionado ao mais vil. Isto ocorre no Islã, por exemplo, que compreende o cão como símbolo da avidez e da gula. No entanto nessa mesma tradição há a pressuposição de cinquenta e duas características para o cão, sendo metade relativa à santidade e metade relativa ao satanismo. Acrescido a esta ideia, a décima terceira e última constelação do antigo zodíaco mexicano é a constelação do Cão, que introduz as ideias de morte, de fim, de mundo subterrâneo, mas também de iniciação e renovação.

Em resumo, a figura do cão abarca um simbolismo de aspectos antagônicos, que nem todas as culturas conseguiram solucionar. O cão e o lobo são, neste caso, os dois aspectos do símbolo em questão, que sem dúvida encontra, nessa imagem esotérica, sua resolução e, ao mesmo tempo, sua mais alta significação (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007).

7 MÉTODO E QUADRO TEÓRICO

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, sendo esta caracterizada como uma tentativa de esclarecimento aprofundado acerca do significado e características do resultado alcançado em relação às informações obtidas mediante as entrevistas semi-dirigidas (roteiro sugerido encontra-se no ANEXO A) realizadas com proprietários de cães de estimação (ANEXO B). Deste modo, propõe-se um

[...] processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação (OLIVEIRA, 2005, p. 41).

Fez-se o uso do referencial da Psicologia Analítica que comumente dedica-se aos aspectos criativos, simbólicos e prospectivos da personalidade. Realizou-se um estudo e análise dos cães de estimação compreendidos como símbolo nas relações com o proprietário avaliando a fantasia estabelecida no relacionamento como uma função criativa da psique. As informações e descrições destas relações foram coletadas e apuradas mediante a entrevista semi-dirigida realizada com a amostra, que foi gravada “[...] como uma ajuda à memória ou um registro útil da conversação para uma análise posterior.” (BAUER & GASKELL, 2004).

A análise de conteúdo foi feita de acordo com o método proposto por Bardin (2009). Após a leitura flutuante, foi realizada uma leitura simbólica segundo os conceitos da Psicologia Analítica. Também foi empregado o método junguiano de amplificação que abarca, segundo Plaut, Samuels e Shorter (1988), a utilização de paralelismos históricos, culturais e míticos visando elucidar e expandir o conteúdo metafórico do simbolismo apresentado.

7.1 Procedimento de coleta de dados

7.1.1 Cuidados éticos

De acordo com a Resolução nº 196/96 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimentos dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, um Termo de Consentimento foi apresentado aos participantes. A identidade do

participante foi preservada pelas cláusulas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO C), sendo-lhe facultado a retirada de sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de qualquer justificativa de sua parte.

7.1.2 Procedimento para coleta de dados

Local: Praça Pôr do Sol e Parque Villa-Lobos.

Participantes: 10 sujeitos maiores de 18 anos proprietários de cães.

Para a coleta de dados foi necessário que o participante concordasse em responder as questões da entrevista semi-dirigida que foi gravada e realizada em praça e parque de São Paulo. Estas foram selecionadas na região oeste de São Paulo conforme a assiduidade de freqüentadores proprietários de cães.

A zona oeste paulistana compreende 15 bairros, englobando as subprefeituras da Lapa, de Pinheiros e do Butantã; ocupa 128 km² da área da cidade de São Paulo e concentra aproximadamente 906.320 pessoas, de acordo com dados divulgados em 2010 pela Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de São Paulo. A renda média per capita é de R\$ 2.174,55 ao mês, de acordo com o IBGE.

7.1.3 Procedimentos de avaliação

Foi adotado, segundo Bianco & Pereira (2011), como instrumento de avaliação:

a) Uma análise de conteúdo foi realizada após fragmentadas as entrevistas, com levantamento de categorias de acordo com o método proposto por Bardin (1995), Bauer & Gaskell (2004). A análise de conteúdo trabalha originalmente, segundo os dois últimos autores mencionados, com textos escritos. Bardin (1995) leva em consideração que qualquer comunicação é passível de ser submetida à análise de conteúdo visando a compreensão crítica de seu sentido.

[...] a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 1995, p. 38, tradução minha).

Segundo Bardin (1995), a análise de conteúdo pretende inferir (deduzir de maneira lógica), mediante a descrição e busca do significado dos conteúdos e das mensagens, conhecimento relativo a condições de produção/recepção (variáveis

inferidas) recorrendo a indicadores qualitativos ou quantitativos. De acordo com Bauer & Gaskell (2004, p. 191), a análise de conteúdo ã uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada 

b) Foi feita também uma leitura simbólica segundo os conceitos da Psicologia Analítica. Esta envolve o método junguiano de amplificação simbólica que abarca, de acordo com Plaut, Samuels e Shorter (1988), a utilização de paralelismos históricos, culturais e míticos visando elucidar e expandir o conteúdo metafórico do simbolismo apresentado. A amplificação destaca uma compreensão antes metafórica, portanto aproximada, do que exata e rigorosa.

8 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

8.1 Quadro de categorias

I) PARALELOS ENTRE O CACHORRO E O HUMANO

I.1) Sentimentos atribuídos aos cães

	<i>Participantes</i>
Paixão por todos	1
Amizade, sinceridade, doçura, higiene, frescura	2
Ansiedade e agitação	5 e 10
Atenção	8
Teimosia	9
Gratidão	10
Desobediência	6 e 10
Suporte e conforto	3 e 10
Sabedoria, entendimento, inteligência, compreensão, perspicácia	1, 2, 3, 6, 7, 8, 9 e 10
Obediência	1, 2, 3 e 4
Sensibilidade	2, 3 e 8
Companheirismo	1, 3, 4, 7 e 9
Afeto e amorosidade	2, 3, 4, 5, 9 e 10
Possessividade/Ciúmes	8
Carência	4, 9 e 10
Amor incondicional	1, 5, 8 e 10
Entendimento mútuo na comunicação entre dono e cão	2 e 5
Fidelidade e lealdade	2, 4, 5, 6, 9 e 10
Bondade/Calmaria (ser bom e ser calmo)	1, 6, 9 e 10
Agressividade	5 e 9

Participante 1:

- *ř*(...) ele é *apaixonado* por todos.ò
- *ř*(...) eles tem características, né, eles *entendem* perfeitamente o que você fala (...)ò
- *ř*(...) cachorro te *obedece*, não acha ruim, não reclama.ò
- *ř*(...) ele é *obediente*, você fala... você vê, ele anda solto, você chama, ele fica do lado; não precisa fazer muito.ò
- *ř*Tem uma ligação assim de carinho, de *companheirismo*ò
- *ř*(...) também é uma *companhia*, né, às vezes a gente também tá sozinho, é gostoso ter do lado.ò
- (...) porque tá sempre de bem, tá sempre... assim, te *ama incondicionalmente*, né, a qualquer momento, cê passa meia hora longe parece que cê passou uma semana, e faz aquela festa e traz muita alegria (...)ò
- *ř*Então às vezes eu falo *ai* que drogaô mas é que ele é tão *bonzinho* que não dá pra achar ruim, sabe (...) Em casa, por exemplo, ele não faz uma sujeira, não pega uma coisa (...). Acho que já é da personalidade assim, sabe, de ser bonzinho? Acho que ele já era assim *calmo*.ò

Participante 2:

- *ř*O que a gente sempre tenta passar é a *amizade*, a *sinceridade* do cachorro, essa alegria que eu te falei no começo (...)ò
- *ř*Pode ser inacreditável, mas a gente vai *entendendo a comunicação* deles.ò
- *ř*É engraçado essa *comunicação*, então *ele sabe*, ele não faz isso com eles. A brincadeira, o tipo de brincadeira que é comigo não é com o meu marido, não é com a minha filha... ele sabe.ò
- *ř*Então, a qualidade, ele é um cachorro *doce*, ele é um cachorro, é... *sensível*, né, incrível como ele não pode ver a gente triste, né, eu perdi minha mãe esse ano, então vários momentos da vida você tá chorando, às vezes, dentro de casa, por causa do luto, e ele já chega pra confortar, é... ele é um cachorro... a gente fala que ele é um cachorro muito *higiénico*, *fresco*, porque a fralda que ele usa, pra ele fazer o xixi e o cocô em casa, então assim... ele faz o cocô, às vezes, fora da fralda, porque se a fralda tiver xixi ele não quer misturar, pisar, sei lá. É uma coisa muito engraçada.ò
- *ř*Ah, não tem defeito, porque também ele foi adestrado logo que chegou, então ele não é um cachorro que *se comporta*ò
- *ř*Mas ele *sabe* exatamente o que ele consegue e com quem ele consegue (...)ò
- *ř*Ele *sabe*, exatamente, ele aprendeuò
- *ř*(...) a *afeição* com o cachorro pra mim ela é muito mais próximaò

- ã(...) a *amizade* dele, a *fidelidade* dele com você. O cachorro ele é fiel mesmo ao dono, uma coisa muito interessante isso.ò
- ã(...) se você tiver sensibilidade pra isso, você percebe o quanto *você ama e o quanto você é importante pra ele também*, né, em contrapartida ele te dá esse retorno.ò

Participante 3:

- ãAs pessoas, eu vejo que assim, as pessoas se sentem muito sozinhas, e eu acho que quando você tem um animalzinho de estimação na tua casa, então assim, ele é teu companheiro, ele te *ajuda* nos momentos mais difíceis, ele tá sempre do teu lado, você aprende muito com ele essa coisa da *doação*, o carinho, ele sente quando você tá precisando de um apoio, de um conforto, ele tá ali do teu lado pra tudo, então acho que é muito bacana.ò
- ã(...) dificilmente as pessoas não gostam dela, porque ela é muito carinhosinha, ela é muito *obediente*.ò
- ãA *inteligência*, a *sensibilidade* deles, é uma coisa que eu fico abismada. Com a inteligência e com o sentir deles. Muitas vezes o cachorro ele tem muito mais sensibilidade do que o ser humano.ò

Participante 4:

- ã(...) que é aquela coisa da *companhia*, do fazer as coisas junto, ter sempre alguém, você nunca tá sozinho, o detalhe é que você nunca tá sozinho.ò
- ã(...) eu não queria um cachorro pra cuidar da casa, eu até brinco, eu não queria um cachorro pra cuidar da casa, eu queria um cachorro pra fazer *companhia* pra mim!ò
- ãEla é bem mais mansa do que ela; ela é mais, tipo assim, mansa no sentido de ela é mais *obediente*, mais regradinha.ò
- ãE tem aquela coisa de ser *obediente*: mandar o cachorro sentar, o cachorro senta; mandar ele dar a patinha, ele dá a patinha; então fica aquela coisinha fofinha, aí que as pessoas gostam, né. Aí todo mundo gosta.ò
- ãEles são *carentes*, no sentido de que precisam de carinho, são dois cachorros que você tem que dar carinho todo tempo (...)ò
- ãEu acho que cachorro tem uma coisa que... tem essa proximidade maior. Gato é um bicho independente, ele não tem essa relação de *afeto* tão próxima, apesar de ser um animal de estimação, não tem essa relação de afeto tão próxima.ò
- ãEu acho que cachorro é, tipo assim, eles são mais *fiéis*, no sentido de estar mais próximos; eles são mais companheiros. É... eles tem essa coisa de... de *afeição* mesmo, de carinho, de te dar atenção, de te dar carinho, e os outros bichos não tem tanto, gato

tem menos e os outros bichos menos ainda. E o cachorro tem uma coisa interessante que ele pede carinho, né, e você dá carinho e ele pede carinho.ò

- ã(...) as relações com os animais elas te tornam mais humano, pela *afeição*, pela troca de *carinho*, pelo bicho precisar de você, é uma coisa legal, né.ò

Participante 5:

- ãEle brinca, é carinho gratuito, néò
- ãEle é muito carinhoso, né, *ele entende tudo* que você fala, acho que é um *amor incondicional*, né, toda vez que você chega em casa, ele tá lá, ele beija, ele vem em cima, sem nada em troca, né, sem querer nada, só sua atenção. Eu acho que é um amor tão verdadeiro que é difícil de achar com gente.ò
- ãEu acho que ele é meio *troglodita*, meio *ogrinho*, ele gosta de brincadeira brutaò
- ãMeu cunhado chegou em casa, né, e assim, ele [cão] é um doce pra gente, né, ele falou ãeu ri muito, a menina tocou a campainha, o Mano começou a latirôaí ela virou pra outra e falou ãcuidado que a *fera* tá soltaã
- ãEu acho que é até meio clichê, mas eu acho que é a *fidelidade* que ele tem, né. De tá sempre ali. Ele demonstra querer proteger o dono, ele demonstra gostar. Você vê isso de maneiras diferentes.ò
- ãAh, mas o amor que o bichinho sente por você é verdadeiro, nunca ouvi falar que um cachorro foi cínico, falso. Eu acho que é a maior vantagem, que você sabe que é de verdade, né.ò

Participante 6:

- ãAh, ele é *arteiro*. É porque ele ainda é filhote ainda. Eu acho que ele é *fiel* a nós, ele não avança em nenhum de nós.ò
- ãFaz xixi dentro da minha casa, por mais que eu fale, e ele *sabe* que tá fazendo errado, porque eu pego o chinelo e ele sai correndo.ò
- ã(...) ele é *bonzinho*. Ele não morde, não avança.ò
- ãA *fidelidade* deles com o ser humano. Com certeza. (...) Então não é aquele animal que guarda rancor, que nem nós seres humanos.ò

Participante 7:

- ã(...) ela aprende muito rápido, ela aprende, ela *sabe* os limites e aprende muito os limites.ò
- ãÉ uma companhia, uma *companhia*.ò
- ã(...) ela é muito inteligente. Então ela sente e fica quieta no canto lá, mas *sabe* que errou.ò
- ã(...) a inteligência com que eles sentem o ambiente.ò

Participante 8:

- ãNão sei se é porque ela vive sozinha com a gente, eu vivo com meu namorado e ela, então assim, ela é muito *ciumenta*. Mesmo criança, ela parece ter muito *ciúmes* assim (...)ò
- ã(...) ela é muito *atenciosa* assim, então, por exemplo, se eu cheguei do trabalho cansada, to triste, aí eu vou, sento no sofá, aí ela já vem, ela *sente*, então ela percebe que você tá (...) Ela é muito *sensitiva* assim, eu acho.ò
- ã(...) acho que ela *sentiu* que a gente ia vir no parqueò
- ã(...) o cachorro nunca vai te cobrar pra você ser de uma forma ou de outra. Tipo, ela vai *te amar independente de tudo*. (...) porque com ser humano sempre tem aquela coisa de estabelecer a relação, de você tentar ser melhor, evoluir, pra criar... e com cachorro não, você é você e ele te amaò
- ã(...) ele vai te aceitar, ele vai *te amar de qualquer jeito*ò

Participante 9:

- ãEle conosco assim é muito *bonzinho* e *companheiro* e tudo, mas com estranho ele é *bravo*. Ele chega a avançar se a gente não tomar cuidado, principalmente criança e com outros cachorros também, a não ser esses que ele tem contato com mais frequência, ele também é bem *agressivo*. Precisa tomar cuidado.ò
- ã(...) a gente mora num apartamento que tem uma sacada grande e tem uma casinha dele na sacada do apartamento, então chega o horariozinho dele, ele já *sabe*, ele mesmo vai sozinho pra casinha. E ele faz as necessidades dele no jornal na área de serviço e ele já *conhece* essa rotina, então ele vai fazer as necessidades dele lá (...)ò
- ãSuper *carente* ele assim; ele adora a nossa companhia e a gente a dele também, néò
- ãPorque ele é *bravo*, ele tem um latido que intimida, assusta, e as crianças acham que como ele é pequeno, salsicha, essa história do cachorro salsicha, que ele é bonzinho, ele não é!ò
- ã(...) principalmente cachorro, né, eles são super *fiéis*, muito *inteligentes* (...)ò
- ã(...) a gente sente o *afeto* dele pela gente, a gente sente que ele se apegar. (...) a gente sente que ele sente falta da gente, né. Tem essa troca de afeto. Então acho que com nenhum outro animal você tem essa troca.ò

Participante 10:

- ãEu sou viúva, então, assim, os cachorros pra gente é nossa vida, assim, são a nossa família, é a nossa *ancora*, sabe? É o nosso *porto seguro*, é o momento de afeto muito

grande, né; minha filha trabalhou fora do Brasil por três meses, nos Estados Unidos, então eu fiquei muito só e foram eles que me deram toda... todo o *apoio*.ò

- ãEu acho que a *troca afetiva* que o animal dá, o ser humano, quase nenhum dá, porque eles tem, assim, uma *perspicácia*, um *entendimento* muito grande em todos os sentidos; eles são, assim, afetuosos, aquele *afeto que é descomprometido*, né, não tem assim nada de... não tem nenhuma intenção por trás.ò
- ã(...) eu acho que o animal tem essa *perspicácia*, o ser humano raramente tem. Eu tinha um professor de psicologia na faculdade que falava ðomara a minha esposa tivesse o discernimento emocional que o meu cachorro temð
- ã(...) mas a coisa legal de adotar é justamente essa surpresa, assim, de você pegar uma raça que nem existe (risos), é mistura de sei lá o que com o que, e você descobre que você salvou uma vida. *E eles são muito gratos por isso, muito mesmo, você sente o feedback deles*.ò
- ãBom, ela é mais calma e ele é muito agitado, ele é muito *agitado*.ò
- ãEntão um poodle ele é muito *possessivo*, é mais *ciumento* (...)ò
- ãÉ aquele tipo de animal que faz o que quer. E tinha uma *compreensão* das coisas, assim, muito grande, né. E... e era assim, só faltava falar mesmo. A gente brinca que quando a gente não tava vendo, ela falava. Uma compreensão assim, falar qualquer coisa... E ela te dava respostas emocionais (...)ò
- ãÉ, eles são meio *indisciplinados* (risos). Eles pulam muito, se deixar tão em cima, sabe.ò
- ãEu acho que a *inteligência* no cachorro é extremamente perspicaz, assim, muito... essa diferenciação afetiva que o cachorro tem em relação a tudo, eu acho, eles são muito perspicazes em relação ao emocional, né... sagacidade, né, os animais são *sagazes*, bastante espertos. Eu acho que é a *lealdade*, né; a lealdade, cai no lugar comum, mas é verdade, o cachorro é muito leal mesmo.ò

I.2) Identificação de comportamentos sinalizadores de tristeza

	<i>Participantes</i>
Cachorro se isola	1, 2 e 5
Vem no colo para ninar	2
Parada, faz manha e chora	3
Tenta chamar atenção	6
Busca um dos donos	8 e 10
Não identifica tristeza	4, 7 e 9

Participante 1:

- *“Sabe o que é engraçado, outro dia mesmo a gente achou que ele tava assim, eu falei ‘mossa, acho que hoje ele tá assim tão ‘ururuô tá triste, sabe? Mas ele fica lá na dele (...) por exemplo, se ele vê movimento que a gente vai sair, tá se arrumando, ele já vai pro canto e já fica só olhando assim de rabo de olho, sabe?’”*

Participante 2:

- *“Na verdade, assim, ele fica muito na dele, assim... você percebe que ele tá triste porque ele se isola. (...) e aí assim, quando ele tá assim, ele já vem pro seu colo ninar (...)”*

Participante 3:

- *“Ela fica meio paradinha, se ela sente alguma dorzinha, dá pra perceber, ela faz uma manha, dá um chorinho... ela fica meio quietinha assim.”*

Participante 4:

- *“É difícil você ver eles chateados. Eles são carentes, no sentido que precisam de carinho (...)”*

Participante 5:

- *“Então, ele tende a se isolar e eu que procuro ele.”*

Participante 6:

- *“Fica pulando, fica colocando a cabeça.”*

Participante 7:

- *“Nunca notei isso. Nunca notei ela desanimada, pra ser sincero, quando alguém dá uma dura meio pesada nela, ela sente (...) ela sabe que errou.”*

Participante 8:

- *“Ah, normalmente ela vai nele [namorado da participante]”*

Participante 9:

- *“Ele nunca tá, nunca! Nunca ele tá... às vezes o que acontece é se a gente vai passar o dia fora e tal, ele volta cansado às vezes, né.”*

Participante 10:

- *“Ela é muito amorosa, assim, né, quando ela tá mais tristonha, tudo, ela procura muito a minha filha. Ela gosta muito de deitar no colo, de ficar junto.”*

I.3) Vivências de perdas: comparações

	<i>Participantes</i>
Dores maiores na perda do animal do que a morte de familiares/ amigos	1, 4 e 5
Dores são parecidas	2
A reflexão de vida e de morte é igual	2, 4, 8 e 10
Não teve a vivência de perda de animal no momento	3 e 7
Depende se o cão é visto como animal ou como família	6
Dores são diferentes	9

Participante 1:

- *“Olha, eu vou te falar, dá até vergonha, mas quando meu outro cachorro morreu, mas eu chorei tanto, tanto... daí meu pai morreu há uns 2 anos atrás, apesar de que ele tava doente e velho, tava sofrendo muito, mas eu lembrava, falei ‘nossa, acho que eu chorei mais quando o cachorro morreu do que quando...’”*

Participante 2:

- *“É, o primeiro cachorro foi, foi difícil e assim, as situações são muito parecidas, porque tanto o cachorro, no caso, e a minha mãe que faleceu há 7 meses, ficaram muito doentes, né (...) É muito parecida a relação, né. (...) as dores são muito parecidas, as perdas são muito parecidas. A reflexão do que é a vida e o que é a morte, ela não tem diferença.”*

Participante 3:

- *“(...) se for me perguntar ‘você pensa o que pode acontecer, o sentimento da perda dela’ é... uma coisa assim, eu não gosto nem de pensar. No dia que ela for, eu vou junto. Eu quero ir primeiro que ela!”*

Participante 4:

- *“Eu acho que é muito parecido, porque ainda mais foram, por exemplo, o meu cachorro eu convivi com ele 15 anos. (...) Chega a ser até uma mesma coisa, você perder um amigo, às vezes, e um parente.”*

Participante 5:

- ãNossa, tem morte que você não sente tanto, Deus que me perdoe, mas é muito, é *muito forte* a relação que você tem com o cachorro, é um filho, né. A dor é muito grande. Eu tenho parente que não era tão próximo que eu perdi que não doeu tanto.ò

Participante 6:

- ã(...) ah, é muito difícil, né, você tá com um ser humano, e com um animal assim, do nada, vir a falecer. Difícil mesmo.ò

Participante 7:

- ãOlha, você se apega, você se apega ao animal. E com certeza se você vem a perder, faz falta. Eu tive perdas de parentes muito próximos, até irmão, mas é... a gente sente que se apega tanto. Eu ainda não passei por essa experiência. Uma das preocupações nossas é isso, você se apega muito por até conviver com pessoas que já tiveram, e quando morre é uma coisa triste, quase que uma pessoa da família.ò

Participante 8:

- ãCom relação a pessoas, nunca perdi ninguém tão próximo. Aí eu perdi a Lana, que é essa cachorra de 18 anos, então na época que ela faleceu a gente já sentia que tava chegando o momento, ela não chegou a ficar doente, ela não sofreu muito assim. Ela tava velinha, né. E aí na semana da morte dela a gente já sentia que ela ia partir. (...) Então assim, é *uma dor* assim, faltou um pedaço da casa, sabe? É um pedaço que nunca mais, nem a Maia, ninguém substitui, porque era dela. (...) É uma coisa que não é assim *ah, beleza*, morreu, vou pegar outro cachorroô a gente ficou 1 ano sem cachorro e aí a gente foi enterrar ela lá na serra, fui eu, ele [namorado] e meu pai. A gente colocou no meu carro, teve todo um ritual mesmo de partida, mas foi muito sofrido!ò

Participante 9:

- ãAh, toda perda é complicada, né, pra mim. Mas não sei como eles [filhos] vão reagir na perda dele, mas, assim, eu tenho muito claro pra mim que cachorro é cachorro e gente é gente, né. (...) A gente sente falta e tudo, mas... eu acho que *não se compara a perda de uma pessoa*.ò

Participante 10:

- ãClaro, guardadas as proporções, mas eu acho que *perda é perda*. Não dá pra dizer que não é, né. É *muito doloroso*, é muito ruim e a gente não supera. A verdade é essa. Você

sempre tem uma lembrança saudosa. (...) você associa e você lembra e você sempre fica com a sensação de ter querido fazer mais por aquela pessoa ou por aquele animal (...) Aquele animal que se foi é aquele animal que se foi. É muito duro, é muito triste lembrar, e é um buraco que fica, que não pode ser preenchido.ò

I.4) O que chama a atenção em cães de maneira geral

	<i>Participantes</i>
O olhar	1
Amizade	2
Inteligência e sensibilidade	3, 7 e 10
Fidelidade e lealdade	2, 4, 5, 6, 9 e 10
Afeto	4 e 9
Obediência	7
Disposição (bom humor) e aceitação	8
Sagacidade	10

Participante 1:

- ãAh, o olhar, né? (risos) Eu acho. Cachorro tem um olhar que é... eles olham assim diferente, né.ò

Participante 2:

- ã(...) a amizade dele, a fidelidade dele com você. O cachorro ele é fiel mesmo ao dono, uma coisa muito interessante isso.ò

Participante 3:

- ãA inteligência, a sensibilidade deles, é uma coisa que eu fico abismada.ò

Participante 4:

- ã(...) eles são mais fiéis, no sentido de estar mais próximos; eles são mais companheiros. É... eles tem essa coisa de... de afeição mesmo, de carinho, de te dar atenção, de te dar carinho (...)ò

Participante 5:

- “Eu acho que é até meio clichê, mas eu acho que é a fidelidade que ele tem, né. De tá sempre ali. Ele demonstra querer proteger o dono, ele demonstra gostar. Você vê isso de maneiras diferentes.”

Participante 6:

- “A fidelidade deles com o ser humano. Com certeza.”

Participante 7:

- “Eu admiro muito a obediência, em setor de adestramento, a inteligência com que eles sentem o ambiente. Eu admiro muito essa inteligência do animal.”

Participante 8:

- “Ah, eu acho que é... essa disposição, esse bom humor, assim.”

Participante 9:

- “O afeto que ele tem pelo dono dele. A fidelidade e o afeto que ele tem pelo dono.”

Participante 10:

- “Eu acho que a inteligência no cachorro é extremamente perspicaz, assim, muito... essa diferenciação afetiva que o cachorro tem em relação a tudo, eu acho, eles são muito perspicazes em relação ao emocional, né... sagacidade, né, os animais são sagazes, bastante espertos. Eu acho que é a lealdade, né; a lealdade, cai no lugar comum, mas é verdade, o cachorro é muito leal mesmo. (...)”

I.5) Similaridades apontadas entre humanos e cães

	<i>Participantes</i>
Quase gente: entendem o falado e se comportam bem	1
Adora receber visitas	2
Carinho, sentimento	5
Receptividade	6
Animais mais humanos e humanos mais animais	10

Participante 1:

- ã(...) a gente acaba tratando como pessoa e aí eles vão... eu acho que hoje os cachorros estão mais virando quase gente mesmo... eles têm características, eles entendem perfeitamente o que você fala, eles se comportam bem, então eu acho que eles estão indo pra um caminho assim mesmo.

Participante 2:

- ã(...) eu vejo assim, o Joca adora quando chega visita em casa, ele adora receber. Lá em casa todo mundo é meio assim, a gente adora estar com as pessoas.

Participante 5:

- ãEntão, eu acho que o aspecto do carinho, do sentimento mesmo, é bem parecido com o que eu sinto dos meus entes mais próximos.

Participante 6:

- ãAh, eu acho que é você ser receptivo com todo mundo.

Participante 10:

- ã(...) E eu acho que nesse ponto houve uma deterioração em relação ao ser humano e o que não houve com os animais: os animais estão cada vez mais humanos e os humanos estão cada vez mais animais.

I.6) Diferenças apontadas entre humanos e cães

	<i>Participantes</i>
Correspondência entre humanos e correspondência com o cão	1 e 7
Não há controle sob o humano, mas há sob o animal	2
Cães como seres superiores	3 e 8
Ser humano tem linguagem	2 e 4
Ser humano magoa o outro	4
Dependência do animal	2, 4, 5, 7 e 8
Rancor e maldade do humano	6
Não há cobranças e julgamentos por parte do cão	8 e 10
Lealdade, afeto e fidelidade do cão são exemplos ao humano	9
Deterioração do humano que se preocupa mais com 'ter' do que 'ser'	10

Participante 1:

- *“(...) a correspondência assim é diferente, né, lógico... ser humano te completa muito mais, mas o cachorro quebra um galho”*

Participante 2:

- *“(...) é mais difícil lidar com o ser humano, porque você não tem o controle sob o outro, mas você tem controle sob o seu animal (...)”*
- *“A diferença é que eu acho que o ser humano sabe explicar, sabe falar, e talvez o cachorro se ele pudesse falar ele também diria ‘eu não gosto de fulano, não gosto dela’”*
- *“(...) o cachorro te faz se sentir assim, né, muito amado, né, a relação de como ele depende de você (...)”*

Participante 3:

- *“(...) eu acho que eles são muito mais superiores do que a gente; eu acho que assim, lógico, não vai se comparar a inteligência pra algumas coisas, mas em termos de honestidade, de companheirismo, de caráter, eu acho que não tem que discutir não. Eu não confio no ser humano, eu acho que a gente vive num mundo que tá cada vez pior e eles são puros.”*

Participante 4:

- *“A diferença é justamente que eles não falam, você nunca viu um cachorro brigar com você, reclamar, xingar... e o ser humano num geral eles são grossos, são mal educados... não tem isso. Cachorro não magoa você na teoria, né, e o ser humano tem essa coisa.”*
- *“(...) pelo bicho precisar de você, é uma coisa legal, né. É um ser que depende de você (...)”*

Participante 5:

- *“Você sabe que você tem que ter aquele cuidado, que ele depende totalmente de você.”*
- *“É eu acho que assim, essa relação de dependência que ele tem é o que acaba diferenciando.”*

Participante 6:

- *“Então não é aquele animal que guarda rancor, que nem nós seres humanos. Então isso daí é o que diferencia muito.”*
- *“Do rancor, é, de ser irracional, porque o ser humano já é, né, cheio de maldade, cheio de rancor, de mágoa. O cachorro não tem nada disso”*

Participante 7:

- “(...) e a preocupação de você ter um animal e ter que se dedicar a ele, alimentar, saber que ele depende de você (...)”

Participante 8:

- “Então eu percebo que realmente, assim, ela é completamente dependente, a referência dela sou eu e ele [namorado]”
- “Então é isso pra mim, eu vejo dessa forma, como *ah*, eu tenho alguém que *depende* de mim”
- “Com o cachorro às vezes não precisa disso, você não precisa ter o seu melhor, ele *vai te aceitar*, ele vai te amar de qualquer jeito.”

Participante 9:

- “Eu acho que pra nós, é, pro ser humano, o cachorro é um exemplo de *fidelidade*, de *lealdade* e de *afeto*. (...) Então eu acho que nesse sentido é realmente um exemplo pra gente de afeto e de lealdade. Coisa que entre ser humano você nunca vê, raramente vê.”

Participante 10:

- “É, acho que o animal *não te julga*, sabe, o animal não espera nada de você, o animal não é egoísta, o animal não pensa primeiro em si depois nos outros. (...) o animal vai pelo sentimento de amor mesmo. Se você gritar com ele, em seguida ele vem abanando o rabinho pra você; se você não passear com ele hoje, ele não vai ficar *bravo*, você não passeou comigo hoje, não sei o que lá *te cobrando* daquilo, entendeu? Então ele vai continuar te amando do mesmo jeito, ele vai te receber igual, coisa que o ser humano não faz.”
- “Eu acho que principalmente essa coisa do *ser humano* *ser* né, que todo mundo tá discutindo hoje. Realmente o ser humano tá mais preocupado com o *ser humano* não o *ser* e o animal não tem isso, né, o animal não quer saber se o seu carro é do ano. (...) Então o *ser humano* suprimindo o *ser* né, suplantando o *ser* E os animais eu acho que ainda tem essa coisa do *ser humano* não o *ser*”

II) CHEGADA DO CACHORRO DE ESTIMAÇÃO

II.1) Quem pegou/adotou o cão

	Participantes
Filha ganhou do ex-namorado	1
O(a) próprio(a) participante procurou	2, 3, 4 e 5
Dado por familiar ou amigo	4, 6, 8 e 9
Participante se decidiu no momento que viu o cão	7 e 10

Participante 1:

- ãNa verdade minha filha ganhou de um *namorado*... o namorado já foi e o cachorro ficou...ò

Participante 2:

- ãEle, especificamente, a *gente foi* até o pet shop, ali no shopping Eldorado e aí a gente deu sorte. Foi um dia que foi de muita coincidência...ò

Participante 3:

- ãEu *procurei* através de anuncio. Eu sabia que eu queria uma cocker, eu queria menina, eu queria caramelo, eu fui atrás e ela veio pra mim.ò

Participante 4:

- ã(...) veio primeiro ela [Tequila]... aí eu acompanhei ela bebezinha e tal, cresceu, tal, e a gente sempre trabalhou em casa, trabalhava em home Office, então fazia companhia mesmo, e eu escolhi a raça justamente por ser uma raça que é totalmente companheira, é dócil, não faz bagunça, é super tranqüila (...) Daí a gente resolveu que ela precisava de alguma companhia, alguma coisa, e a principio a gente tava pensando num cachorro pequenininho pra fazer companhia pra ela (...) daí no final nas contas aconteceu de um *amigo nosso nos deu* daí ele [Laio].ò

Participante 5:

- ãNa verdade o Mano entrou na minha vida pra fazer uma substituição, né (...) aí falei ãnão quero ficar sem cachorro, não quero ficarò mas também não queria um parecido com ele. Aí *fui atrás*, aí encontrei um rapaz que tava vendendo uns filhotes dele... (...) da mãe dele, aí eu cheguei lá, tal, ele [Mano] me escolheu, veio direto, e... é diferente, né, porque é um nenenzinho pra sempre.ò

Participante 6:

- ãAh, então, ele *era da minha irmã* (...) aí ela ficou me ligando *ó* você não quer esse cachorro? Você não quer esse cachorro? Se não eu vou colocar na internet que eu vou anunciar pra venderô aí eu falei *áh*, eu vouô(...)ò

Participante 7:

- ãFoi assim, nós tínhamos uma resistência por ter animal em casa, eu e minha esposa, e... uma certa frustração de não poder viajar um dia com as crianças, *a gente resolveu* almoçar fora e nós estávamos saindo do restaurante ali no Vila Lobos, e acabamos vendo um cachorrinho, as crianças se apaixonaram e a gente, pelo coração, cedemos um pouco a eles e aí acabamos a Luna dentro de casa.ò

Participante 8:

- ãAh, é assim, meu irmão tinha a Pink, que é a mãe dela, e aí a Pink teve um monte de filhotinhos. E aí meu irmão vendeu todos e aí ele me presenteou com ela.ò

Participante 9:

- ãA *minha irmã tem a mãe dele* que deu cria, deu 4 filhotes, e um filhote foi pra dona do macho e os outros 3 filhotes ficaram na família. E ele é um deles. Então ele tem contato com as duas irmãs dele e com a mãe até hoje, que estão na família.ò

Participante 10:

- ã(...) ela foi assim eu tava numa loja de, um pet shop gigante da marginal Tietê, o Pet Center, e a gente tá sempre lá fazendo compras. Minha filha tava numa aula de teatro e eu tinha que comprar algumas coisas pra eles e fui, justamente no dia que estava tendo a feira de adoção. Então eu já liguei pra ela, falei *ô*., tem um cachorrinho lindo, ela parece uma rapozinha, tá pra adoçãoô eu já tinha 4 em casa, né. Eu falei *ó* vamos pegar?ô meio na louca, né, sem pensar muito. (...) E ele, assim, nós tínhamos perdido uma cadelinha, né, que é a mãe desses 2 poodles que estão (...) a gente tinha ido viajar justamente por uns 4 dias e quando nos retornamos, ele estava pra adoção. Então nós falamos *áh*, *vamos levar ele também* porque o dono do pet já tava desesperado porque eles já estavam lá há bastante tempo e eles não tinham sido adotadosò

II.2) Escolha do nome

	Participantes
Homenagem a uma figura pública	1, 5 e 10
Veio com o pedigree	2
Homenagem a um familiar	3
Personagens de desenho/filme/livro	3, 6 e 9
Consenso da família	7
Pelo significado do nome	7 e 8
Relação com a data da adoção	10

Participante 1:

- ã(...) e o nome foi em *homenagem* ao Chico Buarque.ò

Participante 2:

- ãEntão, por ter sido comprado já no pet shop, ele já vem com *pedigree*, já vem com o nome, então o nome a gente não mudou, a gente achou legal.ò

Participante 3:

- ãSava é de um *livro* da Danielle Steel que eu li, que eu gostei do nome, era uma Cocker no livro; e Maria porque *minha avó* é Maria.ò

Participante 5:

- ãEntão, ele nasceu numa família de corintiano, né. E o Mano Menezes tava saindo do Corinthians e aí a gente fez uma *homenagem* pra ele.ò

Participante 6:

- ãO nome Flick porque a outra chama Dot, e é aquele *desenho* das formiguinhas, Dot e Flick, sabe? Então ele ficou Flick, porque a dela chamava Dot.ò

Participante 7:

- ãConsenso da família (...) No italiano, né, a *tradução* de Lua.ò

Participante 8:

- ãE o nome foi porque eu vi... como que é... é tipo *Deusa do Mar*, alguma coisa assim do mar, relacionada ao oceano, e aí era Maia em havaiano, alguma coisa assim. E aí eu escolhi Maia.ð

Participante 9:

- ãAh é, a gente havia assistido um *filme* de cachorros na neve (...) a mãe dele chama Maia, que é uma das cadelas do filme, chama *Resgate abaixo de zero* e a Maia tem um filho que chama Max, aí ficou Max.ð

Participante 10:

- ã(...) como ela nasceu na rua, a gente não tinha ideia certa da data de nascimento dela, então a gente pôs Juno porque *ela veio em junho*. (...) o Depp é porque a gente *gosta muito do ator John Depp*, a gente é fã mesmo, de assistir todos os filmes, saber tudo da biografia.ð

II.3) Representação/Função

	<i>Participantes</i>
Amor	1
Permite intimidade e legitimidade (poder mostrar o que se é)	1, 5 e 8
Alegria e felicidade	1, 2 e 6
Bebê da casa; traz o sensível e a preocupação com o outro	2
Família/filho(a)	2, 3, 4, 5, 8 e 10
Companhia	3, 4, 7, 9 e 10
Ajuda no desenvolvimento de responsabilidade e do cuidado	2, 4, 5, 8, 9 e 10
Humanizam	2 e 4
Substituição de outro cão	5, 8 e 10
Lúdica	4, 5, 7, 8, 9 e 10
Catalisador de manifestações de mais emoções (maior sensibilidade)	1 e 6
Preencher o tempo e quebra da rotina	7

Vida	8
Porto seguro	10
Eliminar o estresse	7 e 10
Esperança e sentido de vida	2 e 10

Participante 1:

- ã(...) e faz aquela festa e traz muita *alegria*, assim(...).ò
- ã(...) é isso, é *companhia*, é *amor*, é *carinho*, é *distração*, é trabalho também, mas... é tudo isso junto.ò
- ãAh, é isso que eu falei, assim, é alegria, né, eu acho.ò
- ã(...) quando meu outro cachorro morreu, mas eu chorei tanto, tanto (...) eu digo assim, como de choro assim, de *expressar mais*... vou te falar que é duro cachorro.ò
- ãOlha, eu acho assim, pra todo mundo é sempre bom ter um cachorro, né, porque eu acho que é um jeito assim que você também, *você mostra mais suas emoções*, porque às vezes a pessoa... o ser humano é mais retraído, né... Às vezes você não pode se abrir tanto e com o animal de estimação você faz porque você sabe que não vai pra frente, você vai ficar ali e eles são super receptivos, né, então eu acho que é um ponto bem... bem bom, é isso.ò

Participante 2:

- ãE aí a gente começou a sentir a necessidade de ter mesmo, né, outro animal, outro cachorro em casa... pela *alegria*, né, você chega em casa e é estranho porque eles estão sempre de bom humor, né, pra te receber.ò
- ã(...) não é um cachorro, é a *família*, né... você transfere, né, ainda mais a gente que já tá com os filhos como você, grande, na faculdade, então ele é o *bebê da casa*. Você transfere mesmo essa coisa do *cuidado*. (...) A gente quando trouxe ele pra casa, que os filhos pequenos, era exatamente isso, você trazer o lado sensível, *humano*, né, a *preocupação* com o outro e não importa como o outro seja; o outro pode ser diferente de mim, mas a preocupação tem que ter, né.ò
- ã(...) aqueles que procuram ter o animal de estimação, procuram estar muito sempre próximos de alguma coisa que dê um *sentido* na vida pra eles, né.ò

Participante 3:

- ãEntão a importância que ela teve na minha vida, ela assim, ocupou um espaço de filha pra mim... e ela chegou na família como da família mesmo.ò

- ã(...) eu já tinha na minha cabeça que eu queria uma menina, que fosse minha companheira (...).ò
- ã(...) eu acho que quando você tem um animalzinho de estimação na tua casa, então assim, ele é teu companheiro, ele te ajuda nos momentos mais difíceis, ele tá sempre do teu lado, você aprende muito com ele essa coisa da doação, o carinho, ele sente quando você tá precisando de um apoio, de um conforto, ele tá ali do teu lado pra tudo, então acho que é muito bacana.ò
- ãEla é tudo. Ela é tudo, ela é a minha vida, eu vivo pra ela. (...) Não fico sem ela, não durmo sem ela, não viajo se ela não tiver junto, não faço nada sem ela.ò
- ã(...) eu escolhi ela pra ser minha filha (...).ò

Participante 4:

- ãEles são parte da família pra mim, é família! ã
- ã(...) é quase como um filho, né, porque você tem que educar, dá comida, você cria os hábitos de cuidar deles e ao mesmo tempo você tem a companhia, você nunca tá sozinho em casa.ò
- ã(...) companheirismo mesmo, de fazer companhia, de estar sempre ali do lado, aquela coisa toda... os cachorros têm.ò
- ãÉ, eu sempre quis, né, porque eu fui criada com cachorro, então eu sempre fui essa relação de ter bicho por perto, aquela coisa de brincar, de cuidar, de fazer bagunça com eles, né, então pra mim foi o máximo (...).ò
- ãEntão pra mim, ter um bichinho de estimação, uma coisa pra você brincar, tal, eu sempre tive. E eu acho legal, porque até te ajuda a saber educar, a saber criar, aquela coisa de ter que limpar, obrigação, tal.ò
- ãÉ, eu acho importante as pessoas terem até pelo fato de... as relações com os animais elas te dão, assim... elas te tornam mais humano, pela afeição, pela troca de carinho, pelo... pelo bicho precisar de você, é uma coisa legal, né.ò

Participante 5:

- ã(...) as pessoas mascaram as coisas, né. Muitas vezes a pessoa não demonstra o que sente de verdade, quer dominar uma determinada situação, quer ter o controle de tudo, e você não tem isso com o bichinho, né, não tem essa máscara.ò
- ã(...) é muito forte a relação que você tem com o cachorro, é um filho, né.ò
- ãPorque foi por acaso, não foi uma escolha que eu tinha feito a princípio, né, aí virou uma necessidade de ter aquele cuidado. Você sabe que você tem que ter aquele cuidado, que ele depende totalmente de você.ã

- ãNa verdade o Mano entrou na minha vida pra fazer uma *substituição*, né, porque (...) minha filha ganhou do pai dela um cachorrinho (...) ela tava levando ele pra passear, ele escapou da coleira, foi atropelado, aí ela viu tudo, foi traumático. Eu não conseguia mais voltar pra casa, porque a gente... ele tinha um ano que tava com a gente, né, e começou a se apegar, tudo, aí eu falava assim ãEu não quero mais voltar pra casa porque ele não vai mais pular em mimô.. aí falei ãNão quero ficar sem cachorro, não quero ficarô mas também não queria um parecido com ele.ò
- ãEle brinca... é carinho gratuito, né.ò

Participante 6:

- ãAh, é muito bom, né, porque você *troca energia*, né, com o cachorro (...)ò
- ãMas assim, quando chega do trabalho ele faz a maior festa, então assim, a gente troca uma energia mesmo, você acaba trocando essa energia, porque ele traz *felicidade* mesmo pro ambiente.ò
- ãAh, uma *alegria* mesmo. Veio trazer uma *alegria* pra minha casa.ò
- ã(...) você acaba *resgatando a parte sentimental*, que hoje, na sociedade, tá muito esquecida, né, então pra mim foi bom.ò

Participante 7:

- ãÉ uma *companhia*, uma companhia. Vamos dizer assim, é você não tem tempo vago, né, você fala sim ãAh, não tem o que fazerô mas você tem ela ali do lado, você assiste uma televisão, alguma coisa, ela vem pra perto, chama, dá uma deitadinha ali no canto, fica fazendo carinho. É um *passatempo* também, ocupa o tempo da gente.ò
- ãEu diria que com o animal aqui a gente elimina muito *estresse*, desvia muito a atenção, pra você *brincar, ocupar aquele tempo*, não ficar pensando em outras coisas. Porque amplia muito o dia a dia, te *tirar da rotina*, essa é a diferença pra mim.ò

Participante 8:

- ãAh, eu acho que, assim... o *cachorro nunca vai te cobrar* pra você ser de uma forma ou de outra.ò
- ãHoje em dia já faz parte da *família* mesmo.ò
- ãAh, hoje ela é minha *filha*. Então assim, eu ainda não tenho filhos, pra mim é ela.ò
- ãE na minha relação com ela, eu acho que é essa questão do *cuidado*, de eu sentir que ela é minha *filha*, sabe.ò
- ãEntão assim, a minha vida toda eu tive cachorro, mas ela é a primeira minha mesmo, que eu falo ãÉ minha *responsabilidade*ô

- ãEntão, a vida toda eu tive, mas era tipo o cachorro da casa. Nunca foi um cachorro meu. Ela é a primeira. Eu tive uma cachorra que chamava Lana que viveu 18 anos. Então assim, desde que eu era adolescente, ela faleceu 1 ano antes da Maia nascer. Então a gente ficou... ela morreu, a gente ficou 1 ano sem cachorro, e aí veio a Maia.ò
- ãBom, antes, a rotina, tipo, não tinha muita graça. Acho que ela trouxe isso pra gente, assim. Então, qualquer hora do dia se você quer *brincar*, se você quer descontraí, você tem um cachorro. Porque ela trouxe *vida* mesmo assim pra casa.ò

Participante 9:

- ãAh, eles são super *companheiros* (...)ò
- ã(...) ele adora a nossa *companhia* e a gente a dele também, néò
- ãPra mim cachorro é cachorro, claro, a gente gosta, acaba se apegando, assume a *responsabilidade* de cuidar dele e tudoò
- ãO convívio é ótimo, é excelente, a gente assume a *responsabilidade*, cuida bem, mas eu acho que cada um tem o seu padrão de vida.ò
- ãAh, é gostoso ter um cachorro, porque se as crianças gostam dele, *brincam*, é... eu tenho cachorro mais por causa das crianças mesmo.ò

Participante 10:

- ã(...) os cachorros pra gente é nossa vida, assim, são a nossa *família*, é a nossa ancora, sabe? É o nosso *porto seguro*, é o momento de afeto muito grande, né.ò
- ãAh, eu acho que ela é aquela cadela de *companhia* (...)ò
- ã(...) eu acho importante criar crianças com animais, né, eu acho que dá uma *esperança de vida*, amadurece a criança, né, o ligar com o animal, desenvolve o lado afetivo, o lado da *responsabilidade*, que ajuda a cuidar, então eu acho fundamental.ò
- ãE ele, assim, nós tínhamos *perdido uma cadelinha*, né, que é a mãe desses 2 poodles que estão... ficou em casa por 6 anos, né, veio muito pequenininha, teve várias crias e tal, e ela ficou com uma doença no baço que ninguém soube dizer o que era. (...) E a gente tinha ido viajar justamente por uns 4 dias e quando nos retornamos, ele estava pra adoção. Então nós falamos *ah, vamos levar ele também*ò
- ãBrincadeiras, a gente tenta participar as duas [participante e filha dela] e tal.ò
- ãÉ um momento de tranquilidade, né, assim, então depois de todo o *estresse* do dia, a gente chega em casa, saber que eles estão lá, esperando.ò

III) MODIFICAÇÕES/ADAPTAÇÕES NA ROTINA

III.1) Problemáticas

	Participantes
Mais trabalho e maior cansaço	1, 5, 6 e 9
Sujeira pela casa	1, 4, 6 e 8
Espaço disponível ao cão	1, 2, 4, 5 e 9
Destruição da mobília	4 e 8
Despesa	6
Preocupação	9

Participante 1:

- ã(...) acho assim, animal é muito bom, é gostoso e tudo, mas também uma hora cansa um pouco assim, porque você tem o *trabalho*, né (...)ò
- ãAssim, ele em casa, por exemplo, ele não faz uma *sujeira*, ele não pega uma coisa... você sai, você deixa ele, você volta, tá como ficou... ele ficou deitado ali... um pouco de pelo pela casa.ò
- ã(...) ele é uma raça grande, a gente morava em *apartamento* e mora ainda, então é mais complicadinho porque tem que sair 3 vezes por dia e... sei lá, às vezes eu ainda acho assim um pouco... ahn... apartamento, apesar dele ficar super bem (...)ò

Participante 2:

- ã(...) e *apartamento* também você tem que pensar nos vizinhos, né, comprar um cachorrinho, ele é pequeno, mas é estridente, não dá pra incomodar, que o teu gosto não é o gosto do teu vizinho, né.ò

Participante 4:

- ãA casa, você tem que tá toda hora *limpando*, que não é a mesma coisa.ò
- ã(...) quando era só ela a gente tinha um *espaço* razoavelmente suficiente, agora ficou um pouquinho menorzinho o espaço porque ele é meio grandinho, né, pra não dizer outra coisa, é... pra não dizer enorme, ele é meio grandinho.ò
- ãQuem não tem cachorro às vezes não aceita muito essa coisa de... vai moer... vai *destruir* almofada, vai destruir pé de sofá, isso você tem que aceitar, faz parte da brincadeira.ñ

Participante 5:

- ã(...) antes eu não queria cachorro, porque dava *trabalho*, eu morava em *apartamento* (...)ò

Participante 6:

- ãPra mim é só *despesa* (...) mas trouxe é bastante despesa, bastante *trabalho* (...)ò
- ãFaz *xixi* dentro da minha casa, por mais que eu fale (...)ò

Participante 8:

- ãTipo, eu sou uma pessoa muito preocupada com limpeza, com organização, minha casa sempre tem que estar impecável, e ela meio que flexibilizou isso na minha vida, porque ela solta pelo (...) automaticamente eu fui meio que flexibilizando essa minha exigência por limpeza, esse perfeccionismo.ò
- ãEntão, quando era filhote, destruiu a casa, né, tipo. Então assim, cadeira, tudo que era de madeira ela destruiu.ò

Participante 9:

- ãEu tenho 3 filhos e ele é um *trabalho* a mais (...) é uma *preocupação* e um trabalho a mais.ò
- ã(...) a gente mora em *apartamento* e eu acho que quando a cadela entra no cio e fica pingando sangue, muito complicado pra quem mora em apartamento, então eu queria macho por causa disso.ò

III.2) Compensações

	<i>Participantes</i>
Companhia, amor, carinho, distração, não reclama	1
Sempre de bom humor; é gratificante; há controle sob o animal	2
Parceria	3
Promove que os donos sejam ativos e socializem	2 e 4
É legal e divertido	4 e 9
Sinceridade	5
Filhos da participante brigam menos	6

Participante 1:

- ã(...) por mais que seja trabalhoso, é isso, é companhia, é amor, é carinho, é distração, é trabalho também, mas... é tudo isso junto.ò

Participante 2:

- ã(...) você chega em casa e é estranho porque eles estão sempre de bom humor, né, pra te receber.. então é muito gratificante chegar em casa depois de um dia de trabalho e saber que tem um ser te esperando feliz, esperando por você, é bom isso.ò
- ã(...) você não tem o controle sob o outro, mas você tem controle sob o seu animal (...)ò
- ãQue nem, eu moro lá no Butantã, to vindo a pé até aqui, porque meu sogro mora aqui, né, então fomos a pé até lá pra visitar o sogro com o Joca.ò
- ãEu acho que todo mundo tem que ter um cachorro, entendeu, porque a gente aprende muito com eles. Até a relação que você acaba tendo quando você tá na rua, né, o próprio encontro da gente agora, né, poder você me conhecer, eu ver como você é e tal; essa relação o cachorro traz, então é importante, né, porque hoje em dia numa cidade como São Paulo você não tem tempo pra nada, você não tem tempo pra conhecer as pessoas, você tem dúvida se convida, se não convida, alguém pra conhecer sua casa, né, então acho que esse momento assim que você tem com o cachorro de que a vida é boa, era importante.ò

Participante 3:

- ãAh, de muito carinho, de muita parceria, de muito companheirismo, a gente, como eu te falei, a gente faz tudo juntas, então é bem bacana, é uma troca bem legal.ò

Participante 4:

- ã(...) aquela coisa, desespero de ficar em casa, ãh, vamos passear com eleô que é super legal, divertido e... é o gostoso de estar com eles.ò

Participante 5:

- ãEu acho que é muito sincero esse carinho, né, ele vem, ele beija, ele lambe, e aí a gente fica tão feliz quando ele obedece ãh, sentaô ele senta, ãlá a patinhaô eu acho tão lindo! É tão verdadeiro, porque a gente não consegue talvez perceber o amor de outras pessoas (...)ò

Participante 6:

- ãAh, acho que é bem rica, viu. Eu vejo que até *meus dois filhos eles não estão brigando mais*. Porque não sei, o cachorro além de trazer alegria, ele também traz aquela parte de carinho, sabe, de ser amoroso, que nem eles, vivem pegando no colo ãi, te amoò

Participante 9:

- ã(...) mas a casa ficou bem mais *divertida* com ele.ò

III.3) Na prática

	<i>Participantes</i>
Levar pra passear na rua	1 e 9
Ração especial	1
Menciona a história de uma amiga que deixou de viajar por causa do cão	2
Adaptações nos móveis ou disposição dos cômodos	3 e 4
Tem trabalho que permite levar o cão	3
Limpeza mais vezes durante o dia	4
Diminuiu perfeccionismo com limpeza e deixa de ir a eventos pra não deixar o cão sozinho	8

Participante 1:

- ã(...) então é mais complicadinho porque tem que sair 3 vezes por dia (...)ò
- ã(...) e comida ela [filha da participante] vê também, ração tem que ser... que ele é pele sensível, então tem que ser ração especial, então umas frescurinhas, né.ò

Participante 2:

- ãEu vejo, por exemplo, pessoas que não tem cachorro falam assim óossa, eu tenho uma amiga que contou uma história da pessoa que eles foram passar o ano novo em tal lugarô e o cachorro dessa amiga dela começou a passar mal, né, ia pra praia; e ela subiu a serra, ela não curtiu a virada do ano porque ela subiu a serra pra trazer o cachorro do veterinário. Então essa amiga que não tem o cachorro ela falava assim óossa, eu acho um absurdo, não acreditava no que eu tava vendoô aí eu falo ónas não dá pra ser diferente!ô como você vai, no momento em que você tem um ser que tem que cuidar, né, e o cachorro é isso, né.ò

Participante 3:

- ãAh, ela é meio espaçosa, então no começo eu tinha uma cama de casal padrão, não dava. Eu comprei uma cama daquela king size, porque ela é muito espaçosa, então agora cada uma tem seu spacinho sem ficar derrubando a outra da cama.ã

- ãEu tenho o trabalho que tenho, porque me permite tá com ela, trabalhar todos os dias com ela.ò

Participante 4:

- ãEntão que a gente meio que adaptou o hall de casa que é passagem do quintal pra garagem, pro jardim da frente, é um vão livre que fica pra eles trafegarem. E a noite, quando a gente fecha a porta pra rua, eles dormem ali, porque é um lugar mais fresquinho, mais tranquilinho, que eles trafegam.ò
- ãA casa, você tem que tá toda hora limpando, que não é a mesma coisa.ò

Participante 9:

- ãNormalmente, assim, à tarde, a gente leva ele pra fazer um passeio de tarde, quando dá certo a gente leva mais uma vez mais no começo da noite e de final de semana de manhã e à tarde ele passeia na rua. (...) Quando dá certo a gente traz ele no parque pra fazer um passeio maior e tal, mas geralmente ali em volta da quadra onde a gente mora. No mínimo uma vez por dia ele sai.ò

8.2 Amplificação simbólica

Segundo Jaffé (2008) e Von Franz (1997b), tudo pode assumir uma significação simbólica e todo o cosmos é potencialmente um símbolo. Os símbolos são constituintes de uma situação psicológica. A transformação inconsciente de objetos e formas em símbolos ocorre mediante a propensão humana de criá-los, a partir do inconsciente, por mediação da intuição e da função transcendente (sintetiza pares de opostos), cuja manifestação é constante.

Jung (1985) elucida que o símbolo expressa a possibilidade de um sentido amplificado e superior que está além de nossa capacidade de compreensão imediata e anuncia uma essencialidade desconhecida que reside oculta no objeto representado.

(...) A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem. Se nos é difícil entendê-las de imediato, não é por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem diferente daquela que consideramos única – a linguagem racional. (...) Imagem e significação são idênticas para ele [Jung]. Quando a imagem se configura, também a significação torna-se clara (SILVEIRA, 1992, p. 85 - 87).

Pode-se entender por imagem, portanto, uma representação imediata e súbita, produto da função imaginativa do inconsciente, que não necessariamente

possui um caráter patológico. Em termos de experiência psíquica, a imagem interna será em muitos casos mais importante que as imagens das coisas externas. Segundo Silveira (1992, p. 82),

(...) a imagem interna não é um simples conglomerado de conteúdos do inconsciente. Constitui uma unidade e contém um sentido particular: expressão da situação do consciente e do inconsciente, constelados por experiências vividas pelo indivíduo. Dos estratos mais profundos da psique podem também emergir imagens configuradas em disposições herdadas da psique, imagens arquetípicas, ricas em arcaísmos e motivos mitológicos reativados pela situação presente daquele que as visualiza ou as sonha.

Silveira (1992) ainda refere que todo ser humano tem a tendência interior de empenhar-se a crescer e a se universalizar, o que significa encontrar ligações a seres e coisas. Os animais do mundo interno do humano requerem uma importância peculiar na medida em que fazem parte intrínseca de sua evolução tanto biológica como psicológica. A função configuradora de símbolos do inconsciente se utiliza dos animais, usualmente, na expressão de forças muito profundas. Além disso, fornece subsídios para a expressão do supra-humano e do infra-humano.

Levando isso em conta, é possível e de suma importância, portanto, o reconhecimento dos símbolos representativos dos cães para seus donos. O levantamento de tal simbologia efetuou-se a partir da associação, realizada pelos proprietários, de uma imagem remetida aos seus cães e de uma história que ilustrasse o que seus cães representam em suas vidas. As imagens levantadas foram: pelos voando (participante 1); guarda costas de monges no Tibete (participante 2); luz confortante, presença de Deus (participante 3); malas/bolsas de viagem (participante 4); obras de Romero Britto (participante 5); um coração com o cão [*Flick*] no meio (participante 6); uma flor (participante 8); um leão (participante 9); Pateta e Lassie (participante 10). O participante 7 não respondeu a essa pergunta.

Os pelos voando podem ser compreendidos separadamente, em um primeiro momento: os pelos remetem à virilidade e à manifestação da vida instintiva. Os pelos, analogamente relacionados aos cabelos, possuem a propriedade de morada da alma, de conservação das relações íntimas, da concentração das virtudes e o vínculo que permite a apropriação e a identificação. O ñvoando relacionado pela participante em questão remete ao desejo de sublimação, de busca de uma harmonia interior e de uma ultrapassagem dos conflitos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007).

A ideia de *guarda costas* relacionada pela participante 2, pode ser associada a noção de *guardião* que nos remete, segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), à dragão, gênios e heróis. O dragão aparece essencialmente como um guardião severo do oculto e muitas lendas revelam que o tesouro protegido é o da imortalidade. O gênio simboliza a companhia que cada homem possui como seu duplo, anjo da guarda, conselheiro; é o ser espiritual. Os heróis, por sua vez, remetem à força pura, animada de paixão, que é direcionada pela autoridade espiritual. O herói simboliza o desejo essencial e a união das forças terrestres e celestes. Pode-se entender, então, o *guarda costas* mencionado pela participante no sentido daquele que guarda o oculto, o não manifesto, relacionado à espiritualidade e à paixão.

A participante 3 relaciona seu cão à luz e à presença divina (Deus). A luz está intimamente relacionada, segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), à obscuridade que simboliza os valores complementares ou alternantes de uma evolução. A Luz Divina está relacionada ao conhecimento, para os budistas tem o sentido de iluminação e no Islã é o mesmo que Espírito. Também está associada à Vênus como o despertar do desejo e o amor realizado. A luz é o amor e simboliza constantemente o desabrochar de um ser pela sua elevação, a vida, a salvação e a felicidade dadas por Deus. Este, por sua vez, é um símbolo que recobre o desconhecido do ser; é o absoluto.

A mala/bolsa de viagem, relacionada pela participante 4, pode ser inicialmente compreendida separadamente na medida em que a noção de mala/bolsa remete àquilo que se transporta e que, em certa medida, é onipresente, acompanha a pessoa, lhe diz respeito ao carregar seus pertences. A ideia de viagem, segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), simboliza a busca pela verdade, pela paz, pela imortalidade e a procura por um centro espiritual.

A participante 5, especialmente, fez uma associação bastante vasta ao relacionar seu cão com as obras, sem especificar nenhuma, de um artista chamado Romero Britto, de modo a impossibilitar a amplificação simbólica. De todo modo, as obras deste artista caracterizam-se pela desordem cromática, com uso de cores quentes que podem relacionar-se com o aspecto da afetividade explicitada, e pelos traços infantis quase geométricos que remetem ao *puer aeternus* que, segundo Plaut, Samuels & Shorter (1988), representa a juventude eterna, o arquétipo da

criança que aponta para uma possibilidade de reconciliar opostos antagônicos. Simboliza a essência angelical, a natureza primeira e o divino.

O coração, relacionado pela participante 6, é o órgão central do indivíduo e corresponde, de maneira geral, à noção de centro. O Ocidente usualmente compreende o coração como a sede dos sentimentos, contudo as civilizações tradicionais identificam nele a inteligência e a intuição. O coração é, de fato, o centro vital do ser humano uma vez que é responsável pela circulação do sangue. Devido a isto, é tomado como símbolo das funções intelectuais. O seu duplo movimento (sístole e diástole) faz com que ele ainda seja símbolo do duplo movimento de expansão e reabsorção do universo. A participante também visualiza seu cão, Flick, no centro do coração. O cão, de forma geral, está ligado positivamente ao homem e comumente relaciona-se à lealdade, vigilância, a intercessão entre este mundo e o outro. O cão contém o simbolismo fundamental de psicopompo, guia do homem na morte após ter sido seu companheiro em vida.

A associação com a flor (participante 8) contém, segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), uma simbolização do princípio passivo. O cálice da flor recebe a Atividade Celeste da chuva e o orvalho. A flor é símbolo do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial; a flor identifica-se ao simbolismo da infância e, de certo modo, ao do estado edênico, portanto paradisíaco e divino.

A imagem do leão (participante 9), segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), possui relação com o poder, com o soberano, é símbolo solar e luminoso ao extremo. O leão é o rei dos animais e é a encarnação do Poder, da Sabedoria, da Justiça, por um lado, e do Pai, Mestre e Soberano por outro. Tende a ofuscar-se pelo próprio poder e tornar-se um tirano acreditando estar sendo protetor.

A associação da participante 10 à figura do Pateta pode ser compreendida em relação à ideia de criança que, segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), remete ao símbolo da inocência, do estado edênico; é símbolo da simplicidade natural, de espontaneidade, da tranquilidade, desprovido de intenção ou pensamentos dissimulados. Esta mesma participante associa sua cadela presente no momento da entrevista com a Lassie. A Lassie remete, de maneira geral, à coragem, lealdade, inteligência, proteção e amizade.

De modo geral, as imagens simbólicas associadas pelos proprietários aos seus cães remetem ao divino, à espiritualidade, à inocência, à sabedoria do oculto e do desconhecido do ser, ao vínculo, proteção e a afetividade extrema propiciada na

relação. Também surge a noção do edênico, relacionado ao paradisíaco e ao estado original, à essência, à harmonia interior e ao centro.

As histórias relacionadas pelos proprietários como retratos do que seus cães representam em suas vidas foram: *Marley e eu* (2008) pelos participantes 1 e 3; *Sempre ao seu lado* (2009) pelos participantes 6 e 8; um vídeo no youtube (pode ser localizado buscando-se por *Meninos salvam cachorro de afogamento*), que mostra crianças resgatando um cão de um rio, pela participante 2; *A Dama e o Vagabundo* (1955) pela participante 4; uma história de um rato que pedia ajuda pra vaca (se ela o tivesse ajudado não teria se prejudicado também) pela participante 5; *Bambi* (1942) pela participante 9; e o filme (entrevistada não recordou o nome) de uma menina paraplégica e seu cão pela participante 10.

O participante 7, único homem da amostra desta pesquisa, não conseguiu estabelecer relação com nenhuma história específica, porém fez alusão à ideia de quebra da rotina. Ele diz que sua cadela, Luna, *permite quebrar a rotina (sic) e faz parar e desacelerar (sic)*

Ambas as participantes (1 e 3) que mencionaram *Marley e eu* (2008), utilizaram-se do filme como contra-exemplo da relação que acreditam que possuem com seus respectivos cães. A participante 1 diferenciou seu cão, Chico, dizendo que *ele é bem mais comportado, bem mais quieto, bem mais tudo (sic)*. Relacionou com o filme apenas no que tange ao carinho elucidado na história. A participante 3 relatou que gostaria de uma história que ilustrasse o amor incondicional e demonstrou dificuldade de pensar em uma história, dizendo *tenho que eu escrever uma história (sic)*. Relacionou com o filme no aspecto da dedicação dos donos para com o cachorro e esclareceu que não teria coragem de sacrificar sua cachorra, Sava Maria, em hipótese alguma. Neste sentido, disse não encontrar nada em comum com a história nem com outras que possui conhecimento.

A participante 2 ilustrou sua relação com o Joca mediante o vídeo de duas crianças que salvam um cachorro de um afogamento em um rio. Relacionou com a história no aspecto que envolve a troca na relação, mencionando que o cão faz *qualquer coisa pela gente (sic)* e mencionou também a *essência boa (sic)* do ser humano manifesta neste ato apresentado no vídeo, questionando as transformações que ocorrem com a mesma durante a vida e situação de cada indivíduo.

A participante 4 mencionou *A Dama e o Vagabundo* (1955) como similar a relação que julga ter com seus cães, Tequila e Laio. Ela estabelece a história como

análoga ao que vê da relação entre seus dois cães que compõe, segundo ela, um casal, e diz que o relacionamento que os dois têm é diferente do que usualmente é visto da relação entre cães. Para ela, Tequila e Laio ãse dão muito bem (sic) e deitam próximos, se beijam, bebem e comem juntos. Acrescenta que ãentão tem essa coisa do bonitinho (sic) e

A participante 5 contou uma história que utilizou em sala de aula (a participante é professora) e que remonta a uma situação em que um rato pede ajuda para uma vaca, depois para um porco e depois para outros animais, e nenhum deles o ajuda. Em seguida, a esposa do fazendeiro retorna do hospital após curar-se de uma doença e o fazendeiro mata a vaca e o porco pra fazer uma festa em comemoração ao retorno de sua mulher. A mensagem que a participante menciona que essa história apresenta é que se os animais tivessem ajudado o rato, não teriam morrido. Ela relaciona com ela e seu cão, Mano, no que tange à dependência e à ideia de ajudar para ser ajudado, dar para receber.

Ambas as participantes (6 e 8) que mencionaram *Sempre ao seu lado* (2009) compreendem a relação com seus cães, respectivamente Flick e Maia, como leais, fiéis e de amizade. A participante 6 alude o tempo que o cão do filme ficou esperando por seu dono e a participante 8 apresenta dificuldade em pensar em uma história, solicitando auxílio de seu namorado (mora com ela e também é proprietário de Maia). Em seguida, relaciona a história do filme no que tange à amizade e na conexão que se possui, por exemplo, ao chegar em casa: ãàs vezes a gente ta chegando na avenida aí ela já ta lá em cima assim. Ela ta sentindo (sic) e

A participante 9 mencionou *Bambi* (1942) e especificou o personagem Tambor, coelho do filme. Relatou que o Tambor refere uma frase no filme: ãse você não tem nada de agradável pra dizer, então não diga nada (sic) e A participante diz que repete essa frase que julga ãfantástica e sábia (sic) e Relaciona com seu cão, Max, na medida em que considera ser necessário solicitar a todo instante para que ele fique quieto.

A participante 10 contou uma história de um filme, do qual não se recorda o nome, que julga ter marcado sua infância. A história é de uma garota que é parapléica e era revoltada perante a vida. Em dado momento do filme, ela ganha um cão, o qual rejeita por todo o filme, e no final, quando o cão é quase atropelado, a garota fica desesperada e ãaí acaba se rendendo a esse amor (sic) e A participante julga que o cão ãfoi um momento bom na vida dela [personagem do filme], ele

corrigiu a vida dela de algum modo (sic) e que ele fresgatou realmente o coração dessa menina (sic) Ela relaciona com seus cães na medida em que o ser humano se entenece (sic) com algum animal e é como se o animal fosse uma fluzinha abrindo o caminho (sic) de quaisquer pessoas.

Como não se trata de análise individual de cada entrevista, não foram indagadas associações pessoais a cada imagem ou história citadas. Portanto, a amplificação simbólica deste trabalho limitou-se a significados coletivos. Com este foco, foi possível notar que as imagens/histórias citadas revelam significados coletivamente atribuídos aos cães, tais como: carinho; ternura; afetividade; amor incondicional; vínculo; dedicação, conexão e troca mútua presente na relação; lealdade; fidelidade; proteção; amizade; relação com o divino/espiritual, com a inocência, com a sabedoria do oculto do ser, com a essência, com a harmonia interior e ao centro.

9 DISCUSSÃO

Na contemporaneidade, as relações, de modo geral, têm assumido um caráter constantemente transitório, imprevisível e rápido, o que suscita uma sensação freqüente de insegurança. As relações assumem um caráter superficial ao mesmo tempo em que se pretendem profundas e íntimas. O narcisismo enfaticamente presente na atualidade caracteriza, portanto, as propriedades difundidas comumente nas relações na medida em que consiste em uma inflação egóica que impede a consciência de reconhecer a alteridade, ou seja, compromete o colocar-se no lugar do outro na relação interpessoal (BAUMAN, 2001; BAUMAN, 2004; GUARNIERI, LOUREIRO, MENIN & MORAES, 2012).

No entanto, a condição de se estar em relação com o outro é, segundo Jung (2005), uma necessidade arquetípica, ou seja, a natureza humana busca o encontro e são as relações afetivas que possibilitam o processo de individuação (processo de tornar-se si mesmo). O ser humano mantém, segundo Bauman (2004), o estado ou a esperança de ser amado e de ser reconhecido como amável. O animal de estimação vem de encontro a este propósito na medida em que é investido da função de preencher a falta do homem contemporâneo sem os inconvenientes trazidos pela singularidade do outro ser humano que sempre coloca à prova a narrativa narcísica de um ego inflado e frágil. É no aspecto da carência afetiva humana e da retomada de valores inconscientes e instituais infra-humanos que o homem tem se aproximado progressivamente dos cães.

Desde os primórdios os animais ocupam um lugar de destaque na vida humana tendo uma complexa participação na vida do homem primitivo⁵ e gerando intensas transformações na consciência deste. Os cães constituem o foco específico desta pesquisa, em função do interesse da autora, e sempre foram privilegiados na interação com o homem. Eram bastantes presentes nas propriedades dos tempos modernos e assumiam utilidades diversas ao admitir funções tais como a de guarda de propriedade, além de acompanharem tropeiros, agricultores, açougueiros. Havia também os ditos cães de estimação que, em distinção aos demais, mereciam afeto e uma condição mais elevada de vida (BERZINS, 2000).

⁵ Entendido em seu sentido primordial em que, segundo Neumann (1999), a psique humana original encontra-se indiferenciada havendo o predomínio do inconsciente e de uma consciência frágil.

Segundo Dal-Farra (2003) e Gardemann, Neta, Paranzini & Trapp (2009), a ligação entre o homem e os animais vem se tornando mais estreita à medida que há o aumento dos benefícios, físicos e emocionais, resultantes desta relação. Deste modo, os animais de estimação, principalmente os cães, vêm sendo cada vez mais considerados como membros da família. Os cachorros oferecem amor incondicional, segundo Garber (apud BARRETO, 2002), e acabam por se tornar depositários das propriedades humanas paradigmáticas que não vem sido encontradas nas pessoas.

Os cães podem assumir diversas funções na vida de um indivíduo e a atribuição das mesmas relaciona-se diretamente com o mecanismo da projeção. Para a Psicologia Analítica a projeção é um mecanismo, promovido pelo Self⁶, de conscientização de algum conteúdo até então inconsciente. Desta maneira, mesmo tendo o conhecimento de que alguns comportamentos dos animais sejam estereotipados (próprios da espécie e da raça), os donos atribuem intenções e sentimentos particulares a eles.

Alguns estudos demonstram os benefícios advindos da relação homem-animal que podem ser classificados como sociais, físicos e psíquicos. Os animais, de modo geral, propiciam conforto, companhia, facilitam o convívio social, compõe uma disponibilidade ininterrupta de afeto, entre outros. Os cães, especificamente, favorecem uma interação melhor de seus donos com outras pessoas e facilitam a comunicação e a expressão de emoções e sentimentos de modo geral (BERZINS, 2000; EMMISON & SMITH apud DAL-FARRA, 2006; KAUFMAN & KAUFMAN apud GARDEMANN, NETA, PARANZINI & TRAPP, 2009; LEFEBVRE et al. apud GARDEMANN, NETA, PARANZINI & TRAPP, 2009; TABOADA, JOHNSON & BRACKENRIDGE apud GARDEMANN, NETA, PARANZINI & TRAPP, 2009).

A mensagem característica de um determinado animal é compreendida nesta pesquisa como referência externa a um sentimento interno. A relação do homem com os cães, neste sentido, expressa o reflexo da relação entre a consciência e os instintos humanos. Os animais, de maneira geral, expressam a hierarquia dos instintos, o infra-humano instintivo e aspectos psíquicos inconscientes como a agressividade e a voracidade (NEUMANN, 1999; RAMOS et. al., 2005).

A criação de animais de estimação, segundo Almeida (2009), é um atributo universal nas sociedades humanas, estando presente, atualmente, na metade das

⁶ Note-se que Self é o arquétipo da totalidade (unidade dos sistemas consciente e inconsciente), o centro regulador da psique. É o centro da totalidade e a totalidade em si.

famílias ocidentais. Os animais de estimação, além do fato de admitirem, comumente, um papel de apego e de afeto, exercem inúmeros papéis seja para o indivíduo, para o círculo familiar ou para um contexto social amplificado.

Em uma perspectiva simbólica, segundo Chevalier & Gheerbrant (2007), o cão pode ser compreendido coletivamente como o opositivo ao lobo (este carrega o lado sombrio, ameaçador e compõe o pólo oposto ao pólo do cão) uma vez que está ligado positivamente ao homem. Na maioria das culturas o cão é um símbolo para a lealdade, vigilância, coragem, habilidade na caça, masculinidade, sol, vento e fogo. O simbolismo fundamental do cão é a de psicopompo, guia do homem na morte após ter sido seu companheiro em vida. Assim, o cão é compreendido também como intercessor entre este mundo e o outro.

A discussão da relação entre o homem e seu cachorro de estimação nesta pesquisa, portanto, se dá como a elucidação de uma necessidade de respeito à nossa própria humanidade e ao resgate da subjetividade no que tange ao estabelecimento de relações interpessoais. Os conteúdos dos indivíduos são projetados para seu cão de estimação e este, por sua vez, reflete e representa o conteúdo dos indivíduos e o desequilíbrio interno do homem. As propriedades apresentadas como características às relações entre humanos na contemporaneidade tais como a instabilidade, a rapidez, a liquidez, a transitoriedade, a imprevisibilidade, entre outras, comprometem o processo de individuação e a ampliação da consciência (BAUMAN, 2001; BAUMAN, 2004).

Nesta medida, os cães surgem como aqueles em que é possível encontrar a essencialidade humana que é naturalmente e arquetipicamente buscada pelo homem durante seu percurso de vida, em prol da individuação. Os resultados desta pesquisa podem auxiliar a embasar e incentivar a reflexão acerca da maneira pela qual as relações estão postas na contemporaneidade e como as propriedades características a este momento histórico comprometem a riqueza e a potencialidade inerente do relacionar-se.

10 CONCLUSÃO

Esta pesquisa realizou a coleta de material mediante a aplicação de uma entrevista semi-dirigida e, assim, pôde verificar a simbologia coletiva atribuída por seus donos aos seus cães de estimação. De modo geral, é possível aludir que os cães são representados por seus donos como membros da família, sendo caracterizados como depositários de intensas cargas afetivas.

O cão assume um papel bastante importante na vida de seus donos na medida em que passam a fazer parte da rotina e cotidiano dos mesmos. A simbologia atribuída ao cão é relativa ao amor incondicional, amizade, sinceridade, sensibilidade, lealdade, fidelidade, companheirismo, sabedoria e perspicácia. A maior parte dos entrevistados considera seu cão como um membro da família e lhes dão a função de eliminar o estresse, dar sentido a suas vidas, ser o catalisador da manifestação de maiores emoções e sentimentos (possibilita maior expressão), trazer o sensível e o humano.

As histórias relacionadas pelos donos aos seus cães também contém propriedades semelhantes às imagens na medida em que suscitam a lealdade, a fidelidade, o companheirismo, a amizade e o amor incondicional. Levando em conta que o enfoque da pesquisa não pretendia indagar acerca de associações pessoais, mas limitar-se a significados coletivos, pode-se reconhecer que tanto as imagens quanto as histórias mencionadas revelam aspectos relativos ao carinho, ternura, afetividade, amor incondicional, vínculo, dedicação, conexão e troca mútua; lealdade; fidelidade; proteção; amizade; relação com o divino/espiritual, com a inocência, com a sabedoria do oculto do ser, com a essência, com a harmonia interior e ao centro.

Desta forma, é possível concluir que a relação estabelecida entre o humano e o cão de estimação é extremamente rica no que tange a suas propriedades e características, sendo fundamental para o desenvolvimento pessoal do indivíduo que aprecia animais de estimação. O cão assume um papel de suma importância na medida em que permite, através da projeção de conteúdos, a ampliação da consciência e, nessa medida, o reconhecimento de aspectos pessoais da personalidade do indivíduo até então desconhecidos.

Nesta medida, o cão admite um papel complementar na identidade do indivíduo, na medida em que encarna qualidades e defeitos do próprio dono, projetadas pelo

Self no intuito de conscientização. É importante ressaltar, no entanto, que o cão é um depositário inicial de tais conteúdos e que é essencial ocorrer a diferenciação, por parte do indivíduo, do conteúdo projetado. Este deve ser progressivamente reconhecido, resgatado e integrado gradualmente à identidade e personalidade consciente do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maíra Lopes et. al. Aspectos Psicológicos na interação homem-animal de estimação. Dissertação (Iniciação Científica) Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- ARANHA, Maurício. *Alguns aspectos sobre mito e ~~festrelas~~ no cinema à luz da psicologia analítica*. Ciências & Cognição, v. 07, p. 68-80, 2006.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARRETO, Maria Sylvia Emygdio Pereira de Mello. *Um amor incondicional? O significado da relação homem-animal de estimação*. Dissertação (Graduação em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.
- BAUER, Martin W & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.
- BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. *Velhos, cães e gatos: Interpretação de uma relação*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.
- BIANCO, Camila Alkmim & PEREIRA, Nathalia Carballeira. *O paradigma ecológico e o cinema: uma abordagem junguiana*. Dissertação (Iniciação Científica em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 21. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2007.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário dos símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.
- COUSINEAU, Phil (Org.). *A jornada do herói: Joseph Campbell vida e obra*. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2003.
- FONTANA, David. *The secret language of symbols: a visual key to symbols and their meanings*. São Francisco: Chronicle books, 1994.
- GARDEMANN, Patrícia Nascier; NETA, Jamile Haddad; PARANZINI, Cristiane Sella & TRAPP, Sílvia Manduca. Aspectos emocionais gerados pela morte do animal de estimação. *Arquivo Ciência Veterinária Zoológica UNIPAR*, v. 12, n. 1, p.33-36, 2009.
- GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.
- GUARNIERI, Milena; LOUREIRO, Lilian; MENIN, Fernanda & MORAES, Noely. *Eros e Narciso: A ebulição das forças anímicas*. *Psicologia Argumento*, v. 30, n. 69, 2012.
- HARMS, Valerie. *Therapy for our relationship with animals*. Carl Gustav Jung Page, 2003.

Disponível

em:

<http://www.cgjungpage.org/index.php?option=com_content&task=view&id=26&Itemid=40>, acesso em 16 de agosto de 2010.

HENDERSON, Joseph L. *Os mitos antigos e o homem moderno*. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

HYGINO, Cacau (Org.). *Nós e nossos cães: 50 pessoas contam como os cachorros mudaram suas vidas*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2007.

IBGE. <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acessado dia 27 de out. de 2010.

JAFFÉ, Anieli. *O simbolismo nas artes plásticas*. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. O.C. 15. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. O.C. 8, 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. *Civilização em transição*. OC. 10, 3. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

JUNG, Carl Gustav. *Sobre o amor*. Tradução: Inês Antonia Lohbauer. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. OC. VII/1. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008a.

JUNG, Carl Gustav. *Chegando ao inconsciente*. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. O.C. 9,1. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008c.

JUNG, Carl Gustav. *A energia psíquica*. OC. 8,1. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008d.

JÚNIOR, Álvaro Alfredo Bragança (2008). Os animais na boca do povo: estudo dos provérbios na Idade Média. [online]. [Acesso em 9 de Março de 2011]. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/alvaroalfredobragancajunior.pdf>> .

KAST, Verena. *A dinâmica dos símbolos*. São Paulo: Loyola, 1997.

LIPOVETSKY. *A era do vazio*. Tradução: Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. 1. ed. Recife: Editora Bagaço, 2005.

PASTORE, Paula Christina Falcão. Expressões idiomáticas americanas e brasileiras: um estudo contrastivo baseado na simbologia animal. *Revista Trama*, v. 05, n. 09, p.85-98, 2009.

PENNA, Christina M. C. Ecologia: o retorno à grande mãe. *ANAIS 2ª Jornada de Psicologia Junguiana de Bauru e Região & 7ª Mostra de Pesquisas do Curso de Técnicas Terapêuticas Junguianas*, p. 36-66, 2003.

PLAUT, Fred; SAMUELS, Andrew & SHORTER, Bani. *Dicionário crítico de análise junguiana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

RAMOS, Denise et. al. *Os animais e a psique*, volume 1. 2. ed. São Paulo: Summus, 2005.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira. *O mito no cinema: algumas possibilidades interpretativas*. Teias. Rio de Janeiro, n. 15-16, 2007.

SARAIVA, Rodrigo de Sá-Nogueira. *Mundos animais, universos humanos: Análise comparada da representação do ambiente*. São Paulo: FCT, 2003.

SECRETARIA Municipal do Planejamento Urbano. Disponível em <http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/guia/mapas/0001/mapa_subprefeituras.jpg> Acesso em 31 de out. de 2010.

SHARP, Daryl. *Léxico junguiano*. São Paulo: Cultrix, 1991.

SILVEIRA, Nise da. *O Mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

STEIN, Murray. *Jung: o mapa da alma*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. *Reflexos da alma: projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1997a.

VON FRANZ, Marie Louise. *Carl Gustav Jung: seu mito em nossa época*. São Paulo: Cultrix, 1997b.

WHITMONT, Edward. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 2002.

ANEXO A

Roteiro sugerido para as entrevistas

- Como era sua vida antes de seu cão ter entrado nela? Seu cão é importante para você? E para as pessoas a sua volta? Se é importante, em que sentido?
- Como seu animal de estimação entrou em sua vida (Onde estava e com quem?)?
- Qual foi sua reação imediata?
- Como foi a escolha do sexo? E da raça? E do nome do seu cão?
- Como você descreveria uma vida junto a um animal de estimação para alguém que não tivesse passado por isso antes?
- Como você descreveria a personalidade do seu cão? Quais as qualidades e defeitos dele?
- Que tipo de pessoa você acha que gostaria do seu cão? Que tipo de pessoa não gostaria dele?
- Em casa, onde dorme o seu cão? Quais são as manias/costumes principais dele? Ele usa roupinhas e/ou demais acessórios?
- O que o seu cão representa pra você, pra/na sua vida?
- Você já teve outros animais de estimação? Quando? Conte um pouco sobre eles.
- Em relação aos outros animais que você teve: percebe alguma diferença em relação ao atual para você ou para os outros?
- Como você se relaciona com seu animal? E ele com você?
- E sua família? Como ela se relaciona com ele? E ele com sua família?
- Quem cuida dele (alimenta, leva pra passear, dá banho)? Ele tem uma relação diferenciada com essa pessoa?
- Quando seu animal está fãchateado/desanimado, quem ele busca? E como você se sente com esta reação?
- Como seu animal é com outras pessoas, na rua, com visitas? Como você se sente?
- Você já perdeu alguém próximo? E algum animal de estimação? Será que você pode descrever as sensações presentes nestas perdas, comparando-as?
- O que você sente quando vê um cão que não seja o seu?
- O que você sente quando vê um animal de trabalho?

- O que você sente quando vê um animal abandonado?
- O que você sente por outros animais que não um cão?
- Qual é, ou quais são, as principais características que te chamam a atenção em um cachorro?
- O que você acha que diferencia o ser humano (seus amigos e familiares) do seu animal de estimação? E o que iguala?
- Quais as vantagens e desvantagens de se relacionar com um ser humano? E com um animal?
- Por que você acha que a relação entre o ser humano e um animal se mantém? O que mantém a sua relação com seu cão?
- Qual é a imagem (uma forma, obra de arte, desenho, uma representação afetiva) que te vem à mente quando você pensa no seu animal de estimação?
- Conte-me uma história que você conhece e que acredita que ilustra e representa a sua relação com seu animal de estimação.
- Pensando nesta relação entre homem e o seu animal de estimação, em como ela se forma e como se mantém, você gostaria de acrescentar alguma sugestão, pergunta ou comentário?

ANEXO B

PARTICIPANTE 1**Sexo: Feminino****Raça do cachorro: Golden Retriever****Nome do cachorro: Chico**

Camila: Então, queria perguntar pra senhora como era a sua vida antes de ter um cão de estimação, né, antes dele ter entrado na vida de vocês, e como que é a importância dele pra senhora e pras pessoas da sua família.

Participante1: Bom, era mais tranquila porque... cachorro é super gostoso, tudo, mas dá trabalho, né, óbvio... mas tem o lado assim que é muito prazeroso porque tá sempre de bem, tá sempre... assim, te ama incondicionalmente, né, qualquer momento, cê passa meia hora longe parece que cê passou uma semana, e faz aquela festa e traz muita alegria, assim...

C: E como que foi que... ah, eu nem perguntei o nome dele... como...

P1: Chico

C: Como que o Chico entrou na vida de vocês, onde a senhora estava e com quem...

P1: Na verdade minha filha ganhou de um namorado... (risos)... o namorado já foi e o cachorro ficou... (risos)

C: E qual foi a reação da senhora logo que ele chegou?

P1: Ai meu deus! (risos)... Porque a gente... ele é uma raça grande, a gente morava em apartamento e mora ainda, então é mais complicadinho porque tem que sair 3 vezes por dia e... sei lá, às vezes eu ainda acho assim um pouco... ahn... apartamento, apesar dele ficar super bem porque essa raça o que eles gostam é a companhia, sabe, ele quer ficar do seu lado... não quer passear, ele quer, quer dizer, ele gosta de passear, mas ele... o negócio é ficar assim, onde cê tá ele tá colado ali, ele deita... e eu tinha essa preocupação e essa coisa do trabalho, mas acaba compensando, né (risos)... acaba compensando porque é gostoso, é... também é uma companhia, né, às vezes a gente também tá sozinho, é gostoso ter do lado...

C: E então a senhora disse que ele [Chico] fica com a senhora só de final de semana então? (antes de começar a gravação ela comentou que sua filha havia saído de casa e que o Chico morava com ela, vindo para sua casa aos finais de semana)

P1: É, ele já teve fases de vir... ela [filha] morava comigo antes, depois foi morar sozinha e como ela trabalha todo dia ela teve fases, ficou uns 2 anos que ela trazia de manhã e pegava de noite, que nem criança mesmo (risos)... e aí, mas acho que ela cansou, e a gente um pouco também, e aí agora ele passeia, tem um rapaz lá no prédio dela que passeia com

ele e aí fim de semana, quando ela viaja, vai sair, ele vem... ou se tiver alguma emergência assim, mas aí ele vem... é uma segunda casa...

C: E como que foi a escolha da raça, do nome dele?

P1: Ah, isso foi tudo ela... ela já gostava, achava a raça linda... e o nome foi em homenagem ao Chico Buarque...

C: E como você descreveria a vida junto do Chico, né, pra alguém que nunca tivesse tido um animal de estimação assim... o que é diferente, o que é igual, o que é mais legal ou não?

P1: Olha, eu acho que é sempre um carinho a mais que você tem, né, porque por mais que seja trabalhoso, é isso, é companhia, é amor, é carinho, é distração, é trabalho também, mas... é tudo isso junto. Acho que mais compensações do que trabalho, no caso dele eu posso falar, porque ele é muito bom, muito! Então às vezes eu falo ãai que droga mas é que ele é tão bonzinho que não dá pra achar ruim, sabe...

C: Quantos anos ele tem?

P1: Ele tem 5 anos... e ele é obediente, você fala... você vê, ele anda solto, você chama, ele fica do lado; não precisa fazer muito... pra atravessar rua, ele espera, e aí vamos...

C: Até ia te perguntar isso: como é a personalidade dele, qualidades e defeitos?

P1: Não, é até demais, é até, assim...

C: Bonzinho?

P1: Bom demais, sabe? Assim, ele em casa, por exemplo, ele não faz uma sujeira, ele não pega uma coisa... você sai, você deixa ele, você volta, tá como ficou... ele ficou deitado ali... um pouco de pelo pela casa...

C: E ele foi treinado?

P1: Não, ele... a gente mesmo treinou, não teve... é que acho que já é da personalidade assim, sabe, de ser bonzinho? Acho que ele já era assim calmo...

C: E que tipo de pessoa gostaria do seu cão e que tipo de pessoa não gostaria, assim, pensando nesse sentido da personalidade dele?

P1: Ah, acho que qualquer um ia gostar, viu (risos)... acho difícil alguém não gostar, porque ele é muito companheiro, assim, é muito bonzinho, não tem... sabe, falar assim ãah, não gosto.. criança gosta, às vezes tá aqui, ele brinca, criança vem, senta em cima, ele não liga... é super do bem...

C: E em casa, onde ele dorme? Quais são as manias e costumes dele?

P1: Isso é meio segredo (risos)...

C: E roupinha, se ele usa roupinha, acessório...

P1: Não, não, nada... ele dorme, na minha filha acho que é na cama mesmo, na minha casa não, é fora... pelo apartamento, livre escolha, mas ele não sobe em sofá, cama, essas coisas não... no chão...

C: Sem permissão assim... com permissão ele sobe?

P1: Não, ele não sobe, nunca... Na minha filha sim, é no sofá e na cama... aqui não e ele sabe... não sobe no sofá, nem se a gente sair, por exemplo, eu volto, ele nunca tá... você percebe se ele tiver, se ele... não subiu nem em cima de cama, nada... ele fica livre pelo apartamento, pela sala, cozinha, escritório, banheiro, mas não assim, chão... não usa nada...

C: Entendi... e o que o Chico representa pra senhora, na sua vida?

P1: Ah, é isso que eu falei, assim, é alegria, né, eu acho...

C: E antes dele a senhora já tinha tido outros animais de estimação, quando e como foi?

P1: Tive um, que também era da minha filha...

C: Da mesma raça?

P1: Não, era um Cocker, mas ele tinha uma doença, ele era epilético e ele teve que... ser sacrificado. Ele tinha 1 ano e meio, mas era um ãzogueò ao contrário desse, um alucinado (risos)... era um alucinado... acho assim, animal é muito bom, é gostoso e tudo, mas também uma hora cansa um pouco assim, porque você tem o trabalho, né, quando é um filho, é melhor porque não fala, né, pode ficar sozinho, você sai e fecha a porta e tchau, se fosse uma criança você não ia poder, mas é... ali, né...

C: E como que a senhora se relaciona com ele e ele com a senhora?

P1: Ah, paixão (risos)... antes minha filha tinha ciúmes, agora ela tá mais (risos)...

C: E com a sua família, como ele se relaciona?

P1: Todo mundo, meu marido também é apaixonado... que a gente é só os dois e daí os dois já moram sozinhos... meus dois filhos e... e é assim, pra minha filha é a vida dela... ela fala assim ãe amor mesmo, é amor!ò..

C: E quem cuida dele: dá banho, comida, leva pra passear? Ele tem uma relação diferente com essa pessoa que faz essas coisas?

P1: Então, agora tem um rapaz lá no prédio dela que leva, que ele adora, um garoto, tem acho que uns 16 anos, 17, apaixonado... e quando ele tá aqui sou eu e meu marido, que a gente reveza (risos)... uma hora sai, uma hora vem. Banho ele toma uma vez por semana, que ela deixa no veterinário lá perto e daí eles entregam; e comida, ela vê também, ração tem que ser... que ele é pele sensível, então tem que ser ração especial, então... umas frescurinhas, né (risos)... fala assim [falando com o Chico] ãeu sou um pouco enjoadinhoò mas é só ração e... ah, e as vacinas, né, os cuidados né... banho toda semana, porque não dá pra dar banho em casa desse tamanho, né...

C: Mas a senhora acha que ele tem uma relação diferenciada, assim, com quem costuma fazer mais isso de dar comida ou de levar no banho?

P1: Não, não, porque é a gente mesmo que faz e... ele... com todo mundo, ele é apaixonado por todos...

C: E quando a senhora percebe que ele tá meio chateado, meio desanimado, quem ele procura e como a senhora se sente com essa procura que ele faz?

P1: Sabe o que é engraçado, outro dia mesmo a gente achou que ele tava assim, eu falei ãossa, acho que hoje ele tá assim tão qururuô tá tristeò sabe? Mas ele fica lá na dele, a gente faz umas graças, né, chama, vem brincar (risos)... mas ele fica mais na dele...

C: Ele não procura ninguém, ele fica lá quietinho?

P1: É, ele vai pro canto... por exemplo, se ele vê movimento que a gente vai sair, tá se arrumando, ele já vai pro canto e já fica só olhando assim de rabo de olho, sabe? (risos). Ele é engraçado. Fica quieto, nem abana rabo, não faz nada, fica lá na dele...

C: E na rua com outras pessoas como ele costuma agir?

P1: Ah, você vê, ele passa assim, ele não dá muita trela não...

C: Tanto pra pessoas quanto pra cachorros... se ele ver outro cachorro?

P1: Se for cadela ele vai mais atrás, mas às vezes esses cachorrinhos, esses pequeninhos, ãardidinhosò que ficam latindo assim, ele passa, dá uma olhada e continua, nem (risos)... agora se ele ver um, às vezes, por exemplo, eu to aqui, de repente ele vê e sai que nem uma bala (risos)... eu quero dar nele quando ele faz isso (risos) porque daí eu tenho que ir que nem uma louca atrás e não dá mais, né, já não to com esse pique todo...

C: E na vida da senhora já teve alguma perda de algum familiar e de algum animal de estimação e como são essas emoções?

P1: Olha, eu vou te falar, dá até vergonha, mas quando meu outro cachorro morreu, mas eu chorei tanto, tanto... daí meu pai morreu há uns 2 anos atrás, apesar de que ele tava doente e velho, tava sofrendo muito, mas eu lembrava, falei ãossa, acho que eu chorei mais quando o cachorro morreu do que quando...ò(risos)... é até horror, mas é que a situação foi tão diferente, mas foi muito triste assim... o meu pai, óbvio, também que foi... mas eu digo assim, como...

C: Uma emoção assim de... mais chorar?

P1: De choro assim, assim, de expressar mais... vou te falar (risos) que é duro cachorro (risos)... mas, é assim, porque... nossa, até feio eu ter comparado, mas é que meu pai tava muito doente, assim, tava sofrendo muito, então, sabe, quando até hoje eu penso ãah, descansouò porque você sente... é, foi uma coisa muito diferente mesmo...

C: E o que a senhora sente quando vê um cachorro que não seja o Chico e quando a senhora vê um animal que seja de trabalho como um cavalo, por exemplo... é diferente?

P1: Ah, não tem relação... cachorro assim, acho bonitinho, acho gostosinho, assim, eu sempre gostei, mas, por exemplo, gato eu não gosto... mesmo animal grande assim, não... ave também não...

C: E o que a senhora sente quando vê um animal abandonado?

P1: Ah, também (risos), não ligo muito não... você olha e ãh, tadinho! mas fica por isso, entendeu?

C: E outros animais que não o cão, a senhora falou que não gosta muito, né?

P1: É, não... eu acho que assim a gente se apegar, né, pelo convívio, pelo relacionamento e tal, então... não fico assim, essas ONGs de animal abandonado, de... não sou muito ligada não... acho até bom, né, porque coitado, ninguém merece... mas infelizmente eu não...

C: E no cachorro, assim, de maneira geral, o que chama mais atenção na senhora em termos de característica?

P1: Ah, o olhar, né? (risos) Eu acho. Cachorro tem um olhar que é... eles olham assim diferente, né...

C: E o que a senhora acha que diferencia o ser humano, de maneira geral, né, familiares, amigos, do Chico, e o que iguala?

P1: Pois é, eu acho que os cachorros esses tratados, assim, em casa, eu acho que eles estão virando quase gente, né, porque a gente pelo nosso erro, talvez, porque cachorro é cachorro e gente é gente, mas a gente acaba tratando como pessoa e aí eles vão... eu acho que hoje os cachorros estão mais virando quase gente mesmo... eles têm características, né, eles entendem perfeitamente o que você fala, eles se comportam bem, então eu acho que eles estão indo pra um caminho assim mesmo, viu (risos)... é, porque, né, tanto cachorro... cachorro era cachorro, na minha época de criança cachorro ficava pra fora, não entrava, era outro relacionamento. Hoje, né, você tem mais carinho, mais afinidade, você fala, conversa mais (risos). É engraçado.

C: E a senhora percebe vantagens e desvantagens de se relacionar com o ser humano e com o animal... como são as vantagens e desvantagens de se relacionar com o cachorro e com familiares e amigos?

P1: Ah, que cachorro só... não acha ruim, né (risos), cachorro te obedece, não acha ruim, não reclama. Mas por outro lado também não te dá um... a correspondência assim é diferente, né, lógico... ser humano te completa muito mais, mas o cachorro quebra um galho (risos).

C: E o que a senhora acha que mantém a relação entre o ser humano e o animal e o que especificamente com o Chico a senhora acha que mantém a relação sua com ele?

P1: Ah, é afeto mesmo, né... eu acho. Tem uma ligação assim de carinho, de companheirismo, de... é isso.

C: E pensando assim numa imagem, numa forma, numa obra de arte, um desenho, alguma imagem que a senhora pense assim, logo... pensando no Chico que imagem que a senhora tem na cabeça? Pode ser uma obra de arte, ou algum desenho, como que seria essa forma?

P1: Nossa, agora você me pegou... acho que muitos pelos (risos). Muito pelo voando (risos).

C: Mas assim no sentido mesmo da afetividade, da relação que a senhora tem com ele, uma imagem que a senhora acha que poderia representar a relação de vocês ou representar o que ele lembra, do sentido que ele tem pra senhora, como que seria?

P1: Nossa, eu não sei... eu não sei te dizer assim, no que... em um bebê, talvez (risos)...

C: E uma história que a senhora acha assim que poderia ilustrar, uma história que já existe, ou enfim, uma história que ilustraria e representaria a relação que a senhora tem com o Chico?

P1: (Pausa longa) Tipo um Marley da vida assim?

C: É...é...

P1: É, não, é bem longe do Marley, só pelo carinho, porque ele é bem diferente... na questão dele assim... ele é bem mais comportado, bem mais quieto, bem mais tudo (risos)...

C: Mas a senhora consegue pensar assim em uma história não necessariamente de cachorro, mas que traz alguma mensagem que lembra o que o Chico te traz, alguma coisa nesse sentido?

P1: Ah, não sei (risos)... não to lembrando agora, de nada... acho que ainda não to no (risos), acabei de acordar (risos)...

C: Bom, então, pensando nisso, só pra fechar na relação do homem com seu cachorro de estimação, a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa fora o que foi falado?

P1: Olha, eu acho assim, pra todo mundo é sempre bom ter um cachorro, né, porque eu acho que é um jeito assim que você também, você mostra mais suas emoções, porque às vezes a pessoa... o ser humano é mais retraído, né... Às vezes você não pode se abrir tanto e com o animal de estimação você faz porque você sabe que não vai pra frente, você vai ficar ali e eles são super receptivos, né, então eu acho que é um ponto bem... bem bom, é isso...

PARTICIPANTE 2

Sexo: Femino

Raça do cachorro: Shih-Tzu

Nome do cachorro: Joca

Camila: Bom, queria perguntar pra senhora, como era... aliás, é macho ou fêmea?

Participante2: É macho

C: Qual o nome?

P2: Joca

C: Como era a vida da senhora antes do Joca ter entrado na vida de vocês e como essa importância dele vem pra senhora e pra família da senhora?

P2: Na verdade, assim, a gente já tinha um cachorro, né, que era um poodle, e ele faleceu... então a gente ficou um ano sem um cachorro em casa! E aí a gente começou a sentir a necessidade de ter mesmo, né, outro animal, outro cachorro em casa... pela alegria, né, você chega em casa e é estranho porque eles estão sempre de bom humor, né, pra te receber (risos)... então é muito gratificante chegar em casa depois de um dia de trabalho e saber que tem um ser te esperando feliz, esperando por você, é bom isso...

C: E como que ele entrou na vida de vocês, ele especificamente, o Joca?

P2: Ele, especificamente, a gente foi até o pet shop, ali no shopping Eldorado e aí a gente deu sorte. Foi um dia que foi de muita coincidência... eu sai do trabalho e parei no comércio local perto de casa e fui até o pet shop olhar se tinha um cachorro e não tinha, aí eu fui pra casa, minha filha tava lá com febre, com problema na garganta, e ela falou assim ãi mãe, queria tanto um cachorro de novo, né, e eu tinha acabado de olhar o pet shop. Aí a gente saiu, foi até o shopping Eldorado e não é sempre que você tem cachorro na vitrine, né, e lá tava o Joca, o Joca e os irmãozinhos (risos). E aí o namorado da Lu, da minha filha, tava junto né e ele falou assim ãh, eu acho que é esse aqui (risos)

C: E como foi a sua reação imediata na escolha dele, trazendo ele pra casa, esses primeiros momentos?

P2: Então, a escolha era, né, que fosse um cachorro de porte pequeno, porque a gente mora em apartamento, né, e... a gente não conhecia muito sobre o shih-tzu... e aí depois que a gente acabou pesquisando, que era uma raça tranqüila, né... mas essa informação a gente já até teve no pet shop, que era uma raça tranqüila... e apartamento também você tem que pensar nos vizinhos, né, comprar um cachorrinho, ele é pequeno, mas é estridente, não dá pra incomodar, que o teu gosto não é o gosto do teu vizinho, né...

C: E a escolha do sexo, da raça e do nome?

P2: Então, por ter sido comprado já no pet shop, ele já vem com pedigree, já vem com o nome, então o nome a gente não mudou, a gente achou legal... Joca... e... o nome e?

C: A raça e o sexo?

P: Ah, é... então, eu acho que a cachorra fêmea ela dá mais trabalho, né, quando ela entra no cio, tal, apesar que os cachorros hoje em dia já vem castrados, mas... era mais fácil pra gente pensando na qualidade de atenção que a gente pode dar pro animal, porque não adianta você ter um cachorro na sua casa e não cuidar, né... o macho parece ser mais fácil pra cuidar do que a fêmea, né...

C: E o cachorro que vocês tinham anteriormente também era macho?

P2: Era macho.

C: E como a senhora descreveria a vida junto ao Joca pra alguém que nunca tivesse tido um animal de estimação?

P2: Então, aí tem que ver se a pessoa não tem um cachorro por uma questão de dificuldade da vida dela, né, sei lá, ou porque ela realmente não gosta. É muito difícil você convencer uma pessoa que não gosta de animal em casa, a ter um cachorro. O que a gente sempre tenta passar é a amizade, a sinceridade do cachorro, essa alegria que eu te falei no começo... meu marido trabalhava muito, assim, em hora extra, chegava de madrugada em casa, daí ele, quando o primeiro cachorro morreu, ele falou assim ãh, é tão difícil, porque quantas noites eu cheguei em casa, 2h, 3h da manhã do trabalho e tava ele lá, feliz, pulando e a gente dormindo, então isso é verdade, né. E essa raça é uma raça muito engraçada, né, eles são muito amorosos. Ontem, por exemplo, ele gosta... a gente coloca às vezes ele pra dormir no pé da cama e não é uma coisa que como que foi desde o começo, começou há pouco tempo essa história dele ir pra cama dormir com a gente. Então assim, ontem a gente vendo TV na sala e ele resmungando lá no quarto que queria ir pra cama. (risos)

C: (Risos) Aí ele quer que todo mundo vá junto?

P2: É, então, aí a gente pegou, colocou ele em cima da cama, ãh, você quer em cima da cama? e voltava pra sala, aí ele pulava da cama, como quem diz ãh, eu quero vir pra cama com vocês! Pode ser inacreditável, mas a gente vai entendendo a comunicação deles...

C: Aproveitando que a senhora tá falando isso, né, de onde ele dorme, então ele tem dormido na cama com vocês?

P2: Ele tem a caminha dele, né, cobertorzinho, tudo... mas ele reveza muito entre o pé da cama da gente e o pé da cama da nossa filha...

C: E as manias e os costumes que ele tem: ele costuma usar roupinhas, acessórios?

P2: Mais no inverno, né, é... a gente compra muito bichinho, muita coisa coloridinha pra ele brincar... tem uma pantufa lá que era da minha filha e que é em forma de cachorro, né, aí meu filho fala assim ãh, a namorada do Joca, né? (risos). Ele brinca com aquela pantufa dentro de casa, né...

C: Entendi. E como a senhora descreveria a personalidade do Joca, as qualidades e defeitos que ele tem?

P2: Então, a qualidade, ele é um cachorro doce, ele é um cachorro, é... sensível, né, incrível como ele não pode ver a gente triste, né, eu perdi minha mãe esse ano, então vários momentos da vida você tá chorando, às vezes, dentro de casa, por causa do luto, e ele já chega pra confortar, é... ele é um cachorro... a gente fala que ele é um cachorro muito higiênico (risos), fresco, porque a fralda que ele usa, pra ele fazer o xixi e o cocô em casa, então assim... ele faz o cocô, às vezes, fora da fralda, porque se a fralda tiver xixi ele não quer misturar, pisar, sei lá (risos). É uma coisa muito engraçada. É... então é isso, a qualidade dele é essa, ele é um cachorro que adora passear, então acaba fazendo com que

você também saia dessa inércia de ficar dentro de casa no final de semana. Que nem, eu moro lá no Butantã, to vindo a pé até aqui, porque meu sogro mora aqui, né, então fomos a pé até lá pra visitar o sogro com o Joca... defeito?... Ah, não tem defeito, porque também ele foi adestrado logo que chegou, então ele não é um cachorro que se comporta, por exemplo, ele sabe que não tem que ficar pulando em cima de... ele é obediente, né, então ficou fácil cuidar dele.

C: E, considerando esses traços de personalidade do Joca, que tipo de pessoa gostaria mais dele ou não gostaria tanto?

P2: Criança gosta muito dele. Ele também gosta muito de criança, é incrível. Ele não pode ver... o outro que nós tivemos, que era um poodle, ele não curti muito criança não, o Joca curte... pelas leituras que nós fizemos, né, eles aconselham muito os idosos a ter um cachorro como o Joca exatamente por conta dessa docilidade dele.

C: E o que o Joca representa pra senhora, na sua vida?

P2: Nesse momento?! Ah, é incrível, porque a gente tem... não é um cachorro, é a família, né... você transfere, né, ainda mais a gente que já tá com os filhos como você, grande, na faculdade, então ele é o bebê da casa (risos). Você transfere mesmo essa coisa do cuidado. Eu vejo, por exemplo, pessoas que não tem cachorro falam assim ñossa, eu tenho uma amiga que contou uma história da pessoa que eles foram passar o ano novo em tal lugar e o cachorro dessa amiga dela começou a passar mal, né, ia pra praia; e ela subiu a serra, ela não curtiu a virada do ano porque ela subiu a serra pra trazer o cachorro do veterinário. Então essa amiga que não tem o cachorro ela falava assim ñossa, eu acho um absurdo, não acreditava no que eu tava vendo aí eu falo ñmas não dá pra ser diferente! como você vai, no momento em que você tem um ser que tem que cuidar, né, e o cachorro é isso, né. A gente quando trouxe ele pra casa, que os filhos pequenos, era exatamente isso, você trazer o lado sensível, humano, né, a preocupação com o outro e não importa como o outro seja; o outro pode ser diferente de mim, mas a preocupação tem que ter, né...

C: A senhora comentou que já teve um poodle, né... comentou essa diferença que o poodle gostava mais de idosos, esse gosta mais de criança...

P2: Ele gostava mais de adulto, né, o Joca gosta mais de criança.

C: E tem alguma diferença a mais que a senhora perceba em relação ao outro cachorro?

P2: A personalidade, né, a agressividade...

C: O outro era mais agressivo?

P2: O outro era o mais agressivo.

C: E como a senhora se relaciona com o Joca e ele com a senhora? Como é essa relação?

P2: Ah, a gente tem uma boa relação. O que eu observo é assim, o Joca (risos) ele é inteligente, embora as pesquisas falem que o shih-tzu é um dos cachorros mais burros (risos). Mas ele sabe exatamente o que ele consegue e com quem ele consegue, por

exemplo, essa coisa do passear, eu sou mais preguiçosa pra sair de casa, então se ele quer passear comigo eu falo ãh não, não to afim. Ele não... agora quando esse aqui [marido] chega, enquanto não sai, a minha filha, né, então ele sabe. Por exemplo, comigo, eu to tomando meu lanche da tarde quando eu chego do trabalho, ele já vai pra área de serviço porque ele também quer o ossinho que eu sempre dou pra ele, entendeu? É engraçado essa comunicação, então ele sabe, ele não faz isso com eles. A brincadeira, o tipo de brincadeira que é comigo não é com meu marido, não é com a minha filha... ele sabe...

C: Entendi... é diferente as relações que ele estabelece...

P2: Ele sabe, exatamente, ele aprendeu.

C: E em relação ao resto da sua família, com a sua filha, como a senhora tá dizendo, como que é a relação com ele e ele com a família de modo geral?

P2: Super tranqüila

C: E quem cuida dele, de modo geral, pra dar comida, passear, dar banho? Ele tem uma relação diferenciada, mais especial, com a pessoa que faz isso?

P2: Então, na verdade a relação mais próxima dele é com a minha filha, porque a gente... assim, na verdade quando o Joca veio... porque quando veio o primeiro todo mundo era criança em casa, então óbvio que a obrigação de veterinário, banho, ficava por conta dos adultos, né, e então... e agora não, ãntão tá bom, você quer um cachorro também então, mas você vai ter que cuidar. Então... a gente divide bem. Mas essa coisa do banho, de levar ao veterinário, é minha filha que faz, a empregada já marcou pra toda semana tal dia, então ela leva, ela pega o cachorro... é uma preocupação, assim, todo mundo tá sempre muito atento com o Joca em casa (risos), não tem assim ãh, é só você que faz isso. Não...

C: E quando a senhora percebe que o Joca tá assim chateado, desanimado, ele busca alguém, né, como é isso? Como a senhora se sente em relação a essa busca que ele faz? Ele procura alguém em específico?

P2: Na verdade, assim, ele fica muito na dele, assim... você percebe que ele tá triste porque ele se isola. E aí você pega no colo... porque assim, ele é muito brincalhão, gosta de estar brincando, né, né bebê? [falando com o Joca] e aí assim, quando ele tá assim, ele já vem pro seu colo pra ninar, entendeu?

C: Entendi. Mas ele tanto vem na senhora, no seu marido, na sua filha, não tem muita diferença nesse sentido?

P2: Se a minha filha tá em casa, é muito mais com ela, né, quando ela não está... e quando o namorado está em casa, é mais com o namorado, porque daí vem aquela história, assim, ãh, foi o Vitor lá no pet shop que disse assim ãh, é esse aqui, né? (risos) Então tem aquela ligação que quando você é escolhido, você tem uma relação forte com quem te escolheu, não sei como que é, mas ele adora o namorado dela (risos)

C: E a senhora já teve a perda de alguém próximo, algum amigo ou familiar, enfim, e algum animal de estimação e como que são essas sensações presentes nessas perdas, as diferenças e as semelhanças?

P2: É, o primeiro cachorro foi, foi difícil e assim, as situações são muito parecidas, porque tanto o cachorro, no caso, e a minha mãe que faleceu há 7 meses, ficaram muito doentes, né, o primeiro teve problema de coração, começou a ter problema renal no finalzinho da vida e no pet shop aí a veterinária orientou a fazer a... a eutanásia. E foi horrível, né, porque as crianças estavam junto, então a gente... e foi horrível, porque você vai vendo o cachorro morrendo e vai passando um filme da sua vida, de tudo que você viveu com ele. É muito parecida a relação, né. Minha mãe quando morreu agora também, né, a dor é... é uma dor que eu nunca imaginei que eu pudesse sentir e que pudesse ter força pra sentir isso, né, então... as dores são muito parecidas, as perdas são muito parecidas. A reflexão do que é a vida e o que é a morte, ela não tem diferença. É claro que a mãe, né, o ser humano, a tendência natural é você sentir no âmago mesmo, pelo menos pra mim foi assim. Senti muito a perda do cachorro, mas é óbvio que eu senti muito (riso) mais a perda da minha mãe. Mas a sensação de reflexão, de momento de reflexão de vida, é igual.

C: Aham, entendi. E... o que a senhora sente quando vê um cachorro que não seja o da senhora e quando a senhora vê um animal de trabalho, por exemplo um cavalo? É diferente? Por que é diferente?

P2: Na verdade, assim, é... eu aprendi com eles em casa a olhar a essência do animal, é muito... um cachorro de rua, quando você vê um vira-lata, né, é triste você ver na rua assim. Tem uns que não, que você percebe no olhar que eles estão felizes de serem vira-latas (risos). Talvez os que tenham sido abandonados, que tenham se tornado vira-latas, a gente consegue diferenciar isso, né... eu trabalho no CEAGESP, por exemplo, e... e soltam muitos cachorros lá, né, então você consegue identificar aquele que é vira-lata há muito tempo, que sempre foi, e aquele que tá lá perdido, desesperado...o animal que é pro trabalho, eu não gosto muito, né, assim... essa coisa, por exemplo, do circo que acabou, né, que foi proibido, acho isso muito interessante. É... porque fica meio medieval, parece, né, você usar um animal pro trabalho físico, com tanta tecnologia que a gente tem, com a inteligência do homem se sobrepondo a tantas coisas, né, eu acho que a natureza ela feita pra você se conectar com ela, seja através do verde, dos animais, o contato com a terra, né...

C: E o que a senhora sente por outros animais que não o cão, mas também animais de estimação, outros animais de estimação?

P2: Por exemplo, aí é que tá, cada um, né, tem... por exemplo, passarinho: meu tio adora passarinho, eu acho um absurdo (risos) ter em casa um passarinho na gaiola, eu morro de pena, é... alguns animais eu não teria, tem gente que gosta de coleção, tem gente que coleciona cobra, lagarto, hamster, eu acho que eu não teria. O gato, por exemplo, é um

animal que eu nunca me atrai por ele. Ontem eu assisti um filme que a pessoa falava isso que o gato, é ele que escolhe o dono, você que tem que conquistar, né... se você pensar em termos comportamentais, né, você sempre tem que tá querendo, é... às vezes a gente pensa assim ãh, não, né... a pessoa que gosta de mim, gosta, não tem o queê né, mas eu particularmente acho o gato traiçoeiro, acho que o gato não tem a cumplicidade com você, ele tem com a sua casa, né...que dizem que ele sempre volta pela casa, mas não pelo dono... a afeição com o cachorro pra mim ela é muito mais próxima. Que tipo de outro animal de estimação? Não sei, acho que esses são os exemplos que eu consigo vislumbrar agora, que tem gente que coleciona, que tem tudo, tem gente que tem até galo, né (risos).

C: E quais são as principais características que chamam a atenção da senhora em um cachorro de modo geral?

P2: Dentro daquilo que eu já falei é isso, né, a amizade dele, a fidelidade dele com você. O cachorro ele é fiel mesmo ao dono, uma coisa muito interessante isso...

C: E o que a senhora acha que aproxima e diferencia as características de um ser humano com as características de um cachorro?

P2: (Pausa longa) Ele...

C: Aliás, especificamente mesmo do Joca assim, o que aproxima ele do que a senhora entende...

P2: Dentro da forma como a gente é, né, eu vejo assim, o Joca adora quando chega visita em casa, ele adora receber. Lá em casa todo mundo é meio assim, a gente adora estar com as pessoas. Eu acho que comparando isso hoje, é mais ou menos isso.

C: E como a senhora percebe vantagens e desvantagens de se relacionar com o ser humano, né, família, amigos, e de se relacionar com um animal?

P2: Eu conheci uma pessoa que dizia assim ãeu prefiro me relacionar com os animaisò inclusive ela é apaixonada pelos cachorros dela, ãdo que com os seres humanos, porque o ser humano é um bicho traiçoeiroò A diferença é que eu acho que o ser humano sabe explicar, sabe falar, e talvez o cachorro se ele pudesse falar ele também diria ãeu não gosto de fulano, não gosto delaò (risos)... ele não sabe, né [pausa longa]... Eu acho que o cachorro, dependendo do dono, né, você, às vezes, pode se tornar uma pessoa egoísta achando que não precisa de mais ninguém do seu lado porque tem um cachorro e aí o cachorro faz o que você quer, você é o dono, você comanda, pode partir por esse lado também, mas... a relação aí pra mim é... é mais difícil lidar com o ser humano, porque você não tem o controle sob o outro, mas você tem controle sob o seu animal, a questão é saber qual o controle que você quer ter sob o animal e sob a pessoa, aí é... é o comportamento de cada um.

C: E por que a senhora acha que a relação do ser humano com o animal se mantém e o que mantém sua relação especificamente com o Joca?

P2: A relação do homem com o animal, eu acho que é isso mesmo, é... aqueles que procuram ter o animal de estimação, procuram estar muito sempre próximos de alguma coisa que dê um sentido na vida pra eles, né... tem gente que não tem filhos e acha que precisa de cachorro; tem gente que tem filho, também precisa de cachorro, né (risos) então é sempre assim, é a necessidade de se sentir amado. O ser humano... o cachorro te faz se sentir assim, né, muito amado, né, a relação de como ele depende de você e você acaba percebendo, se você tiver sensibilidade pra isso, você percebe o quanto você o ama e o quanto você é importante pra ele também, né, em contrapartida ele te dá esse retorno.

C: E já nas últimas duas perguntas... essa pergunta é um pouco difícil de responder, mas assim, pensando em uma imagem, numa forma, numa obra de arte, num desenho, em alguma imagem mesmo de fato que a senhora olhe e lembre do Joca, pelo sentido que a imagem tem ou pela mensagem que a imagem traz, uma semelhança em relação ao Joca, que imagem seria?

P2: Então, como a gente brinca muito por ele ser tão mansinho, ele é o (risos) ele seria um guarda costas de monges no Tibete (risos) pra mim é muito fácil associar isso, entendeu?

C: Um guarda costas?

P2: É, um guarda costas (risos)

C: E uma história assim que a senhora já tenha já escutado ou tenha visto e lembrado do Joca, no sentido da relação que a senhora tem com ele, então alguma mensagem por trás da história que lembrou pra senhora o que o Joca traz pra senhora também... não precisa ser uma história de cachorro, uma história que tenha trazido essa semelhança do que o Joca traz pra senhora?

P2: É difícil não associar cachorro. Tem um vídeo no youtube que eu vi que duas crianças tentando desesperadamente puxar um cachorro da rua, não sei, da estrada, o cachorro tá machucado, uma coisa assim... ah, de um rio! É de um rio, o cachorro tá ali na água, uma coisa assim. E eu acho isso mesmo. Dentro do que ele pode, ele é capaz de fazer qualquer coisa pela gente, né, e aí essa imagem que eu vi dos garotos, das crianças salvando, né... porque você cresce, o adulto às vezes ele se esquece de se preocupar e ele esquece de entender o quanto o outro é importante pra ele. Então era muito bom mesmo essa imagem do salvamento, né, do desespero dessas duas crianças que eu vi no vídeo, né, com relação a vida fosse... fosse quase em tudo, né, porque é utopia você pensar que todo mundo vai ser assim, que tudo vai ser assim, mas é legal você imaginar que a essência do ser humano é boa, a questão é o meio, a situação em que cada um de nós cresce e como a gente transforma essa essência praquela situação tua.

C: Pensando na relação e de tudo que falamos então da relação do animal de estimação com o dono, da sua relação especificamente com o Joca, a senhora tem algo mais a acrescentar além do que já foi dito?

P2: Eu acho que todo mundo tem que ter um cachorro (risos).

C: (Risos) Eu também acho.

P2: Eu acho que todo mundo tem que ter um cachorro, entendeu, porque a gente aprende muito com eles. Até a relação que você acaba tendo quando você tá na rua, né, o próprio encontro da gente agora, né, poder você me conhecer, eu ver como você é e tal; essa relação o cachorro traz, então é importante, né, porque hoje em dia numa cidade como São Paulo você não tem tempo pra nada, você não tem tempo pra conhecer as pessoas, você tem duvida se convida, se não convida, alguém pra conhecer sua casa, né, então acho que esse momento assim que você tem com o cachorro de que a vida é boa, era importante. Todo mundo devia ter um cachorro, eu aconselho (risos)

PARTICIPANTE 3

Sexo: Feminino

Raça do cachorro: Cocker spaniel

Nome do cachorro: Sava Maria

Camila: É fêmea ou macho?

Participante3: Fêmea

C: Qual é o nome dela?

P3: Sava Maria

C: Tem alguma ligação?

P3: Sava é de um livro da Danielle Steel que eu li, que eu gostei do nome, era uma Cocker no livro; e Maria porque minha avó é Maria.

C: Ah tá. E como que era a sua vida antes da Sava ter entrado nela? A importância dela pra você e pras pessoas a sua volta?

P3: Então, hoje eu vejo assim a diferença eu... eu tinha a minha vida normal, eu trabalhava, era sozinha, não tinha filhos, eu já era casada há 5 anos, aí de repente me deu vontade de ser mãe mesmo, mas eu não quis uma criança, aí eu fui e adotei a Sava. Então a importância que ela teve na minha vida, ela assim, ocupou um espaço de filha pra mim... e ela chegou na família como da família mesmo.

C: Entendi. E como então, aproveitando que a senhora tá falando isso, como ela entrou na sua vida, onde a senhora estava e com quem?

P3: Eu procurei através de anuncio. Eu sabia que eu queria uma cocker, eu queria menina, eu queria caramelo, eu fui atrás e ela veio pra mim.

C: A senhora já tinha tido cachorro antes?

P3: Não, foi a primeira.

C: E como foi a escolha do sexo, da raça e do nome? Do nome a senhora já falou...

P3: É, então... eu na verdade assim, eu já tinha na minha cabeça que eu queria uma menina, que fosse minha companheira, eu já idealizava a cor, tudo, todo o jeito dela... era uma coisa assim que a gente tava meio predestinada uma pra outra.

C: E como a senhora descreveria uma vida junto a um animal de estimação pra alguém que nunca tivesse passado por essa experiência?

P3: Como já aconselhei algumas pessoas, às vezes eu vejo assim, já tive exemplos na família, as pessoas geralmente, elas... elas tem assim, lógico, a gente hoje tem um ritmo muito agitado de vida, trabalha muito, você cria filhos, você cria mundo, e você acaba se sentindo só. Você tem muita solidão. As pessoas, eu vejo que assim, as pessoas se sentem muito sozinhas, e eu acho que quando você tem um animalzinho de estimação na tua casa, então assim, ele é teu companheiro, ele te ajuda nos momentos mais difíceis, ele tá sempre do teu lado, você aprende muito com ele essa coisa da doação, o carinho, ele sente quando você tá precisando de um apoio, de um conforto, ele tá ali do teu lado pra tudo, então acho que é muito bacana. E eu já vi até na família pessoas que tinham muita resistência e depois acabaram tendo, né, por um motivo ou por outro, aconteceu, e hoje não largam por nada, porque perceberam essa diferença na vida delas.

C: E como você descreveria a personalidade da Sava em termos de qualidades e defeitos que a senhora enxerga nela?

P3: Eu tava conversando sobre isso com uma amiga... com umas amigas no domingo. Eu acho que o cachorro ele é todo o dono. Não tem jeito. Eu acho que assim, ela é toda eu, ela é o meu jeito. Então assim, ela faz um pouco de manha do mesmo jeito que eu faço, ela é carinhosa como eu sou, mas também ela não gosta de muita fmeaçãoò se não ela se afasta, ela tem os problemas de saúde que eu tenho... ela tem os medos que eu tenho, eu tenho pânico de barata, ela também tem. Então assim, a personalidade dela... ela é muito assim, ela é independente, ela gosta de ser independente, ela tem os TOCs dela, eu tenho os meus, é muito assim, né, é muito parecido. A relação que a gente tem parece uma coisa que você transmite.

C: E que tipo de pessoa que a senhora acha que combina mais com o seu cão, que gostaria mais dela, e que tipo de pessoa poderia não gostar dela no sentido da personalidade?

P3: Ah, eu acho difícil assim... é que... dificilmente as pessoas não gostam dela, porque ela é muito carinhosinha, ela é muito obediente. As pessoas quando conhecem a Sava falam ãossa, eu queria que o meu filho fosse assim, eu queria que minha filha fosse assimò porque ela assim, ela sai do carro todos os dias, para na garagem do prédio, a gente sai com ela do carro, entra no elevador, ela vai, senta no cantinho, fica comportada. Ela sai todos os dias comigo pra trabalhar, então ela me acompanha em todos os lugares, então ela é muito comportadinha. Então ela se dá bem geralmente com todo mundo, ela que tem algumas pessoas que ela não aceita, outras ela aceita.

C: E a senhora vê alguma similaridade entre essas pessoas que ela costuma não gostar?

P3: Ela não gosta de criança e, eu não sei por qual motivo, pessoas mais idosas. Ela tem medo de pessoas mais idosas, eu já tentei procurar o porquê, assim, entender, não consigo entender o porquê, mas criança é meio que óbvio porque tem medo, né; criança vai, já põe a mão, puxa, então tem medo mesmo. Mas dificilmente as pessoas não gostam dela, a família toda gosta, todo mundo que convive com ela, porque ela é muito boazinha, ela não é aquele cachorro que fica pulando em cima, não late, não fica... você vê, você fica aqui sentada, ela vai, deita ali do seu lado.

C: É, tranqüila, né?

P3: Tranqüila, ela é muito tranqüila

C: Quantos anos ela tem?

P3: Ela vai fazer 12 em março.

C: Ah tá. E em casa onde que ela costuma dormir, as manias que ela tem, se usa roupa, acessório...

P3: No inverno ela fica comigo mais na cama ou fica na caminha dela ao lado; no verão ela já evita ficar na cama comigo, porque ela sente muito calor, então ela fica na caminha, ela fica no puff; ela gosta de mudar de ambiente, às vezes, a noite ela gosta de ir pra sala, volta pro quarto, ela gosta de circular um pouquinho. No calor ela fica um pouco a vontade porque ela circula mais, mas no frio ela vem e deitada no travesseiro junto comigo e dorme abraçada.

C: Ah tá. E dorme tudo bem, não fica deixando você sem cama, sem espaço? (risos)

P3: Ah, ela é meio espaçosa, então no começo eu tinha uma cama de casal padrão, não dava. Eu comprei uma cama daquela king size, porque ela é muito espaçosa, então agora cada uma tem seu espacinho sem ficar derrubando a outra da cama (risos)

C: E o que ela representa pra senhora, na sua vida?

P3: Ela é tudo. Ela é tudo, ela é minha vida, eu vivo pra ela. Eu tenho o trabalho que tenho, porque me permite tá com ela, trabalhar todos os dias com ela.

C: A senhora trabalha em quê?

P3: Eu trabalho com eventos.

C: Ah tá, e aí a senhora consegue levar ela?

P3: Eu tenho escritório, então ela vem junto comigo pro escritório todos os dias, ela é minha companheira, ela é tudo pra mim. Não fico sem ela, não durmo sem ela, não viajo se ela não tiver junto, não faço nada sem ela.

C: E a senhora já tinha tido outros animais de estimação?

P3: Não.

C: E a relação da senhora com ela como que é? E dela com a senhora também, né em contrapartida.

P3: Ah, de muito carinho, de muita parceria, de muito companheirismo, a gente, como eu te falei, a gente faz tudo juntas, então é bem bacana, é uma troca bem legal.

C: E com a sua família, como é a relação dela com a sua família?

P3: É a mesma coisa, ela tem, tem assim... se eu tenho que me ausentar, por algum motivo, tô trabalhando em algum lugar fora, ela nunca fica sozinha, ela fica com a minha mãe, ela fica com meu pai, trata de vô, de vó, tio, tia... e todo mundo assim, acolhe do mesmo modo que eu.

C: Eles também têm cachorro?

P3: Tenho um irmão que tem, que também cria da mesma forma, é cheio de mimo também (risos).

C: E a senhora então que cuida... a senhora mora sozinha, no caso, com ela?

P3: Moro.

C: Aí é a senhora que cuida, que dá banho, comida, essas coisas?

P3: Sim, isso, levo pra dar banho, dar comida. Aí tem o pai também que participa [ex-marido encontrava-se ao lado no momento da entrevista], né... o pai participa... a gente é separado, mas ele participa.

C: Ah, entendi. E quando ela tá chateada, desanimada, como ela costuma reagir, quais comportamentos que ela tem?

P3: Ela fica meio paradinha, se ela sente alguma dorzinha, dá pra perceber, ela faz uma manha, dá um chorinho... então assim, eu sempre estou muito atenta a alguma coisa que ela sinta, eu todo dia vou apalpando ela, vasculho o corpinho dela todinho, então se ela dá um gritinho eu já sei ãh, um ouvido doendo.. ela fica meio quietinha assim.

C: E na rua como ela costuma agir? Imagino que mais ou menos como aqui [Sava encontrava-se deitada no chão próxima aos nossos pés], né, tranqüila...

P3: Como aqui, como aqui.

C: E a senhora já perdeu alguém próximo na família ou... eu queria assim perguntar no sentido das sensações que são presentes nessa perda, né, no sentido de pensar numa perda de um animal e numa perda de um familiar.

P3: Aham, então, eu já perdi sim pessoas próximas e... hoje eu penso assim, pra chegar até... se for me perguntar ãvocê pensa o que pode acontecer, o sentimento da perda delaè é... uma coisa assim, eu não gosto nem de pensar. No dia que ela for, eu vou junto. Eu quero ir primeiro que ela! Eu não consigo imaginar perdendo ela não. Então, assim, acho que eu piro de vez (risos). Aí pronto, acabou. Eu peço pra Deus, se ele puder me abençoar de ou me levar junto ou me levar antes, mas não é da minha vontade, né. É muito difícil, perda é muito difícil, né, pra gente lidar.

C: E o que a senhora normalmente sente quando vê outros cachorros que não a Sava?

P3: Eu adoro cachorro, adoro, adoro! Eu fico muito triste quando eu vejo um animalzinho abandonado, se eu vejo maltratado, eu fico muito mal, é... aquela coisa, dá vontade de você pegar todos eles e cuidar e adotar, mas infelizmente não dá, então é uma coisa que me entristece bastante, sabe... se eu pudesse escolher algo na vida assim, um sonho meu seria realmente ter um espaço pra cuidar de muitos cachorros. Eu gosto de vir aqui porque eu vejo assim essa relação de donos e cachorros, eu acho muito bacana; aqui é um parque que acho que é o parque que mais tem pessoas passeando com o cachorro, né, então eles tem um respeito grande aqui, em alguns outros lugares é diferente. Eu trago aqui também porque é limpo, eu gosto, eu escolho sempre o que é melhor pra ela.

C: E o que a senhora sente quando vê um animal de trabalho, um cavalo, um boi, enfim, é diferente de ver um cachorro?

P3: Então, eu gosto de animais num geral, né... eu gosto, eu gosto e assim... de todo jeito, assim, do mesmo modo que eu vejo um animal, um cachorro sendo maltratado, eu não gosto de ver outros animais sendo maltratados também. Eu gosto de todos, não tem assim... claro assim, eu tenho preferência por cachorro, eu escolhi ela pra ser minha filha, mas eu gosto de cavalo, gosto de gado, gosto de tudo.

C: Quais são as principais características que chamam a atenção na senhora em cachorros de maneira geral e nela, na Sava especificamente?

P3: A inteligência, a sensibilidade deles, é uma coisa que... que eu fico abismada. Com a inteligência e com o sentir deles. Muitas vezes o cachorro ele tem muito mais sensibilidade do que o ser humano. Assim, você tem uma amiga que às vezes não sente que você tá mal e teu cachorro sente que você tá mal. Então eu fico realmente surpresa com isso. E as pessoas ainda falam ãh, não entende nada, ah, não é assim não!

C: E o que a senhora acha que diferencia... a senhora já falou um pouquinho agora, o que diferencia o ser humano do seu animal de estimação e o que iguala, o que a senhora acha que é igual, por exemplo, com um amigo e...

P3: Eu acho que igual nada, eu acho que... que eles são muito mais superiores do que a gente; eu acho que assim, lógico, não vai se comparar a inteligência pra algumas coisas, mas em termos de honestidade, de companheirismo, de caráter, eu acho que não tem que discutir não. Eu não confio no ser humano, eu acho que a gente vive num mundo que tá cada vez pior e eles são puros. Eles são totalmente puros. Eles amam a gente independente de qualquer coisa, é um amor completamente desprendido, é um amor incondicional, enquanto o ser humano não, o ser humano é interesseiro.

C: E quais as vantagens e desvantagens, nesse sentido, que a senhora encontra na relação com o ser humano e na relação com o animal?

P3: Olha, se fosse pra sair no barzinho, pra bater papo com pessoas, e sair pra um barzinho sentar numa mesinha com ela, prefiro sentar com ela (risos). Pra viajar, eu prefiro viajar com

ela; pra assistir uma televisão... eu só não levo no cinema porque não dá e porque ela não curte assistir, porque se não eu levaria (risos). Claro que a gente tem amigos, tem família, tudo, mas eu não troco a companhia dela por nada nem por ninguém.

C: E por que a senhora acha que a relação entre o ser humano e o animal de estimação se mantém? Essa relação que a senhora tem com ela, como isso se mantém de maneira geral e especificamente no caso da senhora?

P3: Não entendi a pergunta, desculpa.

C: A relação do ser humano com o cachorro, né, porque a senhora acha... o que mantém essa relação, assim, várias pessoas tendo um cachorro, o que mantém essa vontade de ter um cachorro?

P3: Acho que essa relação de carinho mesmo e de doação, porque as pessoas percebem assim, elas não tem isso com outro ser humano, né... então assim, você casa, você vive bem durante um tempo, tudo bem, ah, enquanto tá tudo bem, lindo, maravilhoso, você não sabe... mesmo você casando, você morando junto com alguém, seja marido, seja mãe, seja pai, seja filho, irmão, qualquer um, você nunca sabe com quem você tá lidando, porque com eles é diferente. Então acho que por isso que as pessoas cada vez mais procuram ter animalzinho sim, cada vez mais as pessoas procuram tratar o animalzinho como se fosse da família, porque hoje é diferente, hoje você vê as pessoas paparicando, tem um monte de mordomias... não que você não vai... eu acho que assim, eu respeito muito os limites dela, né, eu gosto que ela ande no parque assim descalça, na terra, porque eu acho que ela vai tá preferindo assim, não de sapatinho, não toda... eu gosto de deixar ela a vontade. Mas eu acho que as pessoas procuram muito mais hoje assim ter essa relação com o animalzinho de estimação porque não encontram, assim, o resto não é suficiente. Então elas tem que procurar mais do que aquilo.

C: E assim... essa pergunta é a mais difícil, eu até eu penso pra mim mesma como eu responderia isso, mas, assim, deixa eu tentar explicar... quando a senhora pensa na sua cachorra que imagem, abstratamente, poderia simbolizar o que ela representa pra senhora? Não precisa ser nada concreto, uma abstração mesmo, uma obra de arte, talvez, alguma imagem, uma coisa mais visual que a senhora sinta que tem alguma relação com ela.

P3: Aham... transformando a imagem dela em algo que... a sensação, né, que eu tenho, pode ser assim como se fosse uma luz confortante, né... como se fosse assim, pra você entender melhor, imagina se você sentisse a presença de Deus perto de você e você de repente conseguisse enxergar, mas não uma pessoa ali, como uma luz, como um calor, como algo gostoso ali do seu lado. É isso, mais ou menos isso.

C: E uma história que já exista, que a senhora conheça, que tenha uma mensagem por trás que a senhora acha que é uma mensagem similar a que ela traz na vida da senhora?

P3: Ah, difícil... Não me recordo agora de nenhuma história assim...

C: De toda a forma, a mensagem que ela te traz...

P3: Porque eu fico imaginando assim, uma história que tivesse alguma coisa similar, seria uma historia assim de um amor incondicional mesmo... não consigo me recordar de nenhuma tão profunda assim... tenho que eu escrever uma história (risos). Ainda não vivi isso (risos). Nem Marley não acho que... eu acho que ainda assim, tudo bem, você conhece a história, né?

C: Marley, sim.

P3: Então assim, eles tiveram toda a dedicação; ele muito mais do que ela, porque mesmo quando ela engravidou e com tudo, ela quis afastar ele da vida dela, aí depois assim chegaram ao ponto de no final, óbvio, porque tava sofrendo muito, sacrificar. Eu já não teria essa coragem, porque eu acho que assim, ninguém vai no hospital, lá na UTI, pedir pra sacrificar a mãe, o pai, nem o filho. Então eu não faria isso. Então acho que não vejo nada em comum com esse tipo de história nem com outras que eu conheço, não tem.

C: Entendi. E pensando em toda essa conversa que tivemos da relação do homem com o animal de estimação, como ela se forma, como se mantém, a senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa, alguma sugestão, algum comentário?

P3: Ah, não sei, acho que já as perguntas já... acho que foi algo bem completo. Eu não sei se eu pude te passar o que você precisava...

C: Não, não, foi muito, eu gostei bastante.

P3: Né, mais ou menos aquilo que você precisava, assim... tem pessoas que, a diferença é, tem pessoas que vão e adotam um animalzinho de estimação, como eu te falei, eu adotei a Sava pra ser minha filha... né, então as pessoas de fora podem ver como um pouco de exagero ãh, mas por que? Ela não fica 5 minutos em casa sozinha se você tiver que ir na padaria? ã não, não fica! Não fica, porque assim, é a única que eu tenho, eu mimo mesmo, eu faço, eu deixo de fazer pra mim, pra fazer por ela; hoje eu to matando o trabalho, deixando de fazer outras coisas, mas eu to aqui com ela, ele [ex-marido] tá aqui com ela, então assim... eu trabalho nos finais de semana, então se eu trabalho no final de semana, eu pego um dia na semana e venho pra cá com ela, porque eu sei que é disso que ela gosta. Eu vivo pra ela! E eu acho muito bacana, ela me compensa demais, o que ela me traz de felicidade, o que ela me dá de alegria, então... eu acho que supera tudo.

PARTICIPANTE 4**Sexo: Feminino****Raça do cachorro: Collie****Nome dos cachorros: Tequila & Laio**

Camila: Então os cachorros que você tem são aqueles dois [estavam próximos a nós junto ao marido dela], né?

Participante4: Isso

C: Qual que é essa raça mesmo?

P4: Collie

C: E o nome deles?

P4: Um é Tequila e o outro é Laio.

C: E como era sua vida antes deles terem entrado nela, né, e a importância deles; como que foi a ordem deles terem entrado, se foram os dois ao mesmo tempo...

P4: Não, na verdade eu tinha um cachorro... eu morava em apartamento, daí eu fui morar em casa aqui em São Paulo, aí quando eu fui morar em casa eu sempre quis ter um cachorro. Aí a menina que morava comigo não gostava de cachorro, daí eu não podia ter cachorro. Aí depois que ela... que eu sempre tive cachorro, desde sempre, minha vida toda eu sempre tive cachorro, aí... a menina parou de morar comigo, daí ele [namorado/marido] começou a morar comigo, aí veio o meu cachorro, que já era meu, de Curitiba, porque eu não sou daqui, eu sou de Curitiba

C: Ah tá

P4: Aí que era um outro collie, aí ele faleceu em 2009, aí a gente ficou um tempo sem cachorro, pelo... por ter perdido, por ser aquela coisa toda, você estranha um pouco, mas eu sentia muita falta de ter um bicho em casa, que é aquela coisa da companhia, do fazer as coisas junto, ter sempre alguém, você nunca tá sozinho, o detalhe é que você nunca tá sozinho. Aí veio primeiro ela [Tequila]... aí eu acompanhei ela bebezinha e tal, cresceu, tal, e a gente sempre trabalhou em casa, trabalhava em home Office, então fazia companhia mesmo, e eu escolhi a raça justamente por ser uma raça que é totalmente companheira, é dócil, não faz bagunça, é super tranquila e... depois, só que daí, o que aconteceu, eu voltei a trabalhar no cliente e ela começou a ficar sozinha em casa, aí a gente começou a ficar com dó porque daí a gente chegava em casa e ela tava... desorientada, né, super agitada, fazendo muita bagunça, tal. Daí a gente resolveu que ela precisava de alguma companhia, alguma coisa, e a princípio a gente tava pensando num cachorro pequenininho pra fazer companhia pra ela, tanto que essa coisinha [cachorra poodle mini da mãe da participante] veio... eu peguei emprestado da minha mãe pra fazer o teste, pra ver se ela melhorava, se

ela ficava mais quieta, tal e... daí no final nas contas aconteceu de um amigo nosso nos deu daí ele [Laio]. Daí ele tá com a gente vai fazer uns 3 meses mais ou menos só.

C: Ah é? Então ele já veio grande?

P4: Já, já. Grande mais ou menos, né, porque ele só tem um ano (risos)

C: E ela tem quanto?

P4: Ela tem 2 anos e meio. Ele tá meio (risos)

C: Nossa, então, ele é grande já. E como então a importância deles na sua vida, dos dois, cada um separadamente.

P4: É, eles são... é muito legal porque eles são companheiros, eles estão juntos, é quase como um filho, né, porque você tem que educar, dá comida, você cria os hábitos de cuidar deles e ao mesmo tempo você tem a companhia, você nunca tá sozinho em casa. Por exemplo hoje, assim, terça feira de carnaval, não tem nada pra fazer, aquela coisa, desespero de ficar em casa, ãh, vamos passear com eles que é super legal, divertido e... é o gostoso de estar com eles.

C: E como que foi a reação que você teve quando pegou primeiro ela, né, depois ele, como que foi a reação de adotar os dois?

P4: É, eu sempre quis, né, porque eu fui criada com cachorro, então eu sempre fui essa relação de ter bicho por perto, aquela coisa de brincar, de cuidar, de fazer bagunça com eles, né, então pra mim foi o máximo, né, ainda mais porque ela era super pequenininha, aquela coisinha fofinha de pelúcia total, assim, muito fofa! Então foi muito legal, foi muito legal. E aquela coisa... foi legal também porque chama amigos, né, meus amigos também vem junto, então... tem gente que vem me visitar pra visitar eles, não por minha causa (risos), então é legal por causa disso, porque é uma companhia.

C: E a escolha da raça você comentou um pouquinho, né, mas e a escolha do nome deles e do sexo deles, como foi?

P4: No começo eu queria um macho, na verdade, não queria uma fêmea, só que aconteceu, é... o filhote que sobrou era uma fêmea, porque eu demorei um pouco pra achar, porque eu queria collie, por ser um cachorro... por ser um cachorrão, eu gosto de cachorro grande, eu não queria um cachorro pequenininho, e por ser um cachorro manso, dócil, que é, tipo assim, não agride ninguém, só quer brincar. Assim, eu não queria um cachorro pra cuidar da casa, eu até brinco, eu não queria um cachorro pra cuidar da casa, eu queria um cachorro pra fazer companhia pra mim! E até o fato porque a gente brinca, eles ficam soltos na garagem, qualquer um que passa na porta da minha casa brinca com eles, porque cuidar da casa não dá pra nada. E... e por causa disso, eu escolhi ele por causa disso, e a fêmea aconteceu, na verdade aconteceu de ser uma fêmea. E aí depois a gente deu a sorte de agora estar com um casal, né, porque a gente quer ter filhotinhos também e tal...

C: E como você descreveria a vida de vocês, do seu marido, enfim, a vida que vocês tem junto dos seus cachorros pra alguém que nunca tivesse tido cachorro antes?

P4: É que muda, você tem... não chega a ser... é quase um filho, porque você tem... eles... geralmente ele [namorado/marido] é menos preguiçoso que eu, ele sai cedo da cama porque tem que soltar os dois, pra não começar a latir. Eles comem separado, porque o macho come uma ração especial, então tem o horário pra comer separado; igual criança, um horário separado, bonitinho. Você sabe que você tem que dar atenção, tem que dar carinho, não é simplesmente você tem lá e tá largado, não! Você tem uma disciplina, você tem que cuidar. Antes de sair de casa, você sabe que tem que deixar comida, tem que dar água, brincar. A casa, você tem que tá toda hora limpando, que não é a mesma coisa.

C: Eles soltam muito pelo?

P4: Ele tá soltando muito agora, mas é por causa do calor, normalmente eles não soltam tanto não. É uma raça também que não solta... apesar de ser fofa de pelo (risos), eles não soltam muito pelo não, mas é por causa do calor eles soltam bastante. Então você tem que varrer a casa todo dia pra tirar os pelos, passar pano úmido, aquela coisa... mas você acostuma, porque é o legal de ter junto, você tem que ser um pouco também... agora nem tanto, porque eles são maiores, mas eles vão destruir alguma coisa na sua casa, é fato. Você tem que aceitar. Quem não tem cachorro às vezes não aceita muito essa coisa de... vai moer... vai destruir almofada, vai destruir pé de sofá, isso você tem que aceitar, faz parte da brincadeira. Mas é legal, é divertido.

C: E como que você descreveria a personalidade dos dois? É até legal você ter dois cachorros, assim, como você diferencia os dois no sentido da personalidade, as diferenças deles, as qualidades que um tem que o outro tenha ou não, e defeitos...

P4: A gente tem diferenças bem assim, até por conta da pequeninha [cachorra poodle mini da mãe da participante], porque essa aqui é literalmente baixinha invocada. Ela invoca com todo mundo, avança em todo mundo e briga com todo mundo, e os outros dois não, a gente brinca assim, eles são literalmente dois bundões (risos).

C: (Risos) Apesar de serem maiores..

P4: É. Eles são muito tranquilos. Ela é bem mais mansa do que ela; ela é mais, tipo assim, mansa no sentido de ela é mais obediente, mais regradinha. Ele, por outro lado, ele é muito, muito, muito... bundão mesmo (risos). No sentido assim, você brigou com ele, o cachorro [Laio] some; essa aqui [cachorra da mãe da participante] rosna pra ele, o cachorro [Laio] some, o cachorro desaparece. Então, qualquer briga, qualquer coisa, ele é muito, sabe aquela coisa, muito certinha. Ela [Tequila] não, ela é já um pouco mais invocada, ela já tem uma personalidade mais forte, ela já se impõe um pouco mais, tanto que ela... ela manda no casal, ela é muito mais assim. Mas é muito legal de ver, essa coisa que a gente percebeu, eles formam um casal-casal mesmo, é muito bonitinho. Em casa os dois deitam um do lado

do outro; vão comer, os dois comem juntos, o que não é comum pra cachorro, né, cachorro geralmente come um depois come o outro, porque eles brigam, tem pote separado, alguma coisa assim, eles não. Quando a gente dá comida junto, os dois comem ao mesmo tempo juntos; água, os dois bebem água juntos! Então é bem bonitinho porque eles têm uma coisa de companheirismo bem fofa assim que... a gente vê que é bem aquela coisa de: se a gente sai pra passear só com um, ele principalmente, ele não gosta de passear sozinho; ele rosna, ele quer voltar pra casa, porque ela não foi. Ela é mais, tipo assim, ãvai, não to muito aí, não to muito preocupada com ele, mas eles têm uma coisa de estarem juntos, tal, que é... que não é... às vezes, é comum em cachorro, mas não é tanto, a gente não vê tanto assim, né, você vê que eles são bem juntinhos, bem companheiros, isso é bem legal.

C: E bom, até já observei que eles chamam a atenção de qualquer um, né, [várias pessoas se aproximavam para acariciá-los e até para tirar foto dos dois], mas de modo geral você consegue perceber algum padrão das pessoas que costumam querer mais tirar as fotos, chegar perto, tem alguma similaridade nas pessoas ou, de modo geral, todo mundo gosta?

P4: É, eles tem uma coisa meio que todo mundo (risos), mas é muito coisa de questão de criança, criança gosta mais, você vê que brinca mais. Geralmente adulto que já tem cachorro já... ou que já teve... tem umas pessoas que são mais... resistentes. Até porque tem um pouco o fator que o tamanho deles assusta, né, quem vê o tamanho deles pensa que são cachorros... e ele com esse latido parece que é um cachorro bravo, então ele assusta. Então às vezes algumas pessoas... mas em geral todo mundo quer brincar... que ele é muito tranquilo, né. Aí você pega uma criança pequenininha que vai brincar com ele, vê que ele é manso, aí todo mundo quer brincar, né

C: E em casa onde eles costumam dormir? As manias e costumes que eles têm? Usam roupinhas e acessórios? Como que é isso?

P4: É, por causa de eles serem muito peludos, eles não dormem em cama, não dormem em nada, eles dormem no chão mesmo, eles escolhem o lugar mais gelado da casa pra dormirem mesmo. Hoje a gente acabou adaptando um pouco, depois que ele [Laio] veio, porque quando era só ela a gente tinha um espaço razoavelmente suficiente, agora ficou um pouquinho menorzinho (risos) o espaço porque ele é meio grandinho, né, pra não dizer outra coisa, é... pra não dizer enorme (risos), ele é meio grandinho. Então que a gente meio que adaptou o hall de casa que é passagem do quintal pra garagem, pro jardim da frente, é um vão livre que fica pra eles trafegarem. E a noite, quando a gente fecha a porta pra rua, eles dormem ali, porque é um lugar mais fresquinho, mais tranquilinho, que eles trafegam. Mas num geral, quando a gente tá em casa, a casa tá aberta, eles trafegam por todos os cômodos sem problema nenhum, não tem restrição nenhuma, tal, e eles... por conta da raça, é um cachorro que não faz muita bagunça, ele já tá numa idade que não faz bagunça. Tem alguns objetos que em particular chamam atenção de um ou de outro, que eles

gostam, por exemplo, ela gosta de tirar zipper da almofada. Mas tendo almofada sem zipper em casa, não tem problema (risos), ela não morde nada, ela não vai... então minha casa é toda cheia de bibelozinho e eles não fazem nada. A única preocupação é com o rabo mesmo que às vezes o rabo sai derrubando coisa, mas eles, num geral, não fazem nada. Mesmo você cozinhando, comendo... você tem que tomar um pouco cuidado, óbvio, você não vai deixar um pedaço de bife em cima da mesa, né, não tem como (risos), cachorros também não são de ferro. Mas num geral eles andam sem fazer bagunça, sem nada.

C: Então mania mesmo mais ela que tem essa coisa com o zipper?

P4: É, com o zipper de almofada. Ele... tá certo que ele tá há pouco tempo, a gente não... ele tem brinquedinho. Isso eles tem, bola, tal, mas o engraçado é que o brinquedo favorito deles é garrafa pet.

C: Então, coisas básicas?

P4: É, você dá uma garrafa pet, eles destroem a garrafa e não destrói a casa, digamos assim. Eu sempre brincava até quando ela era menorzinha, se você deixar o cachorro sem brinquedo aí ele vai brincar com suas coisas da sua casa, mas enquanto eles tiverem um brinquedo, é tranquilinho.

C: E o que os dois representam na sua vida, pra você?

P4: Eles são parte da família pra mim, é família! Tanto que a gente viaja muito, geralmente eles viajam muito. Eu brinco que o carro tem lugar pros dois. Agora a gente tá sofrendo um pouco mais, né, por causa dele, mas antes pra qualquer lugar que a gente ia, eles iam juntos. Família mesmo!

C: Você comentou comigo um pouco, antes da gente vir aqui, né, conversar [antes de começar a gravação da entrevista], que você já teve outros cachorros, outros animais de estimação, eu queria que você me contasse quando e como foi a experiência com os outros.

P4: Na verdade, depois que eu fui morar sozinha... eu sempre tive passarinho, essas coisas eu sempre tive. Mas morando sozinha mesmo só tive um outro collie que já era meu desde que ele nasceu também, então nasceu na casa dos meus pais. Agora, eu fui criada em casa e, tipo assim, sempre tive cachorro, meus pais... cachorro, papagaio, periquito, galinha, coelho, (risos) tudo que uma criança tem direito de brincar eu já tive em casa, então essa coisa eu sempre tive desde pequena. Então pra mim, ter um bichinho de estimação, uma coisa pra você brincar, tal, eu sempre tive. E eu acho legal, porque até te ajuda a saber educar, a saber criar, aquela coisa de ter que limpar, obrigação, tal.

C: E em relação aos outros animais que você teve, você percebe alguma diferença em relação aos dois de agora em relação aos outros? Especialmente cachorros assim, alguma diferença?

P4: A principal diferença é que ela é primeira vez que ela é minha, totalmente minha, no sentido de: eu comprei ela com 2 meses, ela tá crescendo na minha casa e eu sozinha eu

com ele [namorado/marido], né... que antes, toda vida eu morei com os meus pais, então questão de, quem cuidou foi minha mãe, quem brincava era a minha mãe, então essas coisas diferentes. Agora não, agora ela é totalmente minha, a principal diferença é essa.

C: E como é a sua relação com eles e eles com você, com a sua família, como é a relação deles?

P4: Ah, todo mundo na família adora cachorros. Meus pais moram em Curitiba e toda a vez que eu vou pra Curitiba ela [Tequila] viaja, desde bebezinha sempre viajou, e a gente tá ensaiando pra ver se a gente leva ele [Laio] pra fazer uma experiência, que meus pais também tem cachorro então eu tenho medo de [cachorra poodle mini rosna pra uma pessoa que passa, interrompendo a fala]. Então, tipo assim, e essa mesma convivência. Essa aqui [poodle mini] é o xodó da vida da minha mãe. Minha mãe vai viajar, ela primeiro pergunta do cachorro e depois pergunta como meu pai tá (risos), então... então, tipo assim, família sempre gostou bastante, e mesmo a família dele, todo mundo adora cachorro, adora! A filha dele [namorado/marido] tá fazendo veterinária, então é apaixonada, ainda mais por eles que são super mansos, super bonitinhos. E tem aquela coisa de ser obediente: mandar o cachorro sentar, o cachorro senta; mandar ele dar a patinha, ele dá a patinha; então fica aquela coisinha fofinha, aí que as pessoas gostam, né. Aí todo mundo gosta.

C: E quem cuida deles de maneira geral: levar pra passear, banho, alimentação? Você acha que quem costuma fazer mais isso pra eles, eles têm uma relação diferenciada com essa pessoa?

P4: Tem, tem, tem. Não sei se tanto questão de... dar comida. Porque dar comida a gente tem uma coisa de, por exemplo, a gente tá igual, a gente meio que divide essa coisa de comida. Passear ele [namorado/marido] passeia um pouco mais do que eu, mas eles obedecem muito mais ele [namorado/marido] do que eu. Voz ativa de ãmandou-obedeceuò Eles até me obedecem, mas depois do terceiro berro; ele, no primeiro, já sentaram, já abaixaram o funcinho, já saíram, então acho que isso tem sim. Eu vejo por ela pequeninha e pelos cachorros, de todos os cachorros que eu já tive na casa dos meus pais e tudo, eles escolhem uma pessoa pra obedecer. Minha mãe tem um chow-chow e o chow-chow obedece meu pai.

C: Fora esse [poodle mini]...

P4: Fora esse, eles tem o chow-chow. Meu pai mandou, o chow-chow obedece; minha mãe mandou, ele olha com aquela cara tipo assim ãvou ter que obedecerò mas vai. Mas eles geralmente escolhem uma pessoa sim, acho que tem isso.

C: E quando eles dois estão chateados, desanimados, quem eles costumam buscar e como você se sente em relação a essa busca que eles fazem?

P4: É... é difícil você ver eles chateados. Eles são carentes, no sentido de que precisam de carinho, são dois cachorros que você tem que dar carinho todo tempo, toda hora você tem

que brincar com eles, então acho que eles não têm muito essa coisa de... você chega em casa, tem que brincar, tem que fazer carinho. Por exemplo, a gente sentou no sofá, alguma coisa assim, ele [Laio] às vezes procura mais ele [namorado/marido], ela [Tequila] às vezes me procura mais no sentido de deitar no meu pé, querer um pouco mais de agrado, mas é mais assim, nesse sentido. Mas num geral elas não... essa aqui não [poodle mini da mãe da participante], essa aqui é mais chatinha, essa aqui já me procura, ela dorme do meu lado, ela já tem mais...

C: Qual é o nome dela mesmo?

P4: Cherrie

C: E eles na rua, num geral, são então mais ou menos como foi aqui? As pessoas chegam e eles querem brincar?

P4: É, eles querem brincar, fazer bagunça. Ele [Laio] tem um pouco coisa com cachorro macho, ele ainda late um pouco, ainda não... porque ele ainda não tá muito acostumado ainda muito a sair... hoje é a primeira vez que a gente, desde que ele tá morando com ele, que a gente trouxe ele pra muvuca, pra ver como que era a reação dele. Ela não, ela não tá nem aí, ela quer brincar, e quer fazer bagunça com todo mundo. Ele ainda tá meio resistente com cachorros, agora com pessoa não, ele quer fazer farra.

C: E em relação a perdas, eu queria perguntar se você já perdeu alguém próximo, algum animal de estimação, né, que você comentou que já tinha tido um, e meio que conta pra mim comparativamente como são essas sensações de perda, de uma pessoa próxima, amigo, familiar, enfim, e uma perda de um animal de estimação.

P4: Eu acho que é muito parecido, porque ainda mais foram, por exemplo, o meu cachorro, eu convivi com ele 15 anos. Eu vi ele nascer, ele nasceu na casa dos meus pais, e ele morreu na casa dos meus pais. Eu acho assim, é muito parecido, porque você convive, uma coisa que tá do seu lado, você brinca, você vê crescer. Eu acho que é muito parecido. Chega a ser até uma mesma coisa, você perder um amigo, às vezes, e um parente. Que às vezes eles têm mais relação de afeto e mais próximos que muitos parentes, muitos amigos. Acho que é igual.

C: E o que você sente quando vê um cachorro que não seja o seu e quando você vê um animal de trabalho?

P4: (Pausa longa) É, eu acho que é uma coisa de sempre querer brincar, sempre ter essa... essa afeição. E eu acho legal mesmo trabalho, você pega cão-guia ou cão-policial mesmo. Eu acho que é legal quando você vê o cachorro... você imagina que ele está sendo bem tratado, que ele tem... não tem aquele cachorro que tá sendo mal cuidado, aquela coisa toda.

C: Você percebe alguma diferença na sensação que você tem ao olhar outros animais que não sejam o cão, mesmo um animal de trabalho de porte grande, talvez um cavalo, um boi, ou até mesmo outros animais de estimação, um gato; é diferente?

P4: Eu acho que cachorro tem uma coisa que... tem essa proximidade maior. Gato é um bicho independente, ele não tem essa relação de afeto tão próxima, apesar de ser um animal de estimação, não tem essa relação de afeto tão próxima. Cavalo talvez eu acho que tenha... você tem uma relação próxima também; quem tem, tem uma relação próxima. Agora os outros animais eu acho que não tem, é uma coisa mais... não tem esse contato físico tão grande como você tem com o cachorro, acho que isso faz uma diferença quando você olha, quando você pensa em relação a isso, por causa do contato físico mesmo.

C: E nesse sentido, então, quais as características que mais chamam a atenção pra você no cachorro de maneira genérica, assim, o que mais chama atenção em cachorros?

P4: Eu acho que cachorro é, tipo assim, eles são mais fiéis, no sentido de estar mais próximos; eles são mais companheiros. É... eles tem essa coisa de... de afeição mesmo, de carinho, de te dar atenção, de te dar carinho, e os outros bichos não tem tanto, gato tem menos e os outros bichos menos ainda. E o cachorro tem uma coisa interessante que ele pede carinho, né, e você dá carinho e ele pede carinho. Os outros bichos não tem muito isso, né; gato tem uma coisa de ser carente mas é mais difícil. Acho que isso é bem diferente.

C: E o que você acha que diferencia o ser humano (amigos, familiares que você tenha) dos dois, dos seus dois animais de estimação, e o que iguala e o que aproxima no sentido da relação que se tem?

P4: Tirando o fato que eles não falam e não bebem comigo no bar (risos), deixa eu pensar... é, acho que uma diferença é essa de ter essa questão de sair, dança, coisa de festa, isso é meio óbvio porque isso não dá pra fazer com eles, mas o que aproxima é essa questão de companheirismo mesmo, de fazer companhia, de estar sempre ali do lado, aquela coisa toda... os cachorros têm.

C: E quais seriam as vantagens e desvantagens, então, que você vê de se relacionar com o ser humano e de se relacionar com o cachorro?

P4: É quase a mesma né: cachorros não ficam bêbados (risos) e eles não falam. A diferença é justamente que eles não falam, você nunca viu um cachorro brigar com você, reclamar, xingar... e o ser humano num geral eles são grossos, são mal educados... não tem isso. Cachorro não magoa você na teoria, né, e o ser humano tem essa coisa.

C: E por que você acha que a relação, então, entre o ser humano e o animal de maneira geral se mantém? Essa questão de várias pessoas terem animais de estimação, porque você acha que acontece das pessoas quererem ter animais de estimação?

P4: Eu acho que tem um lado da solidão mesmo, das pessoas se sentirem sozinhas, tem o lado do... tem o afeto, o companheirismo. E... eu acho que tem isso, a questão do companheirismo mesmo, da solidão, das pessoas se sentirem sozinha mesmo e... que mais? E a carência que as próprias pessoas tem hoje em dia.

C: Essa pergunta agora, é meio que uma abstração...eu queria perguntar pra você uma imagem, que pode ser associada com uma obra de arte, um desenho, uma forma, uma imagem que pra você lembre os dois ou pode ser duas imagens no caso, separadamente, se ele te lembrar uma coisa e ela outra, uma coisa abstrata assim...

P4: Abstrata você quer, né? Éu acho que ele tem um pouco aquela coisa da r̃Dama e o Vagabundo, aquela coisa do romance, os dois bonitinhos, sabe? Eles tem isso... Imagem abstrata...

C: Alguma coisa que talvez tenha um significado semelhante ao que eles tem pra você assim?

P4: Deixa eu pensar. Essa é difícil, hein? (Pausa longa) Sei lá, acho que eles tem aquela coisa... cara de bolsa de viagem, mala de viagem, pra onde você vai, vai junto, tem aquela coisa assim, e eles têm isso...

C: Então uma mala de viagem?

P4: É, pra onde eu vou, eles têm que ir junto.

C: E a última pergunta, eu queria que você me contasse uma historia que já exista, ou enfim, que tenha uma mensagem semelhante a que eles trazem pra você?

P4: A gente tava falando a história da r̃Dama e o vagabundo, é legal, assim... é, porque o... a gente se espantou muito com a relação dos dois, surpreendeu a gente... a gente tinha receio que eles se entanhassem, porque apesar dela ser muito tranqüila, muito brincalhona, era mais medo dele com ela do que ela com ele. Mas eles se dão muito bem. E tem umas cenas em casa que a gente fica olhando assim r̃é muito fofo! tipo de um deitar em cima do outro, de os dois se beijando, muito queridinho! Os dois bebendo a água junto, de comerem juntos, então tem essa coisa do bonitinho... vira e mexe tem filme que mostra um cachorro apaixonado por outro e é bonitinho ver os dois juntos e isso eu acho que é legal. E a gente nota que é diferente o relacionamento que os dois têm juntos, então é bonitinho de ver...

C: Então pensando em tudo que a gente conversou, você queria acrescentar alguma coisa sobre ter os dois, sobre a relação do ser humano com o cachorro, algum comentário ou sugestão?

P4: É, eu acho importante as pessoas terem até pelo fato de... as relações com os animais elas te dão, assim... elas te tornam mais humano, pela afeição, pela troca de carinho, pelo... pelo bicho precisar de você, é uma coisa legal, né. É um ser que depende de você, então, por mais que você tenha filhos, qualquer coisa, é mais um, né, que é interessante você ter essa relação. Acho que mais isso.

PARTICIPANTE 5

Sexo: Feminino

Raça do cachorro: Schnauzer

Nome do cachorro: Mano

Camila: Primeiro, né, qual a raça e o nome dele?

Participante5: Ele se chama Mano, é um Schnauzer, tem um 1 ano e meio.

C: E como que era sua vida antes do Mano ter entrado nela, a importância dele pra você e pras pessoas a sua volta?

P5: Na verdade o Mano entrou na minha vida pra fazer uma substituição, né, porque... antes eu não queria cachorro, porque dava trabalho, eu morava em apartamento, e aí a minha filha ganhou do pai dela um cachorrinho, era um... aqueles pequeninhos, não lembro o nome, a raça dele, mas enfim, né, aí ele... ela tava levando ele pra passear, ele escapou da coleira, foi atropelado, aí ela viu tudo, foi traumático. Eu não conseguia mais voltar pra casa, porque a gente... ele tinha um ano que tava com a gente, né, e começou a se apegar, tudo, aí eu falava assim ãeu não quero mais voltar pra casa porque ele não vai mais pular em mimò.. aí falei ãnão quero ficar sem cachorro, não quero ficarò mas também não queria um parecido com ele. Aí fui atrás, aí encontrei um rapaz que tava vendendo uns filhotes dele... da mãe dele, aí eu cheguei lá, tal, ele [Mano] me escolheu, veio direto, e... é diferente, né, porque é um nenenzinho pra sempre.

C: O outro que você tinha era dessa raça?

P5: Não, o outro era um menor, ele era pequeninho... aí, agora eu não vou lembrar o nome da raça dele. Mas enfim, pesquisei na internet antes qual que era o temperamento...

C: Bom, você contou como ele entrou na sua vida, né, e aí eu queria saber sua reação imediata no ato de escolher, pegar um cachorro e na hora do escolher mesmo ele...

P5: Então, é, eu tinha pesquisado antes, porque assim, eu queria um cachorro pequeno, por causa do apartamento, mas eu não queria que ele fosse parecido com o anterior, né, aí pesquisei na internet, procurei saber como que era o temperamento, tal, porque minha família é muito grande, se reúne sempre, falei ãnão dá pra ser um cachorro anti-socialò Acaba que esse aí é o dono da casa, né, chega um e late muito e enfim. Mas aí eu fui, procurei naqueles... tem sites, né, próprios pra isso, aí o cara tava vendendo filhote, a primeira cria da cachorra dele, aí me comuniquei com ele, fui buscar do outro lado da cidade, aí chegou lá tinha 4, né. Eles soltou os 4, falou ãah, então, você escolheò aí ele [Mano] veio direto, eu falei ãnem vou escolher, né, é esseò(risos). Aí levei pra casa.

C: E então a escolha do sexo foi meio que porque...

P5: Foi porque ele quis, né, (risos) a gente nem escolheu.

C: E a escolha do nome, como que foi?

P5: Então, ele nasceu numa família de corinthiano, né (risos). E o Mano Menezes tava saindo do Corinthians e aí a gente fez uma homenagem pra ele (risos).

C: Entendi. E o outro chamava como?

P5: O outro era Max.

C: E como você descreveria a vida junto com o Mano pra alguém que nunca tivesse tido animal de estimação?

P5: Ah, é uma alegria, nossa... é muito gostoso. Ele brinca... é carinho gratuito, né. [Namorado chega neste momento segurando Mano na coleira e a participante explica pra ele quem sou eu. Ele deixa Mano conosco] Ela tá fazendo uma pesquisa, ela é estudante de psicologia. Calma, não vou te [Mano estava agitado] prender. Já nem me lembro o que eu tava falando (risos)...

C: Da vida junto a um animal pra alguém que nunca tivesse tido...

P5: É, ele é muito carinhoso, né, a gente faz... ele entende tudo que você fala, ele é... eu acho que é um amor incondicional, né, toda vez que você chega em casa, ele tá lá, ele beija, ele vem em cima, sem nada em troca, né, sem querer nada, só sua atenção. Eu acho que é um amor tão verdadeiro (risos) que é tão difícil achar com gente.

C: E como você descreveria a personalidade dele, né, qualidades e defeitos que ele tem?

P5: Ele é muito independente... só que ele é meio, como eu posso dizer... ele não gosta de criança, e... ele se sente meio que o dono do pedaço. Ele late muito, nossa, tem um latido escandaloso, mas adora bagunça. Então quer brincar, qualquer um que fala... ele é muito ativo, que mais? O problema dele é ser escandaloso.

C: Que tipo de pessoa... você comentou um pouco, ele não gosta de criança, né?

P5: Não, ele não gosta de criança, e assim... eu acho que ele tem uma preferência por homem. Eu acho que ele é meio troglodita, meio ogrinho (risos), ele gosta de brincadeira bruta. Ele gosta de jogar bola, gosta de lutar (risos)

C: E que tipo de pessoa costuma gostar mais dele, enfim, em termos da personalidade dele, que tipo de pessoas costumam achar ele mais legal?

P5: Então, ele se dá bem com o meu namorado, ele se dá bem com o meu cunhado... com os homens da família (risos)

C: E em casa, onde ele dorme, manias que ele tem, se ele usa roupinhas, acessórios, como que é?

P5: Não usa absolutamente nada, ele rasga tudo que ele ganha. Eu comecei assim rilha a roupinha, não sei o que ele rasga a roupinha, ele tira. Comprei chapeuzinho, a gravatinha que vem no pet shop, quando ele vai no banho, ele rasca tudo, não gosta de nada. Ele dorme comigo... ele tem um ritual, na verdade: ele deita comigo, aí de manhã eu saio pra

trabalhar, meu pai acorda, aí ele troca de cama. Ele sai da minha cama e vai pra cama da minha mãe. Aí fica lá com ela e deita a cabeça no travesseiro igual gente (risos).

C: E o que ele representa pra você, na sua vida? Como é a representação dele?

P5: Ai, é muito difícil... porque depois que eu tive cachorro, eu passei a... eu acho que minha visão mudou tanto. Porque foi por acaso, não foi uma escolha que eu tinha feito a princípio, né, aí virou uma necessidade de ter aquele cuidado. Você sabe que você tem que ter aquele cuidado, que ele depende totalmente de você. Minha filha ela já tá grande, já tá com 12 anos, ela já se vira sozinha (risos), ela não precisa de mim. É muito legal.

C: E você já teve... comentou que já teve o Max, além do Max você já teve outros animais de estimação, quando e como foi?

P5: Então, eu tinha... eu tive uma gata há uns 15 anos, só que eu, é, ela teve problemas psicológicos, o veterinário falou, porque ela ficava em casa trancada, não... eu não fiz a cruzada dela e ela ficou muito agressiva. E ela começou a atacar as pessoas dentro de casa. Uma vez eu tava dormindo, ela veio, me atacou e grudou no meu pescoço, foi o maior, né... aí a gente resolveu levar ela pra um sítio no interior pra ela ficar solta, né. Aí depois tivemos mais uma gatinha e ela até hoje mora com a gente, só que, assim, ela é da minha mãe, né. A gente nem, nem tem... gato é tão independente, né, que não vem atrás fazer carinho, não... é como se ela não morasse lá. A gente só percebe quando ela... que ela tem umas... ela estranha ele [Mano] e ele acha que ela tá brincando, aí ele vai pra cima dela, ela avança em cima dele, dá uns arranhões (risos), mas é... eu acho que bichinho que eu sinto meu mesmo assim é ele.

C: E em relação, aproveitando que você tava falando da gata que sua mãe tem, e outros animais que você teve, ao gato que teve anteriormente, ao Max, né, você percebe alguma diferença em relação ao Mano, como é comparativamente?

P5: Então, eu acho que o cuidado que eu tenho... acho que por conta das circunstâncias de como ele [Max] morreu, eu acho que eu tenho um cuidado muito maior e um medo muito maior de ficar sem ele [Mano] e como ele já tá há mais tempo do que o outro, eu acho que esse amor pra ele e esse cuidado é mais...

C: E como ele se relaciona com você, com seus familiares, com seu namorado, como é essa relação?

P5: Então, assim, eu tenho um... meu cunhado mora em Piracicaba, então ele vem de 15 em 15 dias pra cá. Quando vem é uma festa, ele [Mano] chora. Meu namorado também ficou um tempão sem ir lá em casa, quando ele voltou, nossa, ele fica... você vê a felicidade, o rabinho parece que vai cair de tanto que balança (risos). E é com todo mundo de casa... aí meu Deus, calma, Mano [um yorkshire se aproxima de Mano e ele tenta chegar perto e começa a latir] (risos). Ah, meu outro cachorro... qual é a raça dele [pergunta aos donos do yorkshire]? Ah, yorkshire, isso mesmo. Eu não lembrava o nome da raça.

C: Então, ah, agora me perdi. Ah, você tava falando da relação, né?

P5: Isso. Todo mundo que é de casa, ele chega, ele faz uma festa, ele pula em cima, e não sei o que... só que é só com quem é de casa.

C: Ah tá.

P5: Chega assim minhas tinas que vão lá poucas vezes, ele não, ele late, não quer deixar entrar. Minha vizinha outro dia levou uma mordida no bumbum (risos), foi muito engraçado. Meu cunhado chegou em casa, né, e assim, ele [Mano] é um doce pra gente, né, ele falou ãeu ri muito, a menina tocou a campainha, o Mano começou a latirò aí ela virou pra outra e falou ãcuidado que a fera ta soltaò (risos)

C: E quem cuida dele, né, alimentação, levar pra passear, dá banho? Ele tem uma relação diferenciada com a pessoa que faz isso com ele?

P5: Na verdade assim, ele toma banho no pet shop e já conhece, já sabe. Ele não gosta. Ele vê ela, já se encolhe, já meio que não quer. E às vezes a gente dá banho em casa, a gente fala ãvamos tomar banho, Manoò daí ele sai correndo, se esconde, não gosta de tomar banho, né, e... a minha mãe ela faz caminhada, né, então de manhã ele já ta assim condicionado, né. Ela fala ãchau, Manoò aí ele já vai, pega a coleira, puxa, trás, pra ela sair pra passear com ele. Aí o banheiro quem troca é a minha filha, porque ela é meio que a dona oficial, né, só que é a única função dela (risos) é trocar o banheiro dele na lavanderia.

C: Então é meio distribuído assim?

P5: É, cada um tem uma função lá.

C: E ele tem, de todo modo, alguma relação diferenciada com alguém?

P5: Então, eu acho que ele tem um cuidado muito grande com todo mundo da família, assim. A gente dá risada porque às vezes meu namorado chega e fala ãnão, não quero e não sei o queò e brinca assim de bater, ele [Mano] vai pra cima e quer morder. Ele protege, né, ele protege a gente, é muito engraçado. Ele vem e agarra e aperta. Aí você faz cóceguinha ele fica muito bravo com ele, tipo ãsoltaò né (risos)

C: E quando ele ta chateado, desanimado, quem ele busca? E como você se sente com essa busca que ele faz? Quem ele procura quando ta assim?

P5: Então, ele tende a se isolar e eu que procuro ele (risos): ãque foi? Que ta sentindo? Me falaò Mas ele costuma ficar sozinho. Eu acho que ele é meio mimadinho, ele sabe que eu vou atrás dele (risos)

C: E como ele é com outras pessoas, na rua, com visitas e como você se sente com essa postura dele?

P5: Escandaloso. Eu não gosto! Eu, aliás, falei pro meu namorado agora, falei ãoh, vamos sair maisò porque eu acho que ele fica muito tempo preso no apartamento, ele fica muito ansioso, então ele quer correr, sabe? Quando patina, assim, na rua. E aí... late pra todo mundo, mas eu acho que é muito mais pela ansiedade, o querer falar quando ele não ta na

casa dele ãolha, eu to aqui!ò do que ser agressivo. Só que eu tenho medo, né. Porque assim, ele brinca comigo, ele me morde, mas eu sei, né. Eu tenho medo porque tem criança pequena e aí vem direto ãai, que bonitinhoò abaixa, e eu tenho medo dele machucar, porque ele é meio... as brincadeiras são muito brutas (risos).

C: E em relação a perdas, queria perguntar pra você se você já perdeu alguém próximo (familiar, amigo) e algum animal de estimação que, no caso, você comentou do Max. Queria que você descrevesse um pouco essas sensações de perda, assim, comparativamente, uma pessoa próxima e com um animal de estimação.

P5: Ah, na verdade eu virei piada no trabalho, né, quando meu cachorro morreu. Eu sou professora, né, e aí ele morreu num domingo à noite e segunda feira trabalhar, eu chorava. ãO que aconteceu? Você ta tão abatida?ò ãGente, o meu cachorro morreuòe eu chorava, eu não conseguia falar, né. Aí todo mundo ficou compadecido, ãai, nossa, coitadinhoò a minha primeira aula, eu entrei, 4ª série, ãprofessora, o que aconteceu?ò ãgente, o meu cachorro morreuòe as crianças tudo em volta, vieram me consolar. Só que foi passando o tempo, eu acho que fiquei uns 4, 5 dias muito mal, e o pessoal falava ãC., era um cachorro!ò (risos) e eu falava ãai gente, eu sei, mas é piorò (risos). Nossa, tem morte que você não sente tanto, Deus que me perdoe, mas é muito, é muito forte a relação que você tem com o cachorro, é um filho, né. A dor é muito grande. Eu tenho parente que não era tão próximo que eu perdi que não doeu tanto.

C: Aham. Você disse que ficou 1 ano com o Max, né?

P5: Foi

C: E antes você já tinha tido algum outro animal?

P5: Antes eu tinha a gata que a gente tinha feito uma doação pra uma senhora que mora num sitio no interior e, assim, eu fiquei triste também, apesar de toda a bagunça que foi, mas... não é igual. Perder, porque foi traumático demais, minha filha ficou muito mal. Ela não sai até hoje pra passear nem com esse, ela tem medo dele escapar.

C: E o que você sente quando vê um outro cachorro que não seja o Mano e quando você vê outros tipos de animais como, por exemplo, animais de grande porte, de trabalho, cavalo, enfim... é diferente?

P5: Muito.

C: Como é essa visão?

P5: Na verdade, assim, eu antes, pra mim não fazia diferença, mas agora todo cachorro me chama atenção. É muito engraçado, porque antes de ter passava despercebido, né, depois ãnossa, que gracinha. Ai, como é diferenteò aí compara, né, ãai, que gracinha, é tão educadinho, o meu não é assimò (risos). Mas é bem legal, você faz até amizade depois.

C: E quando você vê um animal abandonado?

P5: Ai, dói. Nossa, que dó que dá. Eu acho que a gente fica muito mais sensibilizada, não sei.

C: Quando tem um animal de estimação?

P5: Quando tem um animal de estimação, eu acho.

C: E o que você sente por outros animais que não o cachorro? Pode ser outros animais de estimação, outros animais de maneira geral.

P5: Eu acho fofinho, ah, é bonitinho e tal, mas não é... eu acho que cachorro ele tem uma dinâmica muito legal com a gente, né. Brinca, eu não sei. Eu gosto bastante do cachorro.

C: E quais são as principais características, então, que você percebe de maneira geral nos cachorros, que te chama mais atenção?

P5: Eu acho que é até meio clichê, mas eu acho que é a fidelidade que ele tem, né. De ta sempre ali. Ele demonstra querer proteger o dono, ele demonstra gostar. Você vê isso de maneiras diferentes.

C: O que você acha que diferencia o ser humano do seu animal de estimação e o que iguala, em termos da relação que você mantém com as pessoas e com ele, como que é?

P5: Então, eu acho que o aspecto do carinho, do sentimento mesmo, é bem parecido com o que eu sinto dos meus entes mais próximos (risos). E eu acho que assim, essa relação de dependência que ele tem é o que acaba diferenciado. Ele precisa de mim, ele não consegue fazer determinadas coisas, ele não... eu acho que é o que mais, o que me vem à mente agora.

C: E quais as vantagens e desvantagens de se relacionar com o ser humano e se relacionar com o animal, comparativamente?

P5: Ah, mas o amor que o bichinho sente por você é verdadeiro (risos), nunca ouvi falar que um cachorro foi cínico, falso. Eu acho que é a maior vantagem, que você sabe que é de verdade, né.

C: E desvantagem, você consegue ver alguma?

P5: Talvez a dependência seja também uma desvantagem, porque ele depende totalmente de você. Se você não põe comida, ele não vai comer... outro dia eu resolvi lavar o banheiro, lavei com cândida, tudo, coloquei um pedaço de Bombril no chão, virei, quando voltei o Bombril não tava, aí corro pro veterinário, porque ele tinha comido Bombril com cândida e tive que fazer lavagem, nossa, passei o dia inteiro no veterinário.

C: E por que você acha que a relação entre o ser humano e o animal se mantém? As pessoas, né, tendo animais de estimação, o que mantém essa vontade de querer ter um animal de estimação?

P5: Ai... não sei. Eu acho que no meu caso, sabe, é o ter alguém pra você cuidar. Eu acho que é muito sincero esse carinho, né, ele vem, ele beija, ele lambe, e aí a gente fica tão feliz quando ele obedece ãah, sentaò ele senta, ãdá a patinhaò eu acho tão lindo! É tão

verdadeiro, porque a gente não consegue talvez perceber o amor de outras pessoas; as pessoas mascaram as coisas, né. Muitas vezes a pessoa não demonstra o que sente de verdade, quer dominar uma determinada situação, quer ter o controle de tudo, e você não tem isso com o bichinho, né, não tem essa máscara.

C: Então você acha que isso que mantém a vontade de ter? A sinceridade deles?

P5: Eu acho!

C: E assim, abstratamente pensando em uma imagem, assim, talvez uma forma, uma obra de arte, um desenho, enfim, que te vem à mente quando você pensa no Mano?

P5: Ai, eu sei, sabe do que eu penso? Nas obras do Romero Britto. Que é uma bagunça e é tudo muito colorido. Nossa, eu acho (risos). E ele tem esses desenhos de bichinho também, tem gato... eu acho legal.

C: E uma história que você conheça que você acha que tem uma mensagem por trás, não precisa ser necessariamente uma história que tenha cachorro, mas uma historia que tenha uma mensagem por trás que é uma mensagem semelhante a que o Mano te traz?

P5: Hum, essa é mais difícil... Nossa, essa eu não sei... ai... não sei. É que assim me veio agora um texto, eu até usei ele na escola. Era um ratinho que dizia pra vaquinha que tinha uma ratoeira, pra ela ajudar, mas ela ãh, o problema não é meu e tal, aí foi pedir pro porco, foi pedir pra não sei quem, ajuda, e ninguém quis ajudar porque o problema não era dele. Aí no final das contas o ratinho foi preso na ratoeira e a mulher pegou uma doença, acho, e ficou doente, e aí quando ela saiu do hospital o dono da fazenda resolveu dar uma festa porque a esposa tinha se curado, aí matou a vaca, matou o porco, pra fazer uma churrascada (risos), né, e aí no final das contas se um tivesse ajudado ao outro, se eles tivessem se comprometido a ajudar o ratinho, eles não tinham se dado mal. Mas é porque é relacionado a bichinho, não tem um... (risos)

C: Você acha que a mensagem dessa história não tem uma semelhança, talvez, com uma mensagem que o Mano te traga, assim, pelo que você entende dessa história?

P5: É, eu acho que... até a gente pode até fazer uma relação com a dependência. Da gente ajudar e em troca a gente recebe algo também, né. A gente cuida e recebe algo em troca.

C: Bom, já acabei minhas perguntas, só queria saber se você tem algum comentário, alguma sugestão, queria dizer alguma coisa sobre a relação do ser humano com o cachorro, enfim...

P5: Eu achei que ta bem completo, assim, a gente falou... é que eu também adoro falar (risos). Adorei seu tema, vou ficar curiosa! Depois você, por favor, coloque na internet pra gente poder ler (risos).

PARTICIPANTE 6

Sexo: Feminino

Raça do cachorro: Lhasa apso

Nome do cachorro: Flick

Camila: É Flick, né, que vocês [participante estava acompanhado de sua filha menor de idade] falaram?

Participante6: É, Flick

C: Eu queria perguntar como era a vida da senhora antes do Flick ter entrado nela, a importância dele pra você e pras pessoas da sua volta?

P6: Deixa ela responder, pode ser?

C: Ta, tudo bem, se vocês puderem responder juntas. É que no caso ela é menor de idade, aí tem...

P6: Não, tudo bem.

C: Mas se vocês quiserem falar juntas.

P6: Aham. Fala, B.

FP6 [Filha da Participante6]: É porque mora eu, a minha mãe e o meu irmão, né. Antes do Flick, a nossa casa era mais triste, né, aí agora é mais agitada também (risos). Porque ele fica correndo assim, ele fica meio louco. Ah, eu acho que cachorro traz mais felicidade.

C: Ah sim, e a importância dele como que a senhora vê, pra senhora?

P6: Pra mim é só despesa (risos), né. Não, trouxe felicidade sim pro ambiente, mas trouxe é bastante despesa, bastante trabalho, mas vale a pena, né, vale a pena. É que eles ficam mais em casa, né, eu fico mais ausente, porque eu trabalho, estudo, então eles ficam mais com ele.

C: Sei. E como foi a entrada do Flick na vida da senhora, onde a senhora tava e com quem? Como foi a escolha dele?

P6: Ah, então, ele era da minha irmã e a minha irmã tem uma fêmea da mesma raça que ele, só que a casa dela era pequena e aí ela não queria mais, aí ela ficou me ligando ñvocê não quer esse cachorro? Você não quer esse cachorro? Se não eu vou colocar na internet que eu vou anunciar pra vender, aí eu falei ñah, eu vou, aí a gente ficou com ele pra não deixar ele vender, né, gente estranha, a gente nem sabe pra onde ele ia.

C: Quantos anos ele tem?

P6: Ele tem 5 meses

C: E qual é essa raça?

P6: É lhasa... lhasa apso

C: E como foi a sua reação imediata, então, né, diante dessa...

P6: Então, no final do ano ele já tinha ido pra minha casa ficar uns 15 dias lá, porque minha irmã tinha ido viajar. Aí ela falou ãh, fica com ele pra mim, aí eu fiquei 15 dias com ele, aí foi meio turbulento, porque muda a rotina de casa, né. Aí eu não via a hora dele ir embora. Aí quando ela falou que ela ia querer e eles, minha irmã mora perto da minha casa, né, e eles são muito apegados no cachorro. Aí eu falei ãh não, eu vou ficar com ele então, aí eu fiquei com ele. Mas minha reação, assim, primeira coisa foi ãh, não, vou querer ficar com ele. Depois você vende, a gente não vê mais ele, aí a gente acabou ficando com ele.

C: E a escolha da raça, do sexo, do nome?

P6: É, foi tudo por ela [irmã], porque ela já tinha uma fêmea, né.

C: E o nome Flick?

P6: O nome Flick porque a outra chama Dot, e é aquele desenho das formiguinhas, Dot e Flick, sabe? Então ele ficou Flick, porque a dela chamava Dot.

C: E como você descreveria a vida junto do Flick pra alguém que nunca tivesse tido animal de estimação?

P6: Ah, é muito bom, né, porque você troca energia, né, com o cachorro, com o animal, depende... acho que com cachorro, com gato, você tem mais contato, assim, mas eu acho que qualquer animal dentro de casa você acaba trocando suas energias, porque assim... você não pode brigar, dá uns tapas no cachorro, que nem, nele eu dou, porque ele vai lá na minha casa, ele faz xixi lá dentro. Eu brigo com ele (risos). Mas assim, quando chega do trabalho ele faz a maior festa, então assim, a gente troca uma energia mesmo, você acaba trocando essa energia, porque ele traz felicidade mesmo pro ambiente. Pelo menos eu gosto, né, depende de cada pessoa. Tem gente que não gosta de cachorro, não gosta de animal nenhum. Eu já não, gosto de cachorro, gosto de natureza, gosto de planta, então pra mim ele foi bem vindo na minha casa.

C: E como você descreveria a personalidade dele, as qualidades e defeitos que ele tem?

P6: Ah, ele é arteiro. É porque ele ainda é filhote ainda. Eu acho que ele é fiel a nós, ele não avança em nenhum de nós. A F. [filha] falou hoje ãh, ele parece sua sombra, porque onde eu vou, ele vai em trás lá em casa. E o problema dele é que ele é desobediente. Faz xixi dentro da minha casa, por mais que eu fale, e ele sabe que tá fazendo errado, porque eu pego o chinelo e ele sai correndo. Eu falo ãh não pode, eu pego o chinelo e ele sai correndo. Mas assim, não tenho muito que reclamar dele não. Ele é bonzinho.

FP6: É, também um dia... mas ele é bravo.

C: Ele é bravo?

P6: Não, ele assim, mas ele chega perto e ele não avança no cachorro, sei lá.

C: É mais assim com outros cachorros?

P6: É, com outros cachorros

FP6: E também teve um dia que a minha mãe abriu a porta, que ele tava lá dentro e minha mãe tava lavando o quintal, ela abriu a porta, e ele esqueceu o portão aberto, aí ele foi lá pra cima e na minha casa tem outro portão em cima, né. Aí o outro portão tava aberto, só que o vizinho, que mora dentro também, tava lavando o carro. Ele não teve coragem de fugir. Ele também ficou com medo da mangueira (risos)

C: Entendi. Ele poderia ter fugido e não fugiu?

FP6: É. Ele ficou sentado esperando alguém (risos). Mas ele é engraçado.

C: E que tipo de pessoa, a senhora acabou de falar da personalidade dele, que tipo de pessoa que a senhora acha que gostaria mais da presença dele, da companhia dele e que tipo de pessoa já se incomodaria mais, já não gostaria tanto?

P6: Eu acho que pessoas mais intolerantes que não toleram de animais, né, que não gostam da sujeira, da despesa. Porque acaba dando, principalmente despesa, sujeira também, porque da mesma forma, ele saiu da casa da minha irmã, lá ele já tinha um ritmo, ele foi pra minha casa, lá ele tem outro ritmo. Então até ele se adaptar a esse novo ritmo, é difícil pra ele também. É difícil pra nós, mas também pro animal também é. E eu acho que as pessoas mais intolerantes não se dão mais bem com os animais.

C: Mas com ele, especificamente, a senhora acha que tem alguma coisa em relação a características que ele tem assim?

P6: Não, acho que não, porque ele é bonzinho. Ele não morde, não avança.

C: Sei. E em casa onde que ele dorme, as manias e os costumes dele, e se ele usa roupinha, acessório, como que é?

P6: Em casa ele tem uma casinha lá dele no quintal, com as coisinhas dele, ele gosta bastante de brincar lá, ele gosta bastante de brinquedo, sabe, a gente abre a porta, ele tá com o brinquedo na boca assim olhando pra gente. E quando a gente tá durante o dia em casa, ele fica dentro de casa com a gente, com a porta aberta, vai lá, entra e sai, entra e sai, ele tem livre arbítrio, mas assim, quando ele faz xixi, aí eu brigo com ele. Aí acabo colocando ele pra fora. Mas ele dorme lá fora de casa, não dorme dentro de casa não.

C: E ele usa roupa, acessório, como é isso?

P6: Não, ele dorme... porque o quintal da minha casa é bem grande, então ele fica solto.

C: Mas roupinha, acessório, vocês não costumam colocar?

P6: Não, porque... é, no frio ele até tinha uma roupa de frio, mas agora não, porque ele é muito peludo.

C: Mas ele se incomoda assim com a roupa?

P6: Não, não. Ele fica numa boa.

FP6: Mas quando ele foi no veterinário, ele não gosta muito, ele ficava tirando com as patas. Igual um dia quando ele era bem bebezinho, a minha mãe colocou uma xuxinha nele, né, aí

ele ainda era da minha tia, e a cachorrinha dela, ela colocou, e ele parecia uma menininha, ficou muito bonitinho. Mas aí ele começou a tirar com as patas.

P6: Mas ele, às vezes, que nem, quando tá chovendo eu deixo ele preso na coleira, porque ele fica na chuva, né, mas ele fica numa boa na coleira também. Ele não fica chorando, tentando tirar, nada.

C: Então dormir ele dorme fora de casa, mas, de modo geral, ele tem acesso a casa?

P6: É, ele tem acesso durante o dia, mas a noite ele dorme no quintal.

C: E o que o Flick representa então pra você na sua vida?

P6: Ah, uma alegria mesmo. Veio trazer uma alegria pra minha casa. Eu comprei ele, fiquei com ele, justamente por causa das crianças, porque se eu não tivesse filho eu não ficaria com ele. Porque imagina, ainda eles [filhos] ficam na parte de tarde em casa, então acaba dando atenção pra eles. Porque teve uma época eu tive um poodle, e a gente ficava o dia inteiro fora de casa, né, e esse poodle ele chorava o dia inteiro, minha vizinha falava. Até acabei dando ele por causa disso, porque eu morria de dó dele. Eu saía pra trabalhar, ele chorava; a gente saía pra algum lugar no final de semana, ele chorava; então ele era muito carente. Acabei dando ele por causa disso. Mas assim, que nem eu te falei, eu comprei ele [Flick] porque meus filhos ficam meio período em casa, agora se fosse pra deixar sozinho...

C: A senhora tem ela [filha] e mais um?

P6: Mais um filho

C: Mais novo ou mais velho?

P6: Mais novo. Tem 8 anos.

FP6: Mas o outro cachorro que a gente tinha ele era muito bonzinho, ele não fazia xixi dentro de casa.

C: E o que aconteceu com esse outro cachorro?

P6: Então, eu dei pra uma amiga minha, aí também ele acabou morrendo na época assim...

C: Ele já era velinho?

P6: Não, ele era filhote também, ele tinha uns 9 meses, mas acontece que o pai dela tinha um pastor, um cachorro grande, e aí ela acabou indo na casa do pai dela e o cachorro mordeu ele, aí furo o pulmãozinho dele, aí ele acabou falecendo. Mas assim, Flick veio trazer a felicidade pra nossa casa.

C: E você tava me contando desse outro animal que você teve, né, você teve outros animais além desse, ou esse mesmo que a senhora disse que teve, como foi? Conta um pouquinho assim...

P6: Ah, ele era bem bonzinho mesmo...

C: Era da mesma raça?

P6: Não era poodle. Ele era bem bonzinho. Também, veio trazer... eu ganhei esse cachorro do meu irmão, ele deu pro meu filho de aniversário e ah, ele era bonzinho também. Ainda que quando a gente deu ele, a gente sentiu bastante.

FP6: Ah, eu fiquei triste.

P6: E eu tive cachorro, eu sempre tive animais. Minha mãe tinha canil quando eu era solteira, quando morava com ela. Então na minha casa sempre teve cachorro, sempre teve cachorro.

C: E em relação então a esses outros animais que a senhora teve, a senhora consegue perceber alguma diferença em relação ao Flick pros outros? As diferenças, como que são?

P6: Ah, que nem, tinha uma cachorra nossa que era, de quando eu morava com a minha mãe, ela chamava Cherrie. Ela era muito arisca, muito arisca, assim, você não podia nem olhar pra ela que ela era arisca. E a vó dela [da filha, portanto mãe da participante] tem uma cachorra assim; Nadia, né. Você não pode nem olhar pra cachorra que a cachorra... e essa Cherrie ela era muito arisca. Tanto é que uma vez ela tava numa varanda, e minha casa era bem alta, um sobrado, e um pedreiro tava reformando a varanda, e aí ela tava na varanda e o pedreiro entrou; ela se jogou de tão arisca que ela era. Ela se jogou, de tão arisca que ela era, se jogou. Ela era demais. Mas ela não morreu, nada, ela se machucou, tudo, aí ficou alguns dias internada, mas ela era muito arisca. E tinha vários tipos de cachorro lá, né. Tinha um pastor alemão da minha mãe também que ele era muito amoroso, mas tinha outra que ela era também meio órrrô(rosnado), sabe assim, então...

FP6: A que a minha outra tia tem, eu não gosto muito dela, porque também ela é muito mimada, tudo que ela vê e começa a cheirar no mercado, ela compra. E também porque eu não quero que o Flick fique que nem ela porque a gente vai passar a mão nela, ela rosna, você já tem que sair de perto, se não ela morde, te machuca toda. Então não dá pra aproveitar muito o cachorro. Ele tem que saber que a hora que você brincar com ele, é a hora que você quer; a hora que ele tem que ir pra lá, tudo na hora que ele quer, não que nem ela que é tudo na hora que ela quer. Ela dorme até na cama; na cama que meus tios dormem.

C: E a relação do Flick com a senhora, com seus filhos, com a sua família de maneira geral e dele com vocês também, como que é?

P6: Ah, acho que é bem rica, viu. Eu vejo que até meus dois filhos eles não estão brigando mais. Porque não sei, o cachorro além de trazer alegria, ele também traz aquela parte de carinho, sabe, de ser amoroso, que nem eles, vivem pegando no colo ãi, te amo. Então, assim, você acaba resgatando a parte sentimental, que hoje, na sociedade, tá muito esquecida, né, então pra mim foi bom.

C: E quem costuma cuidar dele no sentido de alimentar, levar pra passear, banho?

P6: É, banho sou eu que dou, mas assim, de colocar comida, água, limpar o cocô, são eles [filhos].

FP6: É, mas eu que troco mais a comida. Toda hora eu vou lá ver se ele tem água, porque o negocinho dele é de colocar a garrafa, mas eu coloquei uma vez e eu acho que ele não tava gostando muito da água, porque a água tava ficando, tipo, estragando. Aí eu tirei de novo, porque é melhor dá água fresquinha que o cachorro gosta mais.

C: E a senhora nota uma relação diferenciada dele com alguém na família assim por algum motivo, sei lá, alguém que dá comida, que dá banho, ele costuma ter uma relação diferente?

P6: Não, que nem eu falei pra você, que quando eu to em casa ele fica atrás de mim. Até ela [filha] fala mãe, ele te ama, porque ele só vai atrás de você, mas eu não sei por que com eles não. Às vezes que nem, de manhã, quando eu abro a porta, os dois estão na porta assim, ele passa entre os dois e vem até mim. Mas acho que não, não sei...

C: E quando o Flick tá desanimado, chateado, quem ele costuma buscar ou como ele costuma agir e como a senhora se sente em relação a essa busca?

FP6: Ele fica pulando em cima de nós, mas, tipo, no dia do meu aniversário a minha mãe montou a minha piscina de plástico e todo mundo começou a molhar ele. Meu irmão pegou e colocou metade dele na piscina, aí minha mãe prendeu ele, e ele ficou o dia inteiro preso pra não ir na piscina. Eu acho que ele ficou triste, assim...

P6: Quando ele tá triste, assim, a porta da minha sala é aquela porta que abre a janela, sabe? Aí ele fica na porta. Fica lá pulando, fica colocando a cabeça. Mas ele não... o primeiro que for atender ele, ele aceita. Eu acho que não tem, assim, preferência.

C: Então quando ele fica chateado ele costuma ficar tentando chamar atenção?

P6: É, chamar a atenção, na porta lá.

C: E como ele costuma ser na rua com outras pessoas, com visita, e como a senhora se sente em relação a postura dele? Se sente a vontade, incomodada...

P6: Não, eu me sinto a vontade, mas também ele não avança, nada, ele também é bem receptivo.

FP6: Mas ele late demais, né, até um homem foi instalar um negócio na minha casa, ele latiu, latiu. Aí o homem sentou, ele cheirou só no sapato do homem e começou a brincar. É até engraçado.

C: Em relação a perdas, queria perguntar pra senhora se a senhora já perdeu alguém próximo, algum familiar, amigo, enfim, e se a senhora já perdeu algum animal de estimação, pra senhora me contar mais ou menos as sensações dessas perdas, diferenças e semelhanças que a senhora nota.

P6: Então assim, de perda que eu perdi foi meu padrasto, ele era casado com a minha mãe, né, ele teve um infarto fulminante e faleceu. Mas assim, ah, é muito difícil, né, você tá com

um ser humano, com um animal assim, do nada, vir a falecer. Difícil mesmo. Mas eu acho que você acaba superando, né, você tem que superar.

C: Mas a senhora acha que tem diferenças na perda de um animal e na perda de uma pessoa próxima?

P6: Depende de como você olha o animal, né, se você olhar o animal só como um animalzinho de estimação mesmo, ou então se você olhar ele como um ser vivo que faz parte da sua família, aí pode ter essa diferença. Se você vê o cachorro como um animal, você vai sentir um pouco e depois logo passa. Mas se você já faz mesmo, acha que o cachorro faz parte da sua família, aí sim, acho que você sente mais.

C: E a senhora já chegou a perder algum animal de estimação?

P6: Não, não, então, esse cachorrinho aí [o poodle], eu fiquei sentida quando eu fiquei sabendo, né, mas a minha amiga chorava tanto que eu vi que não tinha sido culpa dela, né, ela me contou, ela chorava tanto que ela idolatrava aquele cachorro. Eu fiquei meio sentida assim, mas daí logo passou também.

FP6: Quando a minha mãe deu, ela falou que tinha devolvido pro veterinário, né, porque se não eu ia ficar muito triste. Mas quando minha mãe deu, eu comecei a sentir muita falta dele, tipo, quando ele voltou pra casa da minha tia, o Flick, eu fiquei triste também, porque muda assim o ambiente que a gente vive.

C: E o que a senhora costuma sentir quando vê um cachorro que não seja o Flick e quando a senhora vê um animal de trabalho, enfim, um cavalo, um boi... as diferenças do olhar em relação a esses animais...

P6: Ai, dá dó, né, animal de trabalho. Cavalo, burro, essas coisas que fica puxando carga. Dá dó. Eu não gosto não. Até cachorro de rua quando a gente vê, que nem, nossa, eu trabalho na Marginal Pinheiro, no final mesmo da Marginal. Então todo dia a gente vê um cachorro atropelado. Todo dia. Porque cachorro que entra na Marginal, morre mesmo, então você fica chateada. Não gosto não. Eu fico chateada. Agora cachorro que tem uma vida boa igual esses aqui, passeando, tudo tem vida boa, né, agora você vai na periferia vê um monte de cachorro bem magro, sem alimentação, sem água, dá dó. E animal de trabalho também não gosto não.

C: E o que a senhora acha de outros animais de estimação? Gato, passarinho, enfim, iguana, outros animais de estimação...

P6: Não, eu até gosto, assim, de gato. Passarinho até gosto também, uma vez eu queria comprar um passarinho. Mas eu acho que não tem muita graça, porque não acaba tendo muito contato. Gato você até tem, né, mas eu acho que gato ele não é tão amigo que nem o cachorro, ele é mais na dele, assim, ele é mais ausente, eu acho. Agora, o passarinho fica lá na gaiola, então também... pra mim... o pai da minha irmã, nossa, ele tem um monte de passarinho, ele adora. Um monte de cachorro, adora animal.

C: E quais as principais características que a senhora repara em um cachorro, de maneira geral, que chama mais atenção pra senhora?

P6: Se ele é pequeno, grande?

C: É, quais as características que chamam atenção pra senhora em cachorros de maneira geral?

P6: Ah, eu gosto de cachorro dócil. Eu não gosto de cachorro bravo, não. Já fico longe. Porque ele tem um monte de dente, né. E ah, também não adianta você ter criança em casa e você ter um cachorro, um doberman, um pitbull, Deus me livre, né, pra mim não serve.

C: Mas assim, a espécie cachorro o que chama mais a atenção na senhora das características de cachorro genérico, assim, seria o que?

P6: A raça, você tá falando?

C: Não, de cachorro de maneira geral, cachorro, o que chama mais atenção na senhora?

P6: Ah tá. Eu acho que sei lá. A fidelidade deles com o ser humano. Com certeza. Que nem eu falei pra você, às vezes eu dou uns tapas nele, hoje mesmo já dei uns 3, só pego meu chinelo assim e jogo. Aí ele sai correndo. Mas como eu falei pra você, se eu chegar, se eu tipo sair sem ele e chegar agora na minha casa, ele vai fazer a maior festa. Então não é aquele animal que guarda rancor, que nem nós seres humanos. Então isso daí é o que diferencia muito.

C: É, até mesmo essa era minha próxima pergunta, o que a senhora acha que diferencia o ser humano do seu animal de estimação e o que iguala? Você falou do rancor, né...

P6: Do rancor, é, de ser irracional, porque o ser humano já é, né, cheio de maldade, cheio de rancor, de mágoa. O cachorro não tem nada disso, né... alguns, né, se pegar um pitbull aí, vai saber, né (risos)

C: E o que iguala? O que a senhora acha que iguala a relação que a senhora tem com o Flick com a relação com uma pessoa? O que é igual, assim, a essência?

P6: Ah, eu acho que é você ser receptivo com todo mundo. Eu acho que isso daí deveria fazer parte de todo ser humano. Que nem, você chegou, você falou "dá licença" se fosse uma pessoa grossa "não, não quero", sabe assim? Então eu acho que isso daí também é falta de educação, acho que isso daí deveria fazer parte de todo ser humano. O cachorro ele é receptivo, né, o ser humano deveria ser mais receptivo também.

C: E por que a senhora acha que a relação entre o ser humano e o animal de estimação se mantém, por que as pessoas continuam buscando ter animais de estimação, o que elas buscam?

P6: Eu acho que elas buscam o lado emocional mesmo. O cachorro ele traz a felicidade, ele mexe muito com o emocional das crianças, principalmente das crianças. Você pode ver, uma mulher ela não pode ter filho, o que ela vai buscar, ela vai buscar um cachorro. Entendeu, acho que é isso, o lado emocional mesmo das pessoas.

FP6: Eu também, deixo eu falar, o cachorro também muda a vida. Antes, quando eu ficava em casa, eu ficava o dia inteiro no computador. Agora eu nem sou muito assim. Eu ainda mexo, mas eu nem gosto muito agora.

C: Agora você fica mais com ele?

FP6: É, agora eu dou mais atenção pra ele do que pro computador.

C: Agora são as últimas duas perguntas... a primeira é assim: uma imagem que a senhora pensa, talvez uma forma, uma obra de arte, um desenho, alguma coisa assim, que a senhora consegue imaginar quando pensa no Flickr, no sentido de uma mensagem que tenha a imagem ou o significado que a imagem tem, similar ao significado que ele tem na vida da senhora?

P6: Um coração com ele no meio lá (risos)

C: Um coração?

P6: Com ele no meio... terrível (risos)

C: E uma história que a senhora conheça, enfim, não necessariamente que tenha animais de estimação, mas que tenha uma mensagem por trás da história que lembre pra senhora o Flickr, que lembre pra senhora a mensagem que o Flickr também traz na vida da senhora?

P6: Ah, tem um filme, aquele filme lá "Sempre ao seu lado"

C: "Sempre ao seu lado"

P6: É, esse filme é lindo

FP6: Porque ele não desgruda da gente.

P6: E aquele filme lá ele fala mesmo do cachorro, né, ficou 10 anos esperando o dono dele.

C: Então lembra mesmo por conta nesse sentido que a senhora estava falando de fidelidade?

P6: É, de fidelidade, é.

C: Bom, então eu já acabei minhas perguntas, queria saber se a senhora tem algum comentário, alguma sugestão, queria acrescentar alguma coisa.

P6: Não, não.

PARTICIPANTE 7

Sexo: Masculino

Raça do cachorro: Golden Retriever

Nome do cachorro: Luna

Camila: É, primeiro queria perguntar o nome dele, né, a idade dele.

Participante7: É dela. 5 meses, Luna.

C: Eu queria perguntar pra você como que era a sua vida antes da Luna ter entrado na sua vida e a importância dela pra você e pras pessoas a sua volta, como que essa importância vem?

P7: Uma coisa interessante é que ela em casa, principalmente com os nossos filhos, ela preenche um pouco também o tempo deles também, então é mais uma atividade e um passatempo pra eles. Então mudou até a relação interpessoal nossa. Foi muito bom.

C: E como que a Luna entrou na sua vida? Onde o senhor tava, com quem o senhor tava, como foi essa decisão de pegá-la?

P7: Foi assim, nós tínhamos uma resistência por ter animal em casa, eu e minha esposa, e... uma certa frustração de não poder viajar um dia com as crianças, a gente resolveu almoçar fora e nós estávamos saindo do restaurante ali no Vila Lobos, e acabamos vendo um cachorrinho, as crianças se apaixonaram e a gente, pelo coração, cedemos um pouco a eles e aí acabamos a Luna dentro de casa.

C: E foi a primeira cachorra que vocês tiveram, no caso?

P7: Foi, ela sim.

C: E como foi a escolha do sexo, da raça, do nome?

P7: Foi meio que nós achamos, mas a gente tinha preferência por fêmea, e tudo aquele dia veio a calhar. Encontramos a Luna, que é uma golden, e veio a calhar, porque tem um amigo que tinha um animal também desse, ele gostava muito de brincar, vinham pro parque. Esse meu amigo brincava com a cachorra, a Cacau, e acabou encontrando justo uma da mesma raça, tudo, fêmea também, aí acabaram se apaixonando e não teve jeito de dizer não.

C: E o nome foi por decisão de...

P7: Consenso da família (risos)

C: E tem relação com a alguma coisa?

P7: Não, não. No italiano, né, a tradução de Lua.

C: E como o senhor descreveria a vida junto de um animal de estimação pra alguém que nunca tivesse tido um animal?

P7: Eu, pela minha formação, eu digo assim, oh: quem tem que ter, tem que cuidar, tem que dar muito amor, carinho e condições adequadas. O que eu mais exigia era: se for ter, cuide bem! Porque filho a gente já tem também, não tem o que falar, mas pegar um menor, carência, qualquer coisa assim, mas assim: se tem, tem que cuidar bem! Tem que se dedicar, porque precisa disso!

C: E como o senhor descreveria a personalidade da Luna, as qualidades e os defeitos que o senhor nota nela?

P7: É jovem ainda, né, muito nova, 5 meses, mas eu vejo um animal que não late muito, tranquilo dentro da idade, com 5 meses poderia estar fazendo uma bagunça danada em

casa. Mas uma coisa interessante é que ela aprende muito rápido, ela aprende, ela sabe os limites e aprende muito os limites. Onde vai, não vai, você já fala com ela, ela atende. Então é muito interessante isso, a inteligência desse animal.

C: E que tipo de pessoa, pensando na personalidade da Luna, que tipo de pessoa tenderia a gostar mais dela ou a desgostar mais dela, em relação mesmo à personalidade dela assim.

P7: Ah, eu... eu sempre gostei de organização, né. Você ter uma coisa muito organizada com horários, tudo, não em função dela, mas até pra ela participar disso. Mas o importante da pessoa é que se dedique ao animal. Ter por ter pra mostrar, não. Pra tê-la bem e cuidar dela também, não deixar por conta.

C: Mas o senhor acha que tem algum tipo de pessoa que tenderia a gostar mais dela ou...?

P7: Não, pessoas tranquilas, sem muita brutalidade, eu acredito que tem que ser uma pessoa também que se goste, principalmente que se goste. Acho que é isso. Pra poder depois se dedicar um pouco aos animais, né. As pessoas mais tranquilas.

C: E em casa onde ela costuma dormir, se ela tem manias e costumes, se ela usa roupinha e acessórios, como que é?

P7: Não, não, roupinha e acessório não. De vez em quando querem colocar uma estrelinha na testa dela, mas assim, ela dorme na área gourmet da casa, na sacada, numa varandazinha, ela fica lá, e ela sabe que o limite dela é ali. Ela tem pouco acesso à casa, dentro do apartamento, ela fica mais na área gourmet.

C: Sei. Mas ela chega a entrar em casa?

P7: Só quando a gente permite, só quando a gente permite.

C: E ela tem manias assim que o senhor já consegue notar, mesmo ela sendo bastante jovem.

P7: Ela gosta de chamar a atenção, né, você sabe que ela nota, a hora que ela quer chamar a atenção, como ela começa a querer brincar, como ela pega o brinquedo e joga pra você. Assim, tem assim, essas manias dela assim. Ela chama a atenção quando ela quer sim. Pegar chinelo e meia se você deixa assim, ela... chama muito a atenção.

C: E o que ela representa pro senhor, na vida do senhor?

P7: É uma companhia, uma companhia. Vamos dizer assim, é você não tem tempo vago, né, você fala sim ãh, não tem o que fazer, mas você tem ela ali do lado, você assiste uma televisão, alguma coisa, ela vem pra perto, chama, dá uma deitadinha ali no canto, fica fazendo carinho. É um passatempo também, ocupa o tempo da gente.

C: E o senhor já tinha tido outros animais de estimação, né, quando e como foi a experiência?

P7: Não, não, nunca tive.

C: Nem na infância...?

P7: Não. Eu sou zootecnista, sempre mexi com animais, mas de estimação-estimação eu nunca tive. Nunca tive.

C: E como o senhor se relaciona com a Luna e ela com você, com a família do senhor, como é?

P7: Ela conhece cada um, já dá pra notar. Ela sabe a quem obedecer e ela conhece os pontos fracos e fortes de cada um, então se você deixar, ela domina. Então se você não se impuser a ela, ela toma conta, então ela respeita. Ela sabe quem é quem. Então minha filha mais nova, hoje ainda tá começando a querer mandar nela [Luna], mas muitas vezes ela [Luna] comanda minha filha. Mas o resto, o resto ela acata bem.

C: Certo. E normalmente quem cuida dela pra dar comida, levar pra passear, dá banho e se ela tem alguma relação diferenciada com essa pessoa.

P7: É um pouco de misto, mas sobra muito mais pra minha esposa. De final de semana a gente cuida, todo mundo cuida, os meninos também ajudam e todo mundo faz um pouco. Então não tem assim um vínculo especial com alguém. Então de vez em quando eu dou banho, meu filho mais velho dá banho, minha filha também ajuda, né, então não tem um específico, específico, mas... todo mundo faz um pouco.

C: Então a relação que ela tem, de modo geral, é igual com todos?

P7: É, é igual com todo mundo, não tem escolha.

C: E quando ela tá chateada, desanimada, como ela costuma agir, quem ela busca e como o senhor se sente em relação a essa busca que ela faça.

P7: Nunca notei isso. Nunca notei ela desanimada, pra ser sincero, quando alguém dá uma dura meio pesada nela, ela sente, é isso que eu digo, ela é muito inteligente. Então ela sente e fica quieta no canto lá, mas ela sabe que errou. Mas nunca vi ela assim desanimada, triste. Eu nunca vi. Sempre alegre, chamou pra brincar, tá pronta. Nunca tive esse problema.

C: E como ela costuma ser com outras pessoas, na rua, com visitas, como o senhor se sente em relação a postura dela?

P7: Ela é dada. Todo mundo brinca, chama, passa a mão, e gosta. Eu até estranho, porque normalmente as pessoas tem um certo receio de animal, né, e com ela não. Parece que ela não estranha ninguém, e brinca, chamou brinca, coça; criancinha pequena passa; ou mesmo quem tem cachorro gosta de parar e brincar e falar ñvamos conhecerõ mas é uma relação muito boa. Não estranha ninguém. Sempre transparente.

C: E o senhor se sente confortável com...?

P7: Muito, muito tranquilo.

C: E em relação a perdas, né, queria perguntar se o senhor já perdeu alguém próximo, se o senhor consegue pensar numa perda de alguém próximo, em relação a perda de um animal. As semelhanças e as diferenças que uma perda nesse sentido pode ter.

P7: Olha, você se apega, você se apega ao animal. E com certeza se você vem a perder, faz falta. Eu tive perdas de parentes muito próximos, até irmão, mas é... a gente sente que se apega tanto. Eu ainda não passei por essa experiência. Uma das preocupações nossas é isso, você se apega muito por até conviver com pessoas que já tiveram, e quando morre é uma coisa triste, quase que uma pessoa da família. Então eu ainda não passei por essa experiência, mas vivi de amigos que passaram por isso e realmente eles sentem muito, muito afeto, até tal ponto de colocar um outro animal no lugar pra poder suprir essa diferença. Eu não sei, eu também me apego um pouco. Não sei como vai ser.

C: O senhor então tem receio então em relação a...?

P7: (Risos) É, é, fica a dúvida, fica a dúvida. Mas é... com certeza falta vai fazer.

C: E o que o senhor sente quando vê outro cachorro que não seja a Luna e quando o senhor vê, por exemplo, algum animal de trabalho, cavalo, boi, animais de grande porte. Como que é esse olhar que o senhor tem pra esses animais, é diferente em relação ao olhar pra um cachorro?

P7: Não, assim, a minha formação é na área animal. E o que eu sempre defendi é assim: quem tem, tem que tratar e tratar bem. Não tem porque judiar. O que eu não aceito é alguém judiar ou maltratar. Então você tem que tratar bem. Eu amo todos, eu sou muito ligado a animais, então pra todo tipo. E a minha formação é essa área, então eu gosto muito de animais. Única coisa que eu não gosto é de ver maltratar, isso não.

C: E animais abandonados, no caso?

P7: Isso é terrível, né, isso é terrível. Terrível mesmo. A coisa triste do negócio.

C: E de maneira geral, em cachorros, quais são as principais características que chamam a atenção pro senhor, assim, em cachorros?

P7: Eu admiro muito a obediência, em setor de adestramento, a inteligência com que eles sentem o ambiente. Eu admiro muito essa inteligência do animal. É isso que eu mais gosto, quando eles obedecem, e como você consegue convergir também, né, e não ser o contrario, se deixar levar, né. Mas eu admiro muito assim, quando bem conduzido, explorar o lado bom dele, adestrando, trabalhando ele. O que eu mais admiro é a inteligência.

C: E o que o senhor acha que diferencia a relação que o senhor mantém com a Luna, no caso, e uma relação que o senhor mantém com amigos, familiares, enfim, em comparação as relações que você tem com as pessoas e com a Luna, o que iguala e o que diferencia as relações?

P7: Eu sinto ela diferente, porque... você tem, vamos dizer assim, ah... o animal tem assim, você se dedica a ele e tal, mas a pessoa você sempre tem um vai e volta, então você tem uma troca um pouco mais complexa de dedicação, de atenção. Que animal é uma coisa de carinho, uma coisa... eu não vejo muito paralelo. Tem sim aquilo de ta, a companhia, tudo, mas a relação pessoal ela é um pouco mais profunda.

C: Com animal, o senhor diz?

P7: É, é diferente, é muito diferente. Eu não compararia.

C: Então o senhor acha que a profundidade com o animal é maior com...?

P7: Não, não, não, não. A relação ser humano, ela é muito mais dinâmica, ela é muito mais completa. Com animal não, é uma coisa mais de tato, carinho. E com o ser humano não, é uma coisa mais complexa.

C: E quais as vantagens e desvantagens, nesse sentido, que o senhor encontra em se relacionar com o ser humano e com o animal de estimação?

P7: Eu diria que com o animal aqui a gente elimina muito estresse, desvia muito a atenção, pra você brincar, ocupar aquele tempo, não ficar pensando em outras coisas. Porque amplia muito o dia a dia, te tirar da rotina, essa é a diferença pra mim.

C: E o senhor acha que teria algum aspecto que igualaria?

P7: Não, não.

C: E o senhor então acredita que a relação entre o ser humano e o animal de estimação se mantém por quais motivos? O que mantém a sua relação com a Luna e o que mantém as outras pessoas continuando querer ter animais de estimação?

P7: Aquilo que eu te falei, o ocupar o tempo. O ser humano hoje tá virando uma máquina. Ele não se desliga nunca, não para nunca. Hoje, se você bobear, você trabalha 24h. É email, é celular, é tudo. E o que acontece que eu vejo na relação, todo mundo precisa de algo pra descarregar o fazer, pescar, praticar esporte, fazer tudo isso, e a preocupação de você ter um animal e ter que se dedicar a ele, alimentar, saber que ele depende de você, te ocupa o tempo. E aquele tempo que você tem vago, tá do teu lado, tá fazendo um carinho, tá sentado aqui, curtindo, já é algo diferente, você já sai um pouco da rotina, consegue te tirar um pouco da rotina.

C: Pensando assim, no sentido mais abstrato, o senhor consegue pensar numa imagem, talvez uma obra de arte, um desenho, uma forma, que o senhor se lembre ao pensar na Luna, no sentido que ela tem, no significado que ela tem pro senhor, alguma coisa simbólica?

P7: Não, não tem

C: Não consegue pensar?

P7: Não, não, não.

C: E uma história que tenha assim uma mensagem por trás que o senhor acredite que tem relação com a mensagem que a Luna traz pro senhor no dia a dia? Uma história que não necessariamente tenha animais envolvidos, mas que tenha uma mensagem por trás, que conte alguma coisa que o senhor consiga relacionar com o que a Luna traz na vida do senhor?

P7: O que eu vejo é quebra da rotina. Ela te permite quebrar a rotina. Aquela correria do dia a dia. Ela te faz parar e desacelerar. Então é isso que mais pega pra mim, que mais me ajuda, digamos assim. Principalmente em casa, a rotina das crianças, então eu vejo mais o desacelerar como sendo uma coisa que ajuda bastante a gente. Você sair da rotina e da correria do dia a dia.

C: Mas uma história assim o senhor não consegue...?

P7: Não, não. Não tem. Ligado a isso, não.

C: Bom, eu já acabei minhas perguntas, queria saber se o senhor tem alguma sugestão, algum comentário.

P7: Não, legal, legal.

C: Não?

P7: Não, legal. Parabéns pelo trabalho.

PARTICIPANTE 8

Sexo: Feminino

Raça do cachorro: Labrador

Nome do cachorro: Maia

Camila: Primeiro queria perguntar do cachorro, é fêmea...?

Participante8: Fêmea

C: Qual é o nome?

P8: É Maia

C: E a raça

P8: É labrador. Ela vai fazer 2 anos semana que vem.

C: Como era a sua vida antes da Maia ter entrado nela, a importância dela pra você, como que vem essa importância dela na sua vida?

P8: Bom, antes, a rotina, tipo, não tinha muita graça. Acho que ela trouxe isso pra gente, assim. Então, qualquer hora do dia se você quer brincar, se você quer descontrair, você tem um cachorro. Porque ela trouxe vida mesmo assim pra casa.

C: Sei. E como ela entrou na sua vida, né, onde você tava, com quem, como que foi?

P8: Ah, é assim, meu irmão tinha a Pink, que é a mãe dela, e aí a Pink teve um monte de filhotinhos. E aí meu irmão vendeu todos e aí ele me presenteou com ela. Primeiro ele perguntou se eu queria e eu lógico que eu queria, e aí ele me presenteou com a Maia. Então assim a Maia tem a mãe que é a Pink e meu irmão ficou com o Urso, que é irmão da Maia.

C: Ah, então tá tudo em família, assim... (risos) entendi. E a sua reação imediata ao receber a Maia como que foi? Foi surpresa, como foi?

P8: Assim, quando nasceram os filhotinhos, eu fui no meu irmão pra ver e tinha um monte de amarelo e chocolate, que são os mais bonitos assim que todo mundo quer. E aí a primeira pretinha que eu vi foi ela e aí eu me apaixonei. Então eu que escolhi. Aí meu irmão já queria me dar, então foi ela.

C: E a escolha do sexo, da raça, do nome?

P8: O sexo eu queria fêmea, porque eu acho que fêmea é mais tranqüilo, porque macho fica fazendo xixi, marca muito mais o território, né, então eu acho que fêmea é muito mais tranqüilo de lidar. E o nome foi porque eu vi... como que é... é tipo Deusa do Mar, alguma coisa assim do mar, relacionada ao oceano, e aí era Maia em havaiano, alguma coisa assim. E aí eu escolhi Maia.

C: E como você descreveria a sua vida junto dela pra alguém que nunca tivesse tido animal de estimação antes?

P8: Ah, eualaria assim pra não ter dúvida de pegar um cachorro. Tipo, eu sou uma pessoa muito preocupada com limpeza, com organização, minha casa sempre tem que estar impecável, e ela meio que flexibilizou isso na minha vida, porque ela solta pelo... apesar dela ser super higiênica, labrador é muito higiênico, eles não gostam de sujeira, eles fazem o cocô bem longe da casa. Mas ele solta muito pelo. As pessoas pensam que não, porque tem o pelo curto, mas solta muito, muito, muito. Então eu tive que... automaticamente eu fui meio que flexibilizando essa minha exigência por limpeza, esse perfeccionismo. Então assim, com relação a isso eu acho que é uma coisa que você vai superar naturalmente mesmo. E pra quem nunca teve eu acho que assim: é só ter que vai se apaixonar (risos).

C: E como você descreveria a personalidade da Maia, as qualidades e os defeitos?

P8: Bom, eu vou começar pelos defeitos (risos). Ela ainda é muito receosa. Não sei se é porque ela vive sozinha com a gente, eu vivo com meu namorado e ela, então assim, ela é muito ciumenta. Mesmo criança, ela parece ter muito ciúmes assim, então isso é um defeito e é uma coisa que a gente vai trabalhar no adestramento. Ela ainda não é adestrada. Então tipo ah, que nem, chega gente em casa, ela pula no adulto, mas criança ela fica arrepiada, sabe, ela fica andando pra trás, então a gente percebe que ela é muito ciumenta. E de qualidade, ela é muito atenciosa assim, então, por exemplo, se eu cheguei do trabalho cansada, to triste, aí eu vou, sento no sofá, aí ela já vem, ela sente, então ela percebe como que você tá. Aí ela nem vem brincando, pulando, ela já vem deitando, deita do meu lado. Ela é muito sensível assim, eu acho.

C: E que tipo de pessoa, né, você tava comentando que ela não costuma gostar muito de criança, né?

P8: É.

C: Que tipo de pessoa mais... tem outro tipo de pessoa que ela não gosta ou por conta mesmo da personalidade dela, algum tipo de pessoa que tende a gostar mais dela ou não chega muito perto por causa do jeito dela?

P8: Ah, então, normalmente assim, adultos normal, chega, já chega brincando. Agora se é uma pessoa que tem medo de cachorro, porque já foi em casa pessoas assim, ela não gosta. E acho que é meio que de cachorro mesmo, então a pessoa vai com medo, aí ela já vai querendo se defender, porque acho que ela sente que a pessoa vai atacar, sabe? Então já teve ocasiões uma prima minha, adolescente, chegou em casa com medo, mas foi tentando brincar, aí ela [Maia] não avançou, ela não morde, mas ela deu um latido e assusta, porque ela é gigante, né. Então qualquer latido assim a pessoa já acha que é um monstro. Mas eu acho que é isso, quando a pessoa tá com medo e criança, porque deve ter alguma coisa na personalidade da criança que afeta ela, que ela não gosta.

C: E em casa, onde que ela dorme, manias e costumes que ela tem, e se ela usa roupinhas e acessórios.

P8: Então, eu sempre, pra passear eu coloco lacinho; então, sempre pra passear ela tá com um laço. Em casa ela tem uma casinha, bem grande assim, de concreto, que ela fica durante o dia. Quando a gente vai trabalhar ela fica no quintal e nessa casinha. E a noite, ela dorme na cozinha. Então eu isolo assim a cozinha e ela fica ali. E de final de semana, quando a gente tá em casa, deixo ela em casa. Então aí eu forro com lençol o sofá, ela sobe do sofá, aí eu deixo. Também pra gente curtir ela também.

C: E as manias que ela costuma ter, ela costuma fazer alguma coisa sempre assim?

P8: Então, quando era filhote, destruiu a casa, né, tipo (risos). Então assim, cadeira, tudo que era de madeira ela destruiu. Agora ela não faz mais isso, ela tá tranquilo. E de mania... ah, eu acho que assim de brincar mesmo, ela sempre tem brinquedo, mas isso não chega a ser uma mania, né, mas... não. Algo assim que caracterize ela você diz?

C: É

P8: Ah, ela tem mania de assim quando ela vê pessoas conhecidas ela abana o rabo como se fosse um, a gente chama de guarda chuva, tipo, ela fica assim [movimentos circulares], sabe? Esse é bem dela mesmo, que os irmãos não têm. Então é uma coisa que a gente já vê, já vê que é ela assim.

C: E o que ela representa pra você, na sua vida?

P8: Ah, hoje ela é minha filha (risos). Então assim, eu ainda não tenho filhos, pra mim é ela. Tipo, por exemplo, eu tô no trabalho, eu quero chegar logo em casa, sabe? Você acaba mudando até isso assim, tipo, fãh, vamos fazer um happy hour? não, se não tem ninguém lá, se eu não deixei programado, eu não vou; eu vou pra casa. Então ela representa, assim, uma parcela muito grande mesmo hoje da minha vida.

C: E você já tinha tido outros animais de estimação, quando, como foi?

P8: Já. Então, a vida toda eu tive, mas era tipo o cachorro da casa. Nunca foi um cachorro meu. Ela é a primeira. Eu tive uma cachorra que chamava Lana que viveu 18 anos. Então assim, desde que eu era adolescente, ela faleceu 1 ano antes da Maia nascer. Então a gente ficou... ela morreu, a gente ficou 1 ano sem cachorro, e aí veio a Maia. Então assim, a minha vida toda eu tive cachorro, mas ela é a primeira minha mesmo, que eu falo ã minha responsabilidade

C: E em relação aos outros animais que você teve, você percebe alguma diferença em relação a ela?

P8: Ah, muito. Tipo, ela, não sei se é porque tem essa consideração de ser minha, os outros, assim, não tinha essa ligação como ela tem. Então eu percebo que realmente, assim, ela é completamente dependente, a referência dela sou eu e ele [namorado]. E os outros não, era minha mãe, era da casa. Então essa é a principal diferença mesmo, a ligação mesmo.

C: E como que é a relação que você tem com seu animal, ele com você, com a sua família, com as pessoas ao redor, como é a relação que ele normalmente tem?

P8: Ah, é bem harmônica. Hoje em dia já faz parte da família mesmo. Então ela tem os hábitos, você tava falando dos hábitos, sábado sim, sábado não, eu levo pra tomar banho. Então ela chega no pet shop, ela já sobe, sabe, ela pula já na bacia.

C: Ah, ela gosta de tomar banho?

P8: Gosta. Aí então ela tem muita essa coisa assim de estar limpa, sabe, eu também, e eu gosto disso, como eu tinha te falado. Ela sempre tem que tá muito limpa, tem que tá bonita. Com a família, ela é muito o xodó da família, então eu moro no quintal da minha mãe, então a família chega na minha mãe já fica brincando com ela, tipo, ela virou o cachorro da família mesmo.

C: Sei. E quem costuma levar ela pra dar banho, pra passear, dá comida? Ela costuma ter uma relação diferenciada com quem faz isso?

P8: É, a gente divide. Ele [namorado] leva pra passear todo dia na rua, então assim, ele pega a coleira, ela já sai louca. Ela já vai lá pro portão que ela sabe que vai passear, então é ele. Eu não levo muito na rua, porque eu tenho medo porque uma vez eu fui atacada por outro cachorro. Então eu morro de medo. Então ele [namorado] já, por ser homem, né, também, vai saber se defender. Uma vez eu tava andando com ela e aí veio um cachorro assim, com tudo. Por sorte eu tava com meu irmão, meu irmão afastou. Mas aquilo ficou assim, sabe? E ela, não sei se é porque é grande, ela atrai, então tipo os cachorros de rua, às vezes nem fazer nada, mas vem com tudo assim pra cima dela. Então ele leva todo dia pra passear e eu mais esses cuidados de limpar o ouvido, de escovar os dentes, de levar pra tomar banho. Então a gente divide dessa forma. E a comida é sempre quem acordou primeiro, ah, vai lá e coloca a comida.

C: E ela tem uma relação diferenciada com um de vocês? É diferente a relação que ela tem com você, que tem com ele?

P8: Ah, eu acho que é muito igual, assim. Eu percebo que ela é muito apaixonada pelos donos, sabe. Até o jeito dela olhar, ela fica percebendo. Mas eu percebo igual assim o sentimento.

C: E quando ela ta chateada, desanimada, quem ela costuma buscar ou como ela costuma agir?

P8: Ah, normalmente ela vai nele. Quando ela ta com tédio, que nem ontem, ela tava com muito tédio em casa. Aí eu já percebi que ela tava com tédio e ela ficava rodeando porque ela queria passear. Aí ele [namorado] pegou a coleira e foi passear. Então ela já meio que sabe quem que ela vai buscar, sabe?

C: Entendi

P8: Então, que nem hoje de manhã, acho que ela sentiu que a gente ia vir no parque. Eu tava dormindo, daí ela veio e ficou me chamando assim com o fucinho. Me chamando, me chamando, pra eu acordar (risos).

C: (Risos) E em relação a perdas, queria perguntar se você já perdeu alguém próximo, algum familiar, algum amigo, enfim, e algum animal de estimação, no sentido assim das sensações presentes nessas perdas, similaridades e diferenças.

P8: Com relação a pessoas, nunca perdi ninguém tão próximo. Aí eu perdi a Lana, que é essa cachorra de 18 anos, então na época que ela faleceu a gente já sentia que tava chegando o momento, ela não chegou a ficar doente, ela não sofreu muito assim. Ela tava velinha, né. E aí na semana da morte dela a gente já sentia que ela ia partir. E ela era um cachorro de quintal, ela não era um cachorro de casa. E aí naquela noite eu deixei ela dormir em casa, na sala. E aí eu fui dormir, aí quando eu acordei eu fui lá e ela tinha falecido na sala. Ela morreu na sala. Então assim, é uma dor assim, faltou um pedaço da casa, sabe? É um pedaço que nunca mais, nem a Maia, ninguém substitui, porque era dela. Então minha mãe que era muito mais apegada também, sofreu muito, e aí você leva assim meses. É uma coisa que não é assim ãh, beleza, morreu, vou pegar outro cachorro, a gente ficou 1 ano sem cachorro e aí a gente foi enterrar ela lá na serra, fui eu, ele [namorado] e meu pai. A gente colocou no meu carro, teve todo um ritual mesmo de partida, mas foi muito sofrido! Tanto que a Maia também, eu fico pensando, né, tipo, labrador vive uns 13 anos, 14. Mas é uma coisa que eu nem procuro assim pensar como que vai ser, porque é como se fosse uma pessoa mesmo, né.

C: E o que você normalmente sente quando você um cachorro que não seja o seu e quando você vê animais de trabalho, talvez cavalo, boi, enfim, as diferenças do seu olhar em relação a esses animais, se é igual, se não é.

P8: Ah, eu amo animais. Eu sou vegetariana. Então também por conta disso, eu não consigo imaginar matar um bicho pra comer. Então assim, eu amo cachorro, porque o cachorro é aquela coisa, é domesticado e ta junto da gente. Mas eu amo todos os bichos. Então pra mim eu sei que existem diferenças, mas todo bicho eu olho no olho e eu sei que é uma vida que ta ali.

C: E o que você sente quando vê animais abandonados?

P8: Ah, então, eu não participo de nenhuma ONG, nada disso. Eu até sempre tive interesse, mas nunca fui participar. Mas eu sinto muita dó, me corta o coração, quando eu vejo na rua. Já aconteceu também de largarem filhotinhos na minha rua, uma vez, uma noite que era de chuva. E eu fiquei perdida, sem saber o que fazer, não sabia se eu pegava, trazia pra casa, mas se eu fizesse isso eu ia criar um problema porque eu ia ter que depois dar um jeito de passar pra frente. Então é uma situação que me deixa sem ação, sem saber o que fazer, mas me corta o coração.

C: E o que você sente em relação a outros animais de estimação, de repente, gato, passarinho, outros animais de estimação que não o cachorro?

P8: Ah, então, passarinho assim eu não gosto de ver preso. Eu acho que eu não teria, porque eu acho que ele não é feito pra ficar na gaiola. Gato eu nunca tive e sempre ouvi falar muito mal, assim, tipo ãh, gato, não sei o que, é traíçoeiro, não sei o queè mas ultimamente eu tenho sentido vontade de ter um gato pra fazer companhia pra ela, então talvez eu tenha um gato; eu vou ver ainda. Dizem que é bem fácil de cuidar, tipo, não faz muita sujeira não, e ele não é tão dependente também.

C: E quais são as principais características que te chamam atenção em cachorro de maneira geral?

P8: Ah, eu acho que é... essa disposição, esse bom humor, assim. Cachorro sempre vai ta bem, ele sempre vai querer brincar, ele sempre vai querer passear. Então eu acho que é isso, essa disposição que todo cachorro tem, né.

C: E o que você acha que diferencia o ser humano, seus amigos, familiares, enfim, do seu animal de estimação, no sentido da relação que você estabelece com ela, e o que iguala essas relações?

P8: Ah, eu acho que, assim... o cachorro nunca vai te cobrar pra você ser de uma forma ou de outra. Tipo, ela vai te amar independente de tudo. Então acho que essa é a principal diferença entre ela e os seres humanos, porque com ser humano sempre tem aquela coisa de estabelecer a relação, de você tentar ser melhor, evoluir, pra criar... e com cachorro não, você é você e ele te ama. Então acho que essa é a principal diferença.

C: E a similaridade, você consegue ver alguma?

P8: Ah, eu não vejo. Eu acho que cachorro é muito mais evoluído que o ser humano (risos). Justamente por essa capacidade de te aceitar, de aceitação.

C: Nesse sentido, quais as vantagens e desvantagens que você vê na relação com o ser humano e na relação com o cachorro?

P8: Então, acho que é bem isso que eu falei: com o cachorro você pode ser você e com o ser humano a parte boa é que você sempre tem que buscar de você mesmo, assim, você sempre tem que se superar pra continuar naquela relação e pra ter o seu melhor. Com o cachorro às vezes não precisa disso, você não precisa ter o seu melhor, ele vai te aceitar, ele vai te amar de qualquer jeito.

C: E por que você acha que a relação entre o ser humano e o animal de estimação se mantém de maneira geral e o que mantém a sua relação com ela especificamente.

P8: Ao longo do tempo, você diz?

C: É, porque as pessoas continuam querendo ter animal de estimação?

P8: Ah, eu acho que é primeiro por carência do ser humano. Eu acho que já começa por aí. Tipo, o cachorro tem uma capacidade de tapar esse buraco. Então justamente por sempre te buscar, sempre te querer, é uma carência sua que tá sendo ali alimentada por esse afeto, né, do cachorro. E na minha relação com ela, eu acho que é essa questão do cuidado, de eu sentir que ela é minha filha, sabe. Então isso pra mim, eu vejo dessa forma, como ãh, eu tenho alguém que depende de mim.

C: E agora as duas últimas perguntas. A primeira é: pensando numa abstração mesmo, uma imagem, uma forma, uma obra de arte, um desenho, que você consiga associar com o que ela representa pra você no sentido da mensagem da imagem, enfim, alguma coisa de alguma imagem, alguma coisa que te lembre ela.

P8: Que represente?

C: É

P: Ah, eu acho que uma flor.

C: Uma flor?

P8: É

C: Por quê?

P8: Porque você tá sempre cuidando pra ela sempre tá bonita, sempre tá representando aquilo que ela é, assim. Então, é de você sempre ter que cuidar, de você nunca esquecer que ela tá ali e que ela só vai continuar viva se você cuidar e cultivar, sabe? Eu vejo dessa forma.

C: E uma história que você acredita que tem uma mensagem por trás, não precisa ser necessariamente uma história com cachorros, mas, enfim, pode ser também, que tenha uma mensagem por trás que seja semelhante a mensagem que ela costuma te trazer cotidianamente.

P8: Uma história? Ixi, essa... amor, me ajuda [solicita ajuda do namorado, sentado ao lado].

NP8 [Namorado da Participante8]: Aquele filme lá do cachorro que ia todo dia lá no trem buscar o cara depois que o cara morreu

P8: Ah, o "Sempre ao seu lado"?

NP8: Aquele cachorro não é um cachorro assim que nem labrador que é amigo do dono. É um cachorro mais tranquilo assim. O cachorro ficou bem amigo do dono por causa disso, né, que sentiu essa amizade forte entre eles, ele passeava com o cachorro sem coleira, numa boa, o cachorro não é disso.

P8: É, aquela história, né? Mas você acha que representa a Maia?

NP8: Ah, representa a amizade, né. Eu gosto de surfar, de ir pra praia, a gente deixa de ir pra praia, deixa de viajar, por causa da cachorra, pra ficar com ela, pra ela não ficar no escuro de noite. Uma coisa que é boba, né, eu sempre tive pitbull e nunca tive frescura com os cachorros. De repente eu comecei, porque nunca foi um labrador assim. Sempre achei que o pitbull fosse um cachorro mais raçudo assim. Vai ver que se eu tivesse um labrador antes, eu seria mais cuidadoso.

P8: É, verdade, a gente deixa de sair, às vezes, à noite assim, pra ficar com ela. Tipo, "ah, não quero que ela fique no quintal" quero que ela fique... sabe?

NP8: A Flor mesmo, eu tinha o maior cuidado com ela, ela sofreu um acidente, nossa, aí ela dormia na cama, eu dormia no chão e botava ela na cama.

P8: É, acho que esse filme aí, "Sempre ao seu lado"

C: Tem uma mensagem que...?

P8: Tem, de fidelidade, assim, de amizade. Tipo, que nem, a gente sai... eu saio pra trabalhar, ele sai pra trabalhar; ela sobe, ela fica lá no portão, assim, ela fica lá.

NP8: O cachorro sente que você tá chegando. Às vezes você tá lá longe e o cachorro já tá sentindo.

P8: Às vezes a gente tá chegando na avenida aí ela já tá lá em cima assim. Ela tá *sentindo*, né.

C: Então, eu já terminei minhas perguntas, só queria saber se você tem algum comentário, sugestão, alguma coisa que você queira acrescentar sobre a relação com o cachorro, enfim.

P8: Não, eu acho que tá bem completa a sua pesquisa.

PARTICIPANTE 9

Sexo: Feminino

Raça do cachorro: Dachshund

Nome do cachorro: Max

Camila: Primeiro né, qual é o nome dele?

Participante9: O nome dele é Max.

C: Quantos anos ele tem?

P9: 3, quase 4 anos

C: Como era a sua vida antes dele ter entrado nela e a importância que ele tem na vida da senhora?

P9: Ah, minha vida era bem mais tranqüila, né. Eu tenho 3 filhos e ele é um trabalho a mais, né, mas a casa ficou bem mais divertida com ele. Muda totalmente a dinâmica da casa. Mas é uma preocupação e um trabalho a mais.

C: E como ele entrou na vida de vocês?

P9: A minha irmã tem a mãe dele, a mãe dele... a minha irmã tem uma cadela que deu cria, deu 4 filhotes, e um filhote foi pra dona do macho e os outros 3 filhotes ficaram na família. E ele é um deles. Então ele tem contato com as duas irmãs dele e com a mãe até hoje, que estão na família.

C: E como foi a reação imediata da senhora ao pegá-lo, ao decidir por ter um cachorro?

P9: Na verdade eu não queria, mas aí quando essa cadela da minha irmã deu cria, as crianças ficaram enlouquecidas com os filhotinhos, insistiram, insistiram, a gente acabou pegando ele. Mas eu não queria, meu marido queria menos ainda, mas aí por causa das crianças nos acabamos pegando. Eles não resistiram quando viram os filhotinhos.

C: Como foi a escolha do sexo, da raça e do nome?

P9: O sexo eu queria macho mesmo porque a gente mora em apartamento e eu acho que quando a cadela entra no cio e fica pingando sangue, muito complicado pra quem mora em apartamento, então eu queria macho por causa disso. E o nome foram eles que escolheram. Não sei nem por que.

C: Teve algum motivo?

P9: Não.

FP9 (Filho da Participante9): Claro que teve. No filme *Resgate abaixo de zero* a cachorra chama Maia e o filhote, no filme, chama Max.

P9: Ah, é, a gente havia assistido um filme de cachorros na neve...

FaP9 (Filha da Participante9): O nome da mãe dele é por causa de um filme e no filme ela tem um filho que chama Max.

P9: É, isso. Então a mãe dele chama Maia, que é uma das cadelas do filme, chama *Resgate abaixo de zero* e a Maia tem um filho que chama Max, aí ficou Max.

C: E como a senhora descreveria uma vida junto a um animal de estimação pra alguém que nunca tivesse tido um animal?

P9: Ah, eles são super companheiros, super fieis, né, muito gostoso. Ele tá sempre alegre, *sempre* atrás da gente, é um cachorro super alegre, companheiro. Muda completamente a dinâmica da casa. Agora, que tem o lado do trabalho, tem. Mas é gostoso você chegar em casa, tem sempre alguém te esperando alegre; sempre, é certeza!

C: E como você descreveria a personalidade dele, as qualidades e defeitos que ele tem?

P9: Ele conosco assim é muito bonzinho e companheiro e tudo, mas com estranho ele é bravo. Ele chega a avançar se a gente não tomar cuidado, principalmente criança e com outros cachorros também, a não ser esses que ele tem contato com mais frequência, ele também é bem agressivo. Precisa tomar cuidado.

C: E que tipo de pessoa, pensando nessa personalidade dele, que costuma se aproximar mais ou gostar mais dele, chegar com mais facilidade?

P9: Os da família mesmo são... conhecem. Quando ele conhece, depois que ele conhece a pessoa, aí ele fica amigo da pessoa, não late, não ataca, nada. Então assim, realmente só as pessoas conhecidas mexem com ele, da minha família, as visitas que são mais frequentes em casa, mas realmente pra chegar perto dele sem ser conhecido só quem goste *muito* de cachorro, porque ele intimida. Ele é pequeno, mas ele tem um latido alto é bem grave, então ele assusta muito.

C: E em casa onde ele dorme, as manias e costumes que ele tem, e se ele usa roupinha e acessório.

P9: Roupinha ele usa só no inverno, quando tá muito frio, de noite a gente põe pra ele dormir, ele deixa. Porque a gente acha que ele sente muito frio. Ele tem uma casinha dele que fica na... a gente mora num apartamento que tem uma sacada grande e tem uma casinha dele na sacada do apartamento, então chega o horariozinho dele, ele já sabe, ele mesmo vai sozinho pra casinha. E ele faz as necessidades dele no jornal na área de serviço e ele já conhece essa rotina, então ele vai fazer as necessidades dele lá, mas o lugar que ele mais fica mesmo é na sala e num cantinho da sacada tem a casinha dele. Normalmente, assim, à tarde, a gente leva ele pra fazer um passeio de tarde, quando dá certo a gente leva mais uma vez mais no começo da noite e de final de semana de manhã e à tarde ele passeia na rua. Assim, na quadra, na região onde a gente mora, né. Quando dá certo a gente traz ele no parque pra fazer um passeio maior e tal, mas geralmente ali em volta da quadra onde a gente mora. No mínimo uma vez por dia ele sai.

C: E manias em casa, ele costuma ter alguma coisa que ele sempre faça, que seja dele?

P9: Quando chega alguém, assim, de nós, ele fica eufórico, todo mundo que chega ele fica eufórico, ele vai buscar os brinquedinhos dele e traz pra gente brincar. *Toda vez* que alguém chega em casa, mesmo que você desça até a garagem e volte pra casa, já que é como se você tivesse chegado de uma viagem de meses (risos). Ele faz a maior festa e tal. É... e ele tem um habito também engraçado que isso desde pequeno a gente tinha medo que ele não acostumassem a fazer xixi na área de serviço, então a gente fazia aquele treinamento positivo com ele, né. *Toda vez* que ele fazia xixi lá, a gente dava um biscoito de cachorro, aquele biscrok, pra ele fixar que ali era o lugar dele fazer xixi. E aí ele cresceu e até hoje quando ele faz xixi na área de serviço, ele vem até a sala pra avisar a gente que fez o xixi pra

ganhar o biscrok, a gente dá um pedacinho de biscrok lá pra premiar ele toda vez que ele... e ele sempre faz no lugar certo.

C: E pra senhora assim o que ele representa na sua vida?

P9: Ah, é gostoso ter um cachorro, porque se as crianças gostam dele, brincam, é... eu tenho cachorro mais por causa das crianças mesmo. Mas se fosse só eu sozinha, eu não teria. Mas depois que ele veio pra casa, claro, a gente se apega e assume a responsabilidade, né, por ele, cuida dele, leva em veterinário, leva pra tomar banho, compra ração boa pra ele ficar com pelo bom, pra não ter problema; depois que ele ta em casa, a gente assume, né.

C: E a senhora já tinha tido outros animais de estimação na sua vida?

P9: Eu não. Eu quando era solteira morava com meus pais e as minhas irmãs tinham cachorro, mas eu mesma nunca tive; *meu* cachorro. Tinha assim, porque elas queriam, elas traziam pra casa, pegavam, cuidavam; eu brincava, assim, mas não era responsabilidade minha. E sempre dessa raça. A gente tem uma história na família de ter essa proximidade com esse dachshound.

C: E em relação aos outros animais, mesmo que a senhora não tenha cuidado, sido responsabilidade sua de cuidar deles, a senhora percebe, de toda maneira, uma diferença em relação a ele, assim, os cachorros que a senhora teve contato?

P9: É que era outra época, né, isso era, 20, 25 anos atrás, então assim, não tinha tanto esse negocio de levar em veterinário, qualquer coisinha no cachorro criado assim mais... livre, né, e era casa também. Não comia ração, não comia também resto de comida, mas a gente preparava em casa um cozido de legumes com carne e dava pro cachorro. Ele só comia isso, era bem saudável também, mas era feito em casa, não era só ração como é hoje, né. Então era assim, era uma coisa mais domestica mesmo. O cachorro não passeava na rua, porque a gente morava em casa. Mas assim, tem coisas que são iguais, por exemplo, cachorro, desde que eu era pequena, nunca dormiu com a gente no quarto, e ele também não dorme; ele não entra na área dos quartos, fica só na área social da casa. E eu sinto uma diferença no tratamento, que não tinha ração, banho a gente dava em casa, vivia no quintal, dormia fora da casa, mas, assim, no afeto eu acho que era igual. Parte afetiva é a mesma coisa.

C: E como a senhora se relaciona com ele, ele com você e com a sua família, e como é essa relação?

P9: Ele é super carente, né, de gente. Ele... se tem alguém assim... porque a gente tem o apartamento, fica a área dos quartos que ele não vai. As portas ficam fechadas pra ele não ir pra área dos quartos. Então ele transita entre a cozinha, a sala e a sacada. Então toda vez que tem alguém, qualquer um de nós, nessa área da casa, ele ta por perto. Se a gente ta almoçando, jantando, ele ta sentado no chão do lado da gente; a gente ta assistindo

televisão, ele ta sentando no chão do lado da gente. *Sempre*. Onde tem uma pessoa, ele ta do lado. Super carente ele assim; ele adora a nossa companhia e a gente a dele também, né (risos).

C: E quem costuma levar ele mais pra passear, dar comida, levar pra dar banho?

P9: A M. [filha]. Ah, levar pra dar banho sou eu, porque tem que dirigir, pagar e tudo, então sou eu que levo. Veterinário, banho, sou sempre eu. Comida e passeio é mais a M. [filha]

C: E ele tem uma relação diferenciada com ela por conta dela fazer...?

P9: Tem, tem. Ele, às vezes quando ela ta no quarto, ele fica latindo na porta do corredor pra ela vir pra sala, pra cozinha, pra ficar com ele. Ele é conectado nela sim. Em mim também, mas menos. Que além dela eu tenho dois meninos: ele [o filho estava sentado ao lado] e mais um. Com os meninos ele brinca, super alegre também, mas não de ficar atrás. A M. apareceu, ele cola nela e a hora que ela sai da vista dele, ele late daqueles latidinhos agudos pra ela voltar. Ele é bem ligado nela.

C: E quando ele ta chateado, desanimado, quem ele costuma buscar?

P9: Ele nunca ta, nunca! Nunca ele ta... às vezes o que acontece é se a gente vai passar o dia fora e tal, ele volta cansado às vezes, né. Porque ele, como mora em apartamento, ele dorme, em vários momentos do dia ele ta na almofadona, a gente tem uma almofadona lá no meio da sala, ele dorme, né, várias horas por dia. E às vezes a gente sai como hoje, assim, então ele volta mais cansado, então ele vai passar um período maior dormindo, mas não porque ele ta chateado. Eu *nunca* vi ele chateado, *nunca*! Ele é *sempre* alegre!

C: E como que ele costuma ser com outras pessoas na rua, com visitas?

P9: Agressivo, agressivo.

C: E como a senhora se sente em relação à postura dele?

P9: Mal, mal! A gente tenta... eu gostaria que ele fosse um cachorro super amoroso principalmente com criança, né, que criança adora cachorro, né. Isso pra nós é um transtorno. Porque ele é bravo, ele tem um latido que intimida, assusta, e as crianças acham que como ele é pequeno, salsicha, essa história do cachorro salsicha, que ele é bonzinho, ele *não é*! Então a gente quando vê uma criança se aproximando, a gente fala ãlha, o cachorro é bravo. Cuidado. Ele vai latir, não assusta a gente já prepara porque já conhece. Mas, assim, se for devagar, conquistar ele, ele entrosa. Mas o primeiro... principalmente se a M. [filha] ta junto, porque acho que ele quer defender, ele late e avança. Se a gente não segurar, a gente não sabe do que ele é capaz, nunca soltamos pra ver (risos), mas ele avança. Isso pra nós é muito chato.

C: E em relação a perdas, queria saber se a senhora já perdeu alguém próximo, se já perdeu algum cachorro, como são as similaridades e diferentes nessas perdas? De perder uma pessoa próxima, um amigo, um familiar, e perder um cachorro...

P9: Ah, toda perda é complicada, né, pra mim. Mas não sei como *eles* [filhos] vão reagir na perda dele, mas, assim, eu tenho muito claro pra mim que cachorro é cachorro e gente é gente, né. Com pessoa eu tenho um laço muito mais estreito. Eu sei até que tem gente que valoriza até mais o laço com o cachorro do que com pessoas, mas eu não. Pra mim cachorro é cachorro, claro, a gente gosta, acaba se apegando, assume a responsabilidade de cuidar dele e tudo, mas cachorro é cachorro. A gente sente falta e tudo, mas... eu acho que não se compara a perda de uma pessoa.

C: E o que a senhora sente quando vê um cachorro que não seja o seu e quando vê outros tipos de animais, animais de trabalho talvez, cavalo, boi, como é o olhar da senhora? É diferente?

P9: Eu acho que não. Desde que seja bem tratado, é... eu acho bacana. Qualquer tipo. Mesmo cachorro que é cachorro-guia, cachorro da polícia, né, que ajuda o policial e tal, eu acho um trabalho super bacana, porque... principalmente cachorro, né, eles são *super* fiéis, *muito* inteligentes, então acho que é muito bacana ser treinado pra isso desde que seja bem tratado, desde a hora do treino, inclusive.

C: E o que a senhora acha de outros animais que não cachorro, mas animais também domésticos: gato, passarinho?

P9: Nunca tivemos interesse, porque eu acho que o cachorro ainda ele aceita bem a domesticação e ele se apegando também; a gente percebe que ele se apegando as pessoas, tem um afeto pelas pessoas, depende, fica feliz. Agora eu acho passarinho preso em gaiola um horror, não teria de jeito nenhum, nenhum tipo de passarinho preso. Eu acho que é muito contra a natureza. E gato também, eu acho que gato não é um bicho que se apegando, assim, já se puder fugir, se puder, ele é muito independente, né? Não é um bicho pra domesticar. O cachorro eu acho que já ta domesticado há muitos séculos, então ele aceita e a gente procura dar uma vida confortável pra ele, levando ele pra passear, pra manter um mínimo de atividade que a gente sabe que ele precisa e tal. Mas eu não teria outro animal de estimação. Esses bichos tipo furão, lagartinho, não sei que, peixe, a gente não gosta de nada disso. Porque a gente acha que esses bichos não interagem com a gente, né. Cachorro não, cachorro eles... a gente sente o afeto dele pela gente, a gente sente que ele se apegando. Sabe que ele sente falta da gente, às vezes a gente sai pra viajar, deixa ele, a gente sente que ele sente falta da gente, né. Tem essa troca de afeto. Então acho que com nenhum outro animal você tem essa troca.

C: E quais as principais características que chamam a atenção pra senhora em cachorros de maneira geral, nesse sentido?

P9: O afeto que ele tem pelo dono dele. A fidelidade e o afeto que ele tem pelo dono.

C: E o que a senhora que diferencia o ser humano e o animal de estimação no sentido das relações que são estabelecidas, assim, e o que iguala? O que diferencia e o que iguala?

P9: Eu acho que pra nós, é, pro ser humano, o cachorro é um *exemplo* de fidelidade, de lealdade e de afeto. Porque o dono pode fazer o que for (risos), basta fazer um cafuné no cachorro, ele tá se derretendo pelo dono de novo. Então eu acho que nesse sentido é realmente um exemplo pra gente de afeto e de lealdade. Coisa que entre ser humano você nunca vê (risos), raramente vê.

C: E então, né, tá no finalzinho já, queria perguntar quais as vantagens e desvantagens que a senhora vê na relação com o animal e na relação com o ser humano, mais ou menos o que a senhora já tava falando, e por que a senhora acha que a relação entre o ser humano e o animal se mantém, porque as pessoas continuam buscando ter seus animais de estimação?

P9: Eu acho que é por causa dessa questão do afeto mesmo com o cachorro. É uma troca de afeto, a gente sente a resposta do cachorro. Não é só uma coisa que a gente dá afeto pro cachorro, a gente sente um retorno, acho que o ser humano precisa disso (risos), precisa sentir que está sendo retribuído. E o cachorro dá esse retorno imediato, imediato.

C: As duas ultimas perguntas, elas são um pouco mais abstratas, subjetivas, então a primeira é: uma imagem que a senhora consiga associar, uma forma, uma obra de arte, um desenho, enfim, que vem à mente da senhora quando a senhora pensa no seu animal de estimação; alguma coisa que tem algum tipo de associação por algum motivo na cabeça da senhora, assim.

P9: Ah, não sei (risos). Quando eu lembro do Max, o que a gente lembra, M. [filha]? Deixa eu pensar... (Pausa longa). Não sei.

C: Alguma coisa que represente ele, se fosse ter alguma forma, alguma imagem, alguma coisa que representasse ele o que seria?

P9: Ah, pra mim é um leão (risos). Um leão. Porque ele é como se fosse um leão: bravo, mas ao mesmo tempo bonito, animado, não sei.

C: E uma história, que não necessariamente precisa ter animal de estimação, ou animais de forma geral, envolvidos, mas uma história que tenha uma mensagem por trás que a senhora consiga associar com uma mensagem que ele traga pra senhora no dia a dia?

P9: Tem um filme... eu tenho 3 filhos, né, que eles assistiam *muito* quando era pequeno, que era o *Bambi* né, da Disney. Que é de animalzinho, super bonitinho e tal. E tem um personagem lá que eu não me lembro, um esquilininho lá, eu não sei o nome dele...

C: Ah, esquilininho eu não lembro. Eu tava pensando no coelho, o Tambor, mas agora o esquilininho...

P9: É, não sei, é um dos pequenininhos.

FaP9: É o coelhinho.

P9: É o coelhinho? Tambor?

FaP9: É, é!

P9: E eu sei que alguém fazia um comentário, não me lembro agora o que, e esse Tambor fala assim pro outro ãe você não tem nada de agradável pra dizer, então não diga nada e eu repito, acho essa frase fantástica, e repito essa frase pra eles e pra outras pessoas também (risos) que eu acho assim uma tirada simples de tudo, ta no meio desse desenho animado, e é uma frase muito sábia: se você não tem nada de bom pra dizer, então não diga nada, fique quieto. Porque pra falar coisa desagradável...

C: Então a senhora acha que lembra ele...?

P9: Lembra, lembra porque é coisa de animal, de cachorro, né, e às vezes ele é meio desagradável com os outros, a gente fala ãh, fica quieto. Perdeu a chance de ficar quieto, vai pro teu canto. Se você não tem nada de bom pra dizer, então não diga nada, fica quieto no seu canto

C: E a senhora acha que ele é de ficar quieto nesse sentido?

P9: De jeito nenhum. Quando tem um estranho no pedaço, ele vai pra cima. Não sabe ficar quieto. Ele é teimosão. Ele não se contém, assim, em situação nenhuma. Tem uma personalidade, assim, bem forte (risos). Ele faz o que ele acha que tem que fazer, a gente segura, dá bronca, tenta treinar com briscrok, mas tem alguns pontos que ele é teimosão, ele vai e faz o que ele acha que tem que fazer.

C: Então a senhora acha que lembra essa história, essa frase do ãBambiò..?

P9: Porque eu tenho que falar isso pra ele toda hora (risos). Eu teria que falar isso pra ele toda hora. Não adianta. Igual criança, você repete, repete, repete.

C: Bom, eu já acabei minhas perguntas, queria saber se a senhora tem algum comentário, sugestão, alguma coisa a acrescentar?

P9: Não, eu acho que... a sua pesquisa é sobre a relação do homem com o animal?

C: É, com o animal de estimação.

P9: É, eu vejo assim, que tem pessoas que são *extremamente* apegadas ao animal de estimação, de ficar no colo, de beijar, de dormir junto. Eu vejo isso, mas eu não, mas em casa a relação não é assim e eu acho errado esse excesso. Eu acho que ter um animal de estimação é legal, principalmente pras crianças, porque eles assumem também uma parte da responsabilidade de tratar do cachorro e tudo, do animal de estimação, mas eu acho que esse tipo de excesso que a gente vê por aí também, de empetecar muito o cachorro, colocar lacinho, fitinha, strass, eu não concordo com isso; eu acho que cachorro é cachorro e gente é gente. O convívio é ótimo, é excelente, a gente assume a responsabilidade, cuida bem, mas eu acho que cada um tem o seu padrão de vida.

PARTICIPANTE 10**Sexo: Feminino****Raça do cachorro: Vira-lata (respectivamente: dashhound com yorkshire & collie com vira-lata)****Nome do cachorro: Depp & Juno**

C: Queria primeiro saber o nome deles e a raça deles, né?

P10: Bom, ele é o Depp. O Depp é uma mistura de... pelo menos a gente pegou, os dois são adotados. A gente não conhecia os pais de nenhum dos dois, né, mas disseram que ele é uma mistura de basset com yorkshire, a mãe seria York e o pai um bassetzinho. E ela é uma mistura de border, né, collie, com vira-lata. Ela tem uma história, assim, bem complicada: a mãe dela tava tendo os filhotes num posto de gasolina e o dono queria afogar todos eles, inclusive a mãe em trabalho de parto, e nós pegamos ela numa ONG que salvou a mãe e os filhotes e colocou pra adoção.

C: Qual é o nome dela?

P10: Ela é Juno e ela é Depp, do John Depp.

C: E Juno, tem alguma relação com aquele filme ou não?

P10: Não, é porque ela veio em junho. E como ela nasceu na rua, a gente não tinha ideia certa da data de nascimento dela, então a gente pôs Juno porque ela veio em junho.

C: Eu queria perguntar, né, como era a vida da senhora antes de ter os cachorros, a Juno e ele?

P10: Bom, eu sempre fui uma amante de animais, né, desde criança; eu sempre tive muito bicho. Na minha casa, quando eu era pequena, tinha pato, tinha coelho, peixe de monte, cachorro. Sempre tive cachorro. Inclusive meu primeiro cachorro eu ganhei quando eu tinha 1 ano. Era um pinscher micro terrível (risos), então eu sempre tive cachorro. E assim, eu tenho além deles, nós [a filha dela estava sentada ao lado dela] temos mais dois poodles que nasceram em casa, nós tínhamos os pais, infelizmente faleceram, e temos mais uma gatinha também adotada.

C: Nossa, que legal, hein? Muitos animais...

P10: E temos uma ratinha também (risos). Temos toda a cadeia alimentar lá em casa.

C: E como é a importância então dos cachorros da senhora, dos animais da senhora, enfim, principalmente dos cachorros, vem pra senhora e pras pessoas ao seu redor, a importância deles...

P10: Total, total, porque... Você [filha] pode ir falando qualquer coisa que você lembre. Somos só nós duas, ta? Eu sou viúva, então, assim, os cachorros pra gente é nossa vida, assim, são a nossa família, é a nossa ancora, sabe? É o nosso porto seguro, é o momento de afeto muito grande, né; minha filha trabalhou fora do Brasil por três meses, nos Estados

Unidos, então eu fiquei muito só e foram eles que me deram toda... todo o apoio. Eu chegava em casa do trabalho, eles estavam me esperando, sabe, a casa não ficou vazia, né. Então, ninho vazio, como falam (risos).

FP10 [Filha da Participante10]: É um momento de tranquilidade, né, assim, então depois de todo o estresse do dia, a gente chega em casa, saber que eles estão lá, esperando.

P10: É, então os poodles, eles não tanto porque eles ficam numa área mais separada porque ele, por ser macho, ele briga muito com outros machos, né. Mas os poodles que ficam soltos e tal. A gente a abre a porta do apartamento já, todo mundo vem fazer festa e dormem com a gente, sabe, então acho que tem assim uma relação de amor muito grande, né. E eles nos completam bastante assim, a gente não sente solidão. E também a questão da atenção, né, porque você tá sempre ligada nas relações, se eles estão bem de saúde, né, tudo isso acho que te mantém viva, como dizem...

C: Bom, a senhora comentou um pouquinho, mas eu não sei se estava já gravando, de como os seus animais de estimação entraram na sua vida, né, como foi pegá-los, a decisão de pegá-los e o pegar em si, onde que foi, com quem a senhora estava...

P10: Bom, ela foi assim... eu tava... tem uma loja de, um pet shop gigante da marginal Tietê, o Pet Center, e a gente tá sempre lá fazendo compras. Minha filha tava numa aula de teatro e eu tinha que comprar algumas coisas pra eles e fui, justamente no dia que estava tendo a feira de adoção. Então eu já liguei pra ela, falei ãh, tem um cachorrinho lindo, ela parece uma rapozinha, tá pra adoção? eu já tinha 4 em casa, né. Eu falei ãvamos pegar? meio na louca, né, sem pensar muito. Aí ela falou ãvamos, vamos! aí eu fui buscá-la, terminou a aula, levei, ela viu e tudo, falou ãah, vamos levar? até falei ãsepara, separa que eu vou levar! (risos). E ele, assim, nós tínhamos perdido uma cadelinha, né, que é a mãe desses 2 poodles que estão... ficou em casa por 6 anos, né, veio muito pequenininha, teve várias crias e tal, e ela ficou com uma doença no baço que ninguém soube dizer o que era. Era assim bastante estranho, o baço encolheu, aliás, sumiu, e ela faleceu. E a gente tinha ido viajar justamente por uns 4 dias e quando nos retornamos, ele estava pra adoção. Então nós falamos ãah, vamos levar ele também? porque o dono do pet já tava desesperado porque eles já estavam lá há bastante tempo e eles não tinham sido adotados, né, eram 5. Então foi assim com os dois (risos)

C: Entendi. E a escolha do sexo, optar por adoção ao invés de compra, como que foi? E a decisão dos nomes também, a senhora já comentou...

P10: Bom, Juno foi porque ela veio em junho; o Depp é porque a gente gosta muito do ator John Depp, a gente é fã mesmo, de assistir todos os filmes, saber tudo da biografia (risos). E a tua outra pergunta foi?

C: A escolha de adoção e não de comprar uma raça, enfim...

P10: Sim, sim. É, a gente também compra, a gente gosta muito de animais. Eu acho que quando aparece a oportunidade, aquilo que vem pra gente tem uma carga de energia. Eu acredito muito nisso, questões de energia. Então quando aparece uma oportunidade de você ter um animal e até adotado ou comprado, enfim, seja lá qual for a situação, eu acho que você não deve passar por cima. Você deve realmente enfrentar aquilo e abraçar aquilo como uma coisa que veio pra você. Nada é por acaso.

FP10: Eles escolhem a gente, né, cachorro principalmente é aquela coisa... ela tava na gaiolinha, assim, tinham vários filhotes, vários bonitinhos, ela *olhou* pra gente, a gente (risos)... foi amor a primeira vista. E o Depp também, o Depp tava na gaiolinha com mais 5 irmãos, né, então a gente escolheu ele, a gente viu a energia dele, ele tava muito *agitado*, deu pra perceber ainda, né, que ele é assim (risos)

P10: E a gente nunca pensa muito em macho ou fêmea, né. Ela veio castrada já, o que é bom, ele não. Mas a gente, assim, vai mais pela energia que o animal ta dando naquele momento. A gente não pensa ãossa, uma fêmea vai dar problemañou então ãum macho vai dar problemaò a gente pega pelo amor mesmo.

C: E como a senhora descreveria uma vida junto aos seus animais de estimação pra alguém que nunca tivesse tido animal de estimação.

P10: Ah, eu acho que é muita felicidade. Eu acho que a troca afetiva que o animal dá, o ser humano, quase nenhum dá, porque eles tem, assim, uma perspicácia, um entendimento muito grande em todos os sentidos; eles são, assim, afetuosos, aquele afeto que é descomprometido, né, não tem assim nada de... não tem nenhuma intenção por trás. Eles te completam, assim, se você ta triste por algum problema, mesmo quando eu ficava com muita saudade da minha filha, todos vinham, ficavam junto, isso é uma coisa muito interessante de observar, assim...

FP10: Eles sentem a sua energia, como você ta se sentindo. Se você ta meio deprimida, assim, eles parecem que fazem tudo pra te agradar, incrível! Quando você ta alegre, eles também entram na mesma energia que você, a mesma vibe (risos)

P10: É verdade. E eles vinham, assim, eles tinham muito essa coisa de proximidade física quando minha filha tava viajando, então vinha todo mundo e sentava em cima de mim no sofá, sabe, essas coisas bem de compensação mesmo que eu acho que o animal tem essa perspicácia, o ser humano raramente tem. Eu tinha um professor de psicologia na faculdade que falava ãtomara a minha esposa tivesse o discernimento emocional que o meu cachorro temò(risos). G. [falou o nome do professor], você já ouviu falar?

C: Não, não.

P10: É um psicólogo muito conhecido, autor de vários livros, tal, ele era muito brincalhão, e ele falava assim ãossa, o meu cachorro saca tudo; a minha mulher nãoò(risos)

FP10: E o legal de adotar é que você tem uma responsabilidade dupla: você se sente bem por ter tirado um cachorro da rua, né, e você ta escolhendo também um bichinho. O legal de comprar é que você escolhe a raça que você quer, o tamanho, tudo, mas a coisa legal de adotar é justamente essa surpresa, assim, de você pegar uma raça que nem existe (risos), é mistura de sei lá o que com o que, e você descobre que você salvou uma vida. E eles são *muito* gratos por isso, muito mesmo, você sente o feedback deles. Ela, nossa, ela sabe o que a gente fez por ela, sabe? É muito legal.

P10: É verdade, isso é muito importante. Eles realmente percebem que você fez uma coisa muito bacana por eles, né, muito mesmo. Bem legal.

C: E como a senhora descreveria a personalidade dos dois, as diferenças entre os dois, as similaridades, de personalidade mesmo, como que é?

P10: Bom, ela é mais calma e ele é *muito* agitado, ele é *muito* agitado. Tanto que a gente tava comentando, assim, ele passeia, ele late pra todos os cachorros que estão em volta, puxa briga com todos os machos, ele é agitado. Ele é muitíssimo agitado. Qualquer barulhinho ele late, ele ta sempre assim com algum tipo de agitação.

FP10: Pra colocar a coleira nele assim, demora uma meia hora.

P10: É mais ou menos como um rodeio (risos). Tem que caçar o bicho, segurar ele. Ela é mais calma, assim, era um pouco deprimida quando era pequenininha, mas... até pelo histórico de vida, ela tem um pouco de medo ainda de sair na rua, acho que é por uma questão de hereditariedade mesmo; a mãe passou por maus bocados na rua, né...

FP10: E ela já tem 4 anos e ela ainda tem aquilo, aquele receio, sempre com o rabinho baixo...

P10: É, ela demora pra descontrair na rua. Ela fica com medo de carros, ela fica com medo de tudo, qualquer movimento mais brusco, ela tem medo. Ela vai com o rabo no meio das pernas e tudo. E pelo fato de conviver mais com ele, ela pegou um pouco a agitação dele. Ela era mais calma. Hoje em dia ela também late pros outros, ela também tenta pegar... mais por causa dele.

C: Entendi. E que tipo de pessoas, então, pensando na personalidade dos dois, que tenderiam a gostar mais dele ou a gostar mais dela, enfim, como que seriam essas pessoas?

P10: Ah, eu acho que ela é aquela cadela de companhia, bem mansinha, que gosta de... inclusive ela sobe no colo, ela não se toca muito do tamanho que ela tem (risos)

FP10: Ela se enrola, fica toda torta, mas ela se encaixa no colo assim (risos)

P10: É, a gente vê que às vezes ela fica até sem respirar assim se deixar, porque ela prefere ficar no colo, mesmo que ela esteja mal acomodada, que ela não esteja nem conseguindo respirar direito, ela ta no colo.

FP10: Ela é bem aquele cachorro de um livro, uma poltrona e uma cadeira, sabe?

P10: É, essa coisa inglesa de sentar no tapete e tal. Ele já é da correria, sabe, ele seria muito bom pra um *fitness* sair correndo com ele, alguma pessoa bem atlética que não é o nosso caso (risos). Eu imagino ele assim correndo, assim, millhas.

FP10: Ele passeia 1 hora e meia e ainda ta todo inteiro assim...

P10: É, o pessoal que ia passear com ele fala isso, fala assim *linda*, a gente anda com o Depp 2 horas, parece que acabou de sair? sabe? Ele ta assim naquela vibe ainda...

C: E em casa, a senhora comentou, onde eles costumam dormir, manias e costumes que eles tem e se eles usam roupinhas, acessórios, como é?

P10: Eles tem, assim, ele não para muito com nada, por isso que a gente nem põe (risos) , tem inclusive um boné charmosíssimo pra passear, mas ele não (risos)

FP10: É, a gente não gosta de ficar colocando muita coisa, assim, que tem pessoal que fica fantasiando, isso não acontece. Mas assim, quando ta frio, colocar uma roupinha eu acho que sim; colocar uma coisinha pra sair na rua, acho que sim. Mas em casa eles ficam sem nada, inclusive sem a coleira, às vezes a gente deixa só na hora de comer, porque como eles brigam um pouco, então a gente deixa eles com coleira pra poder segurar, né, pra eles comerem e não brigarem. Mas fora isso, eles ficam numa área, num quintal assim, eles ficam bem.

P10: Ficam bem. E assim, de hábitos, os dois ficam todo o tempo juntos, só separa mesmo na hora da comida. E eles brincam muito juntos, de vez em quando a gente brinca que parece um jacaré assim, eles ficam *rrrrrr* [rosnado] (risos). É, eles brincam bastante, se dão bem. Porque ela é castrada, ele é macho e ela é fêmea, e aí é mais coisa de irmão mesmo, os dois estão sempre juntos. Não brigam nem nada a não ser na hora da comida a gente separa por aí a coisa fica feia.

C: E dormir?

P10: Dormir eles dormem juntos.

C: Nessa área?

P10: Nessa área. E aí nós temos os poodles, a gatinha dorme na caixinha dela, né, e um dos poodles dorme com a minha filha e o outro dorme comigo. Porque eles são bem pequeninhos mesmo, eles são mini poodles, micro poodles, eles são... um deles tem 1 quilo e 200 gramas. Então a gente não deixa junto com ele [Depp], porque ele é meio agressivo.

C: E o que eles representam pra senhora, na sua vida?

P10: Ah, amor, né? Amor, família, carinho, atenção, companhia.

FP10: Por eles serem diferentes, principalmente dos poodles assim, você repara: cada um tem uma personalidade muito diferente do outro. Então um poodle ele é muito possessivo, é mais ciumento, o outro é mais alegre, mais descontraído, então assim, tem um equilíbrio

mesmo, né, como se fosse mesmo uma família. Então, assim, tem de tudo: tem o bem humorado, tem o mais quietinho, tem o mais...

P10: Como se fossem filhos mesmo, cada um com a sua personalidade.

C: E a senhora comentou que tinha tido a mãe dos poodles, enfim, queria perguntar em relação a outros animais de estimação que a senhora já teve, se teve algum além desse que a senhora comentou também, as diferenças que a senhora nota em relação aos atuais, né, e como que foi a experiência de ter tido animais antes?

P10: É, inclusive a gente tinha os pais dos poodlezinhos, tinha o pai e a mãe. O pai também faleceu depois de 15 dias, também mesma coisa, não foi nada de virose nem nada que... não descobriram. A gente perdeu os dois em questão de 20 dias, né. Ela também, o pai também veio pequenininho, era um pouco deprimidinho também. Ele tinha momentos de pura euforia e momentos de pura tristeza (risos). E ela [mãe dos poodles, já falecida] mais bravinha assim, mas muito amorosa, sempre na dela, uma personalidade muito forte. É aquele tipo de animal que faz o que quer. E tinha uma compreensão das coisas, assim, *muito* grande, né. E... e era assim, só faltava falar mesmo. A gente brinca que quando a gente não tava vendo, ela falava. Uma compreensão assim, falar qualquer coisa... E ela te dava respostas emocionais, você fala ñossa, eu nunca vi um cachorro fazer isso e olha que eu tive muitos. Eu tive sempre cachorro. E um diferencial, assim, depois que eu passei a ter cachorro... por exemplo, a minha filha, é, eu tinha uma poodlezinha que eu fiz questão de dar de Papai Noel quando tava com 2 aninhos, acreditando no Papai Noel e tudo, porque eu acho importante criar crianças com animais, né, eu acho que dá uma esperança de vida, amadurece a criança, né, o ligar com o animal, desenvolve o lado afetivo, o lado da responsabilidade, que ajuda a cuidar, então eu acho fundamental. E eu sempre tive muito bicho, a única diferença é que assim, a minha mãe, com a mesma facilidade que pegava, mandava pra outro lugar, dava pra qualquer pessoa. Então isso foi uma coisa que traumatizou uma infância, né, porque... se um vizinho reclamasse de algum latido, já dava pra alguém o cachorro. Gato, foi sempre assim. Então quando eu peguei esse cachorrinho pra minha filha com 28 dias, eu falei ñão, com ela vai ser diferente. Os animais vão ficar com a gente até o dia que eles, infelizmente, morrerem, mas enquanto isso eles vão ficar com a gente, não vou dar, não vou dar pra adoção, não jogar na rua, nada disso, não vou dar pra nenhum parente; nós vamos cuidar deles da melhor maneira possível. E tanto é que a gente não pensa muito, eu moro num apartamento (risos), é *grande*, mas, assim, é um apartamento, né, e agente pegou todo mundo. Então eu tenho essa coisa de achar que realmente o bicho ele tem que... quando ele vem pra você, é porque tinha que vir, e você tem que fazer o melhor possível por ele, né.

C: E como é a relação da senhora com eles, deles com vocês, com a sua família de maneira geral, como que é a relação?

P10: É boa. Eles... quando a gente junta assim, tem que separar, porque ele [Depp] é meio agressivo com os machos, mas passeiam bem. A gente tem que dividir a atenção como dividiria pra filhos, né, então a gente sai com eles pra passear, depois a gente vai com os poodles também fazer outra atividade, a gatinha também a gente deixa sempre solta, compra brinquedo pra eles se distraírem, vêem televisão com a gente, sabe? Tem toda essa parte lúdica. O ano passado no carnaval foi todo mundo viajar com a gente assim, parecia uma arca de Noé o carro (risos) e ainda por cima chovia pra caramba, tava mesmo uma arca de Noé perfeita. E foi todo mundo, assim, né, então a gente não se preocupa muito com a questão da logística, do trabalho, a gente vê isso depois, a gente faz.

C: E quem costuma cuidar deles de maneira geral: alimentar, levar pra passear, dar banho?

P10: Nós duas [ela e a filha].

C: Eles não têm relação diferenciada com...?

P10: Não. Não, não. Assim, só por uma questão mesmo de logística às vezes, por exemplo, eu fico com os poodles, porque tem um poodle que ele tem problema de convulsão, ele convulsiona desde pequenininho, então ele fica muito agitado. Então eu fico com ele no colo, minha filha segura os dois, põe a comida pros dois, daí em seguida ela vem, me ajuda com os outros. Ela alimenta bem a gatinha, porque a gatinha tem uma relação muito especial com ela, né, de mamãe e filhinha mesmo, e ela alimenta a gatinha e tal. Mas, num geral, a gente fica... remédio, por exemplo, a gente dá junto. Brincadeiras, a gente tenta participar as duas e tal. A gente divide tarefas até porque são 6 animais então tem que, né, dividir um pouco. A relação é igual; é igual com as duas.

C: E quando eles estão chateados, desanimados, como eles costumam agir, eles procuram alguém, como que é?

P10: Ela é muito amorosa, assim, né, quando ela ta mais tristonha, tudo, ela procura muito a minha filha. Ela gosta muito de deitar no colo, de ficar junto. E... ele já não, ele a gente precisa amarrar pra conseguir um beijo dele (risos)

FP10: A gente percebe eles mais quando a gente sai, justamente, que ele ta num ambiente diferente, a gente leva no pet, tem outros animais, aí você percebe que ele demonstra de quem ele gosta. Então você sai um pouco mais longe, assim, aí ele quer ir atrás e tal. Mas em casa, no ambiente que ele ta acostumado, aí ele é todo independente.

P10: Eu até brinco que ele ãossa, o Depp não demonstra amor, ele é realmente aquele tipo que não demonstra amor, mas ele *ama*. Quando a gente ta longe... mas a gente vê, principalmente quando eles ficam eventualmente num pet pra gente fazer uma viagem mais longa, que não possa levá-los, então quando a gente vai buscar, ele se acaba de festa, sabe. É muito amor. Aqui no parque mesmo uma vez minha filha se afastou pra comprar uma água de coco, nossa, ele enlouqueceu, ele pirou. Então eles têm muito amor, né, a gente nota. Dependendo da situação ele não demonstra muito.

C: E como eles costumam ser com pessoas na rua, com visitas, e como a senhora se sente em relação à postura que eles têm?

P10: É, eles são meio indisciplinados (risos). Eles pulam muito, se deixar tão em cima, sabe. O poodlezinho menor, esse que convulsiona, ele é um pouco, assim, ele até uma das vezes que eu sai com ele, ele nunca tinha feito isso, a pessoa falou "posso pôr a mão nele?" eu falei "não morde" aí ele começou a avançar (risos), foi mal aquilo. É, porque ele rosnou do nada e foi pra mão da pessoa e...

FP10: O Depp late pros outros cachorros, assim, ele não pode ver um cachorro que ele... agora pra gente chegar da outra ponta até aqui, a gente demorou uns 40 minutos, porque ele para, late e avança, e quer ir onde tá o outro cachorro, ele não se toca (risos)

P10: Assim, quando chega visita eles pulam um pouco, latem, né, latem um pouco.

FP10: É, geralmente os dois ficam em uma área que quando chega alguém, a gente não deixa os dois soltos, né, mas os poodles, como eles ficam mais perto, ficam dentro o tempo todo, né, então a gente tem que dar uma separada neles também

C: Queria perguntar pra senhora em relação a perdas, enfim, a senhora comentou que é viúva, né, eu queria perguntar em relação às perdas de pessoas próximas, amigos, familiares, e em relação a perdas de animais, que a senhora também comentou que perdeu, as similaridades e as diferenças dessas perdas, a sensação, como que é?

P10: Claro, guardadas as proporções, mas eu acho que perda é perda. Não dá pra dizer que não é, né. É muito doloroso, é muito ruim e a gente não supera. A verdade é essa. Você sempre tem uma lembrança saudosa. Você sempre... você pode não estar nem pensando, mas alguma coisa que acontece, assim, você associa e você lembra e você sempre fica com a sensação de ter querido fazer mais por aquela pessoa ou por aquele animal, enfim, né, fica sempre uma coisa ainda não preenchida, isso acho que não tem como. E cada um é um, *lógico*, né, eu já tive muitos animais e um não substitui o outro, isso também não existe. Aquele animal que se foi é aquele animal que se foi. É muito duro, é muito triste lembrar, e é um buraco que fica, que não pode ser preenchido. Porque cada um é um, né, quando a gente tem vários, a gente vê, como ela [filha] explicou, ela falou "eles tem personalidade própria" então é como se fossem pessoas de pelo (risos), como diz uma amiga minha.

C: E o que a senhora costuma sentir quando vê um cachorro que não seja o seu, né, e quando senhora vê um animal de trabalho, de repente um cavalo, um boi, galinha, enfim; as diferenças desses olhares que a senhora tem, como é, é igual, é diferente?

P10: Sim, a gente tem amor por animais de modo geral, né, a gente não gosta de ver nenhum sendo maltratado, a gente já entreviu, inclusive, em algumas situações que a gente vê que o animal não tá sendo bem tratado, enfim, né... O ano passado nós fomos a um tipo de mini fazenda e tava tudo muito sujo, muito cheio de aranha e tal, e a gente falou com o responsável, né, que aquele ambiente não estava bom pros animais. Então a gente tenta...

ta vendo, ela [Juno] sobe (risos), então se não tiver espaço ela dá um jeito [Juno subiu no banco em que estávamos sentadas].

C: A senhora tava falando que já entreviu...

P10: É, e a gente ta sempre, assim... já participei de passeatas pró-animais também e... ONGs, assim, a gente ajuda, uma oportunidade da gente ajudar ONGs que a gente sabe que são sérias e que ajudam animais, então a gente doa também ração, quando é possível, pra pessoas que cuidam de muitos animais e não tem condições, né. E a gente ta sempre procurando fazer o melhor, né. No meu trabalho, por exemplo, tinha muita gatinha, muito gatinho, e eles pegaram dois cachorros de rua, e tem a policia militar, um dos policiais militares instigou uma das cadelas contra uma gatinha, né, a cadela matou a gata.

C: Nossa!

P10: É, então foi feito um movimento lá dentro pra que isso não acontecesse mais, inclusive ele foi afastado. Mas a gente sempre se preocupa em ver se eles estão em condições boas. A gente também levava ração pra esses gatinhos, procurava saber ver se elas estavam bem, sempre procurando saber se estavam lá, se nada tinha acontecido. Quando uma sumia, a gente ia procurar saber porque que tinha sumido.

C: E quais são as principais características que chamam a atenção pra senhora em cachorros de maneira geral?

P10: Eu acho que a inteligência no cachorro é extremamente perspicaz, assim, muito... essa diferenciação afetiva que o cachorro tem em relação a tudo, eu acho, eles são muito perspicazes em relação ao emocional, né... sagacidade, né, os animais são sagazes, bastante espertos. Eu acho que é a lealdade, né; a lealdade, cai no lugar comum, mas é verdade, o cachorro é muito leal mesmo. Ta sempre procurando ficar com seu dono, não importa a circunstância. Inclusive a gente vê mesmo, onde a gente leva eles, o nosso veterinário, ele cuidou recentemente de um dos cachorros daquele senhor de rua, morador de rua que tem uns 20 cachorros

FP10: Que mora numa Kombi assim...

C: Ah, eu acho que eu já ouvi falar.

P10: Um dos cachorros dele foi atropelado e o veterinário estava cuidando. Então a gente pensa... mesmo perto de casa tem um senhor que tem vários, e eles não suportam morar na rua, tomar chuva, passar fome, mas eles não vai embora, eles estão juntos ali com a pessoa. Isso é uma atitude solidária. Eu acho que cachorro tem muito isso, ele é realmente leal ao dono, mesmo que ele esteja sofrendo por ser leal ao dono.

C: E o que a senhora acha que diferencia o ser humano dos seus animais de estimação e o que iguala? Em termos de personalidade, o que o ser humano costuma ser, o que os animais costumam ser, enfim, e também em termos da relação, né: do relacionar-se com o ser humano e do relacionar-se com os animais.

P10: É, eu acho que, como costumam dizer, nunca se falou tanto em amor e nunca houve tanta falta dele, né, a gente vê em pequenas coisas, o ser humano, cada dia que passa, tá *mais humano* em termos de características não-legais, humano entre aspas, coisas que o ser humano foi desenvolvendo ao longo dos milênios aí, né, de atitudes agressivas, e que eu acho que estão cada vez mais acirradas no dia a dia, você vê isso em geral, em todas as situações. E eu acho que nesse ponto houve uma deterioração em relação ao ser humano e o que não houve com os animais: os animais estão cada vez mais humanos e os humanos estão cada vez mais animais (risos). E eu acho que o amor que o cachorro tem, que os animais têm, é único; nenhum ser humano, acho que consegue isso.

FP10: É, acho que o animal não te julga, sabe, o animal não espera nada de você, o animal não é egoísta, o animal não pensa primeiro em si depois nos outros. Eu acho que várias características assim que acho que exatamente o raciocínio humano leva a pessoa pro lado negativo, que o animal vai pelo sentimento de amor mesmo. Se você gritar com ele, em seguida ele vem abanando o rabinho pra você; se você não passear com ele hoje, ele não vai ficar rã, você não passeou comigo hoje, não sei o que lá (risos), te cobrando daquilo, entendeu? Então ele vai continuar te amando do mesmo jeito, ele vai te receber igual, coisa que o ser humano não faz.

P10: Eu acho que principalmente essa coisa do *ser humano* e *ser animal*, né, que todo mundo tá discutindo hoje. Realmente o ser humano tá mais preocupado com o *ser humano* e não o *ser animal* e o animal não tem isso, né, o animal não quer saber se o seu carro é do ano. A gente vê, por exemplo, no trânsito: uma pessoa que tem um carro mais simples, ela é basicamente massacrada; a pessoa que tem um carrão, pode tá fazendo a bobagem que foi, todo mundo tolera. E por aí vai. Então o *ser humano* suprimindo o *ser animal*, né, suplantando o *ser animal*. E os animais eu acho que ainda tem essa coisa do *ser humano* e não o *ser animal*. Se você tem alguma coisa ou deixa de ter, o seu animal vai amar você da mesma forma, não tem um interesse. Eu acho que o ser humano, por mais altruísta que seja, ele ainda pensa nesses termos. E até uma pessoa que a gente conhece fala assim *até pra ser altruísta tem que ser egoísta*. É verdade, né, eu acho que isso define o ser humano. E acho que quanto mais os anos forem passando e o mundo for ficando mais difícil, só tende a piorar isso, não vai ter jeito. E os animais vão estar cada vez sendo animais sendo o que eles são de melhor, né: leais, amorosos... Mesmo animais que são maltratados, que são tão... a gente vê animais que já foram tão maltratados por seres humanos. A gente vê isso em monte, direto, né, cachorros que tem buracos na cabeça, que nunca sararam, né, porque eles apanharam com madeira com prego na ponta; gatinhos que tem rabo cortado; pompinha que tem as patinhas cortadas, queimadas, os pezinhos. Então e eles ainda, se você jogar uma comidinha, a pombinha vai vir; o gato também; o cachorro idem. Foi assim... o cachorro jamais esquece. Eu tive uma experiência com uma cadelinha minha que a minha mãe se desfez e ela foi parar no canil da prefeitura.

Ela foi pra uma família, eu sei que rodou e acabou indo parar num canil da prefeitura. E eu estava visitando esse canil, *anos* depois, e essa cadela me reconheceu. Ela latiu pra mim, ela estava, inclusive, machucada, ela estava com um buraco na cabeça, de paulada. E essa cadela latiu loucamente, eu passei numa distância daqui ali [participante aponta pra frente], e ela lembrou, sentiu o cheiro, lembrou, e eu resgatei essa cadelinha do canil. Então essas coisas que são inesquecíveis, né. O animal tem um registro seu que ele pode passar por dezenas, centenas de pessoas, ele nunca vai esquecer seu cheiro, o tipo de contato que ele tinha com você. Eu tive essa experiência anos depois, eu tive essa cadelinha. Então é muito interessante isso.

C: E o que a senhora acha, acho que a senhora já falou um pouco, das vantagens e desvantagens de se relacionar com o ser humano e de se relacionar com o animal, né?

P10: Aham

C: Eu queria perguntar então o que a senhora acha que mantém a relação do ser humano com o animal de estimação, o que mantém no caso, especificamente, a sua relação com os seus animais, e o que a senhora acha que mantém essa continuidade das pessoas terem seus animais e quererem ter seus animais de estimação; o que mantém isso?

P10: É porque eu acho que a relação com o animal é única, por isso que todo mundo quer um animal de estimação. Mesmo que sejam pessoas muito impeditivas que falam ãeu gosto do bicho, mas ele lá e eu aqui, né, mas eu acho que de modo geral as pessoas procuram nos animais aquilo que realmente não encontram no ser humano. Isso acho que já ficou provado, né: crianças que se recuperam de doenças, pessoas de idade que saem da depressão, pessoas solitárias que tem um bicho de estimação e conseguem sobreviver bem. Então... e mesmo casais que às vezes se separam, quem vai ficar com o bicho, né? Fica uma briga maior do que quem vai ficar com a criança, né. E por aí vai. Eu acho que é por isso que as pessoas estão adotando mais, o que eu acho ótimo, e tem tanto comércio de cachorros, de gatos e bichos de modo geral, né, porque... eu só acho que as pessoas deveria manter mais os seus bichos. Mesmo comprando, se bobear, solta. Essa ONG mesmo que nós pegamos ela disse que a quantidade de cachorro e de gato jogado por cima do muro é um absurdo. E cadelas mesmo até com pedigree que emprenharam e os donos não querem, deixam as cadelas com os filhotes nessas ONGs e tudo. Então isso ainda acontece, mas eu acho que o lado positivo ainda ta prevalecendo, as pessoas estão adotando mais, estão se conscientizando, né, pra tratar.

FP10: Hoje tem muito mais coisas, você vai no pet shop, assim, tem milhões de coisas pro seu pet, né. E tem ofurô pro cachorro, então as pessoas estão cuidando mesmo como se fossem pessoas. Tem essa preocupação maior com o bem estar do seu bichinho, eu acho que é bom, só não precisa exagerar também, começar a enfeitar, pintar unhas de cachorro, são terríveis. Eu acho que se preocupar com o bem estar e cuidar.

C: E as duas últimas perguntas, né, a primeira: uma imagem que a senhora consiga pensar, talvez uma forma, uma obra de arte, um desenho, enfim, que vem à mente da senhora quando pensa nos seus animais de estimação?

P10: Ah, eu acho que os desenhos da Disney (risos)

C: Algum em específico?

P10: Ah, eu acho que essa parte de rainha e rei, eu acho que tem na infância de todo mundo, e que em tantos desenhos retratou a alma dos animais, de modo geral. Eu acho que é isso, né, uma pintura bonita, uma paisagem bonito. Eu acho que o bicho só pode ser associado a coisas lindas.

C: Especificamente a Juno e o Depp, a senhora consegue associar uma imagem pra ela e uma imagem pra ele?

P10: Ah, ele eu acho que é muito Pateta, né (risos). E ela é a Lady, ela é a Lady; ela é toda amorosa, toda doce, assim. Eu acho que ele é aquele fanfarrão de alma boa, sabe? Ele é o Mack dos Carros, sabe? Ele é tudo esses personagens assim que são muito purinhos, mas que são muito bagunceiros, que são muito atrapalhadinhos, mas que, no fundo, tem uma alma, um coração gigante.

C: E ela então seria uma Lady?

P10: É, ela também, ela tem, assim, a gratidão do animal que foi resgatado de uma situação ruim, né. E muito leal também, muito boazinha, muito amorosa. A Juno é aquele tipo de cadela que arrisca a própria vida pra salvar o dono, se ela precisar; é a Lassie, Ela tem um amor assim...

C: A última pergunta é assim: queria saber se a senhora consegue pensar em uma história específica que a senhora conheça que tenha uma mensagem por trás que seja semelhante ao que os animais de estimação trazem pra senhora; ao que a Juno e o Depp trazem pra senhora, enfim, uma história que tivesse... não precisa necessariamente ter animais na história, mas uma história que traga uma mensagem semelhante a que eles trazem.

P10: (Pausa longa) Eu em uma ocasião assisti um filme, que marcou muito a minha infância também, de uma menina que tinha deficiência física, era paraplégica, e ela, assim, tinha uma atitude muito revoltada em relação à vida, né. E ela ganhou uma vez um cachorrinho, e ela rejeitou esse cachorrinho o tempo todo. E num dado momento, quase no final do filme, ela ta na cadeira de rodas e o cachorro ta brincando, ta brincando, e ela não ta ligando pra ele. Só que ela mora numa casa que o carro pode entrar, nessas mansões que tem uma alameda onde os carros vem, e justamente veio um carro por essa alameda e o cachorro ficou embaixo do carro. E ela então fica desesperada, ela não gostava entre aspas, né, e aí ela acabou se rendendo a esse amor. Então ela fica olhando assim, muito preocupada se o cachorrinho tinha sido atropelado ou não, e ele sai super bem debaixo do carro e aí pula nela e o filme termina com os dois se abraçando, tudo. Então *ele* foi um momento bom na

vida dela, né, ele corrigiu a vida dela de algum modo. Ele trouxe alegria pra uma pessoa que tinha só revolta, era uma criança, né. Então esse filme marcou bastante, não só pelo fato dela ter rejeitado o cachorro o filme inteiro, né, e também por essa mensagem final: o animal ele *resgatou* realmente o coração dessa menina. Porque na verdade nada mudou, ela continuou paraplégica, só que ela mudou em relação a esse amor que tinha pelo cachorro. E ela não queria admitir, mas no fundo ela realmente gostava do cachorro. Então é isso que os animais fazem, né, por mais revoltada que uma alma seja, que uma pessoa seja, eu acho que em algum momento ela se enternece com algum animal, seja ele cachorro, passarinho, enfim, alguma coisa que a pessoa fale "nossa, aquele momento de ternura"; é como se fosse aquela luzinha abrindo o caminho, acho que a luzinha é o animal.

C: Eu já acabei minhas perguntas, queria saber só se a senhora tem alguma sugestão, pergunta, comentário, queria falar mais alguma coisa sobre a relação com os cachorros?

P10: Achei legal essa iniciativa, né, de trabalhar essa relação pessoas-animais, porque eu acho que é uma relação que é muito rica mesmo, né. E acho que pra estudantes de psicologia é muito bom também, porque aprende a conhecer muitas nuances de personalidade do ser humano que complementa com a do animal, eu acho, então dá pra fazer um leque legal, bem assim amplo, né, de coisas. Eu achei... parabéns, bem legal!

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Data: __/__/____

Prezado(a)

Sou aluna do curso de Psicologia da PUC-SP e estou fazendo uma pesquisa que visa um aprofundamento sobre a temática das representações simbólicas dos cães de estimação na relação com o homem, como um meio de expressão da atualidade. Em função disso, peço sua colaboração para participar do projeto *A relação simbólica entre o homem e seu cachorro de estimação: uma abordagem junguiana*, que tem como objetivo a compreensão da relação entre o homem e o animal de estimação na contemporaneidade, e suas possíveis influências. Solicito também sua autorização para gravar nossa conversa. Esta gravação será descartada ao final da pesquisa.

É importante enfatizar que todas as informações colhidas durante este projeto serão consideradas apenas e tão somente para o objetivo da pesquisa, sendo assim de caráter totalmente sigiloso e confidencial, de acordo com as recomendações éticas do Conselho Federal de Psicologia, estando proibida sua utilização para qualquer outra finalidade. O nome do participante e outras informações de identificação não serão publicados em nenhum registro escrito.

Sua assinatura abaixo indica que você leu, esclareceu dúvidas e livremente, concordando em participar do referido projeto. Mesmo após ter autorizado sua participação, fica garantido que pode desistir a qualquer momento. Se você tiver alguma questão ou dúvida, por favor entre em contato com a pesquisadora, pelo endereço eletrônico e telefone abaixo especificados.

Agradeço imensamente a sua colaboração nessa pesquisa, que será muito útil para compreender e entender melhor a relação entre o homem e seus animais de estimação.

Agradeço seu consentimento para a realização deste estudo.

Atenciosamente,

Peço seu consentimento para a realização deste estudo. Obrigada.

São Paulo, de de 2012.

Pesquisadora:

Camila Alkmim Bianco RG. 34318137-x; CPF. 371.407.268-33

Profissional Responsável: Prof. Dra. Noely Montes Moraes CRP: 06/202879

RG. 5501722; CPF. 951183908-00

Nome do(a)

participante: _____

Assinatura:

_____ R.G.: _____

Nome da Pesquisadora/Aluna: _____ Assinatura:

Nome da

Orientadora: _____

Assinatura da

Orientadora: _____

ANEXO D

**Termo de Compromisso do(a)(os)(as) Pesquisador(a)(es)(as)
Responsável(is)**

Título da Pesquisa: A relação simbólica entre o homem e seu cachorro de estimação: uma abordagem junguiana

Os(as) pesquisadores(as), abaixo assinados(as), se comprometem a:

- Respeitar e cumprir a Teoria Principalista que visa salvaguardar a **autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade** (Res. 196/96 CONEP/CNS/MS);
- Não violar as normas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Comunicar ao sujeito da pesquisa todas as informações necessárias para um adequado ~~consentimento~~ ^{consentimento} livre e esclarecido e solicitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apenas, quando o sujeito da pesquisa tenha conhecimento adequado dos fatos e das consequências de sua participação, e tenha tido oportunidade para considerar livremente se quer participar da pesquisa ou não;
- Obter de cada sujeito de pesquisa um documento assinado ou com impressão datiloscópica como evidência do consentimento livre e esclarecido;
- Renovar o consentimento livre e esclarecido de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa, informado procedimento ao CEP;
- Manter absoluto e total sigilo e confidencialidade em relação à identificação do sujeito da pesquisa e dados constantes em prontuários ou banco de dados.
- Respeitar o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana e derivados;
- Não prejudicar o meio ambiente em sua totalidade (fauna e a flora);
- Cumprir na integralidade todas as resoluções do Conselho Nacional de Saúde CNS/MS, bem como todos os diplomas legais referentes ao tema da ética em pesquisa, dos quais declaramos ter pleno conhecimento.
- Desta forma, nós pesquisadores(as) abaixo subscritos, nos comprometemos, em caráter irrevogável e irretratável, por prazo indeterminado, a cumprir toda legislação vigente, bem como as disposições deste Termo de Compromisso.

São Paulo, de de 2012.

Nome da

Pesquisadora/Aluna: _____

Assinatura:

Nome da

Orientadora: _____

Assinatura da

Orientadora: _____